

J. LUCIO D'AZEVEDO

A Evolução

DO

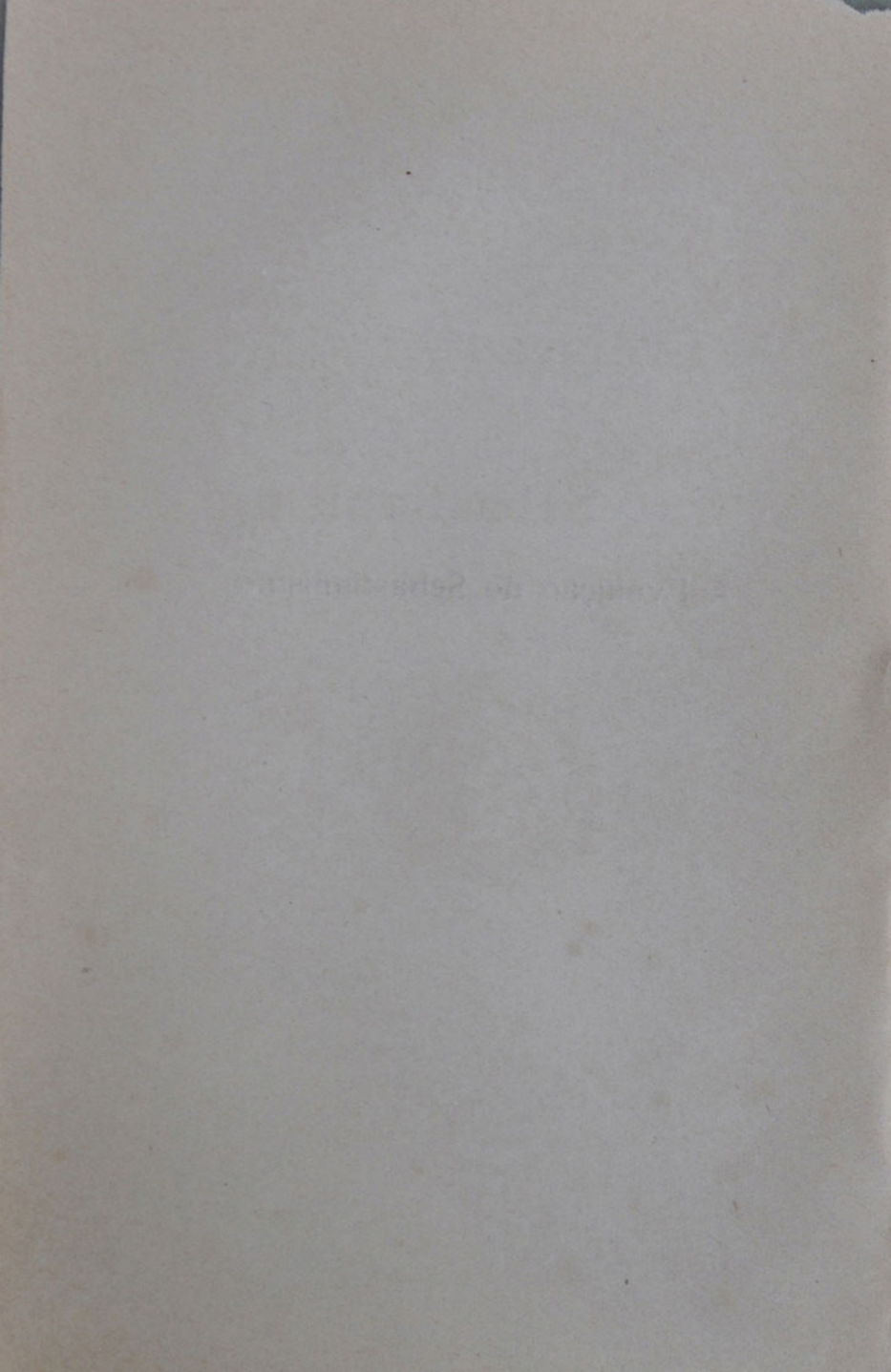
Sebastianismo



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1918



A Evolução do Sebastianismo



J. LUCIO D'AZEVEDO

A Evolução

DO

Sebastianismo



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1918



▽ ▽ Composto e impresso ▽ ▽
▽ na TIPOGRAFIA SEQUEIRA ▽
▽ 114, Rua de José Falcão, 122 ▽
▽ ▽ ▽ ▽ PORTO ▽ ▽ ▽ ▽

76h.

I

A crença messiânica em um salvador, que há de remir a pátria e exaltá-la ao domínio universal, não é, como o septicismo da nossa época nos inclina a julgar, facto somenos, na história da nossa raça, que por espaço de quasi três séculos a acariciou. Quimera foi esta que, em todo esse tempo, vemos avigorar-se em cada uma das crises da nacionalidade. O patriotismo sagrado é a origem dela. Surge em um período de aparente grandeza, quando já todavia a estrêla fulgente de África e da Índia entrara em declínio; afirma-se na catástrofe em que perdemos a autonomia; alenta-nos nas horas tristes da sujeição a Castela; triunfa com a independência; decresce em seguida na apatia reinante; e revive no tempo da invasão

francesa, com fé igual à que animava os crédulos espíritos dos anos subseqüentes ao desastre de Alcácerquibir. Só depois esta ingênua crença se foi gastando, aos atritos da razão, sem que todavia de todo se desvanecesse a idea que a produziu.

A persistência do messianismo, por tão longo tempo, e sempre o mesmo na expressão, a animar a mentalidade de um povo, é fenómeno que, excluída a raça hebraica, não tem igual na história. Enxertado no fundo de poesia imanente no character nacional, pode-se dizer que nêle definitivamente se integrou. Ninguêem acredita já que D. Sebastião venha a ressuscitar; mas, poder-se-á dizer que desapareceu de todo o sebastianismo? Nascido da dôr, nutrindo-se da esperança, êle é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparavel da alma portuguesa.

É extensa a bibliografia do sebastianismo, como seita. Principia no Bandarra, de 1530 a 1540, ainda antes de D. Sebastião, e vai muito além pelo século xix até nossos dias. Não há muitos anos se publicou um folheto de profecias, que testemunha existir ainda, na obscura alma popular, se bem que inconfessado, o culto do Encoberto. Nêste largo período não faltaram as apologias, glo-

sas e contraditas. Dois grandes nomes das nossas letras, António Vieira, fêrvido crente, José Agostinho de Macedo, incrédulo, dão lustre à polémica. Sob o ponto de vista da crítica histórica teem versado o assunto, além de outros em escritos de menos relevo, Oliveira Martins na *História de Portugal*, Costa Lobo nas *Origens do sebastianismo*, o sr. dr. Teófilo Braga na obra *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições* e José Pereira de Sampaio (Bruno) no substancioso livro *o Encoberto*, em que difícilmente se encontrará uma lacuna. Deixo de incluir a obra clássica de Miguel d'Antas *Les faux Don Sébastien*, por tratar de casos que são episódios do sebastianismo, limitado a um período, e não realmente a sua história e psicologia. Sem embargo, o assunto não se esgotou de todo, e se me não engano presta-se ainda a estudo.

Há no sebastianismo dois factos a considerar: a esperança na vinda de um rei predestinado, e os anelos do que êle havia de realizar. Estes existiam já antes de aparecer o predestinado, e foi seu primeiro interprete Gonçalo Anes, o *Bandarra*, sapateiro de Trañcoso, nas *Trovas* que são o evangelho do sebastianismo. Nada melhor nos ilucida sôbre a gestação e natureza desta dura-

doura quimera do que o processo do Bandarra no Santo Ofício. Deficiente, como são todos os do período inicial da Inquisição, por êle se nos desvenda, com a personalidade do autor, o espírito que presidiu á concepção da obra, e o meio especial em que ella se propagou.

Logo se vê que teve grande voga entre os cristãos novos, não só de Trancoso, como de Lisboa e de todo o reino, e que principalmente da Bíblia tirava o vidente a matéria das predições. Da esperança judaica no Messias, amalgamada com vaticínios trazidos de Espanha, últimamente aparecidos, e resíduos de lendas do ciclo arturiano, conservadas na tradição popular, veio a brotar o sebastianismo. Nas *Trovas* pela primeira vez se materializa o estado de alma, tão peculiar, que por tanto tempo distingue a raça portugueza; e ao autor delas coube o dar-lhe expressão, com o que, por apagados que sejam seus méritos, tal foi a sua acção que de nenhum modo o podêmos excluir da história da literatura nacional.

Escassos são os traços biográficos que desta curiosa personagem se apuram. Da sua ascendência o próprio processo nada diz. Nêsse tempo, ainda aos inquisidores não affligia o prurido de indagarem quantos

graus de sangue infecto haveria nos réos, e a razão é que a grande mestiçagem sómente então principiava. Parece entretanto que o sapateiro de Trancoso inteiramente se achava isento de mácula ¹. A sua psicologia é estranha. Humilde de posição, bisonho, «mais para ser ovelheiro que para falar palavra alguma de razão natural» maravilhava pelo conhecimento da escritura a seus ouvintes, a quem parecia já «um grandissimo theologo» ². Não se cuide porém fosse sujeito despido em absoluto de letras, como se usa representá-lo. Lia e escrevia, o que para o seu tempo e condição não era pouco. De memória agudíssima, sabia de cór muito da Bíblia, que em oito ou nove anos não cansara de reler, exemplar, sem dúvida manuscrito, emprestado por um João Gomes de Grã, escudeiro, também de Trancoso; e, pelo saber que tinha dela, acabara por ser para os Judeus encobertos, uma espécie de rabi, comparável na humildade do ofício mecânico aos mais afamados doutores da

¹ Veja-se a certidão pedida por um descendente em 1907, nos *Documentos e Apensos*, n.º 1, *in fine*.

² Depoimento de Jorge Fernandes, no processo, *Documentos e Apensos*, n.º 2.

lei. Á pobre loja vinham consultá-lo sobre a interpretação dos textos, e a realização que esperavam das profecias. Quando, restituída ao dono a Bíblia, lhe falhava a memória, recorria a dois indivíduos letrados da terra, doutor Álvaro Cardoso e padre Bartolomeu Rodrigues, que lhe liam, vertida do latim, a parte sobre que versava a consulta, e a atenção dêles mostra que também entre a gente conspícua o não menosprezavam. Os que lhe solicitavam as explicações recebiam-nas com o respeito devido aos oráculos. A carta de Francisco Mendes, de Setúbal, transcrita no processo, é neste sentido característica. Inquire o significado de textos de Job e Isaías, referentes ao leviatão ¹, e àcerca das *Trovas* diz-lhe: «A

¹ «Perguntou oh senhor a Job aos R^{ta} (quarenta) capitulos homde diz do liujatão, e começa: se tiraras o liujatão com amzolos, ou ataras a ssua lingoa com corda, ou lhe poras amzolo no seu nariz, ou lhe furaras a queixada com ponteiro, ou se te acrescentara rogos, ou se te falara branduras, ou fara pauto comtygo pera o tomares per seruo pera sempre, ou brincaras com elle como com passarinho e atalo as com as tuas criadas. Pergunto, senhor, começando pela derradeira, diga me que criadas são estas com que ha destar atado este liujatão, e a segunda como brincarão com ele como passaro, e a 3.^a com quem fara pauto pera o ter por seruo perpetuu, e a 4.^a a quem multi-

vossa obra me faz tam ledado cada vez que a leo que não me lembra outra cousa, porque segundo meu fraco juizo todas vezes me parecem serem como de homem cheyo de graça». Êste aprêço era geral entre os cristãos novos, em cuja sociedade vivia o Bandarra. Outro admirador, Pero Álvares, mercador de Évora, assegurava ter-lhe ouvido «razões tão grandes e elegantes que não pareciam ser ditas de quem as dezia senão dalgum grandisymo theologo, e mais alto em sciencia»¹. Diogo Montenegro depunha que êle alvoroçara muito em Lisboa e fizera grande mal com as *Trovas* e perguntas da Sagrada Escritura. Em umas e outras parecia aos cristãos novos verem a chegada do Messias anunciada, do que o vidente, sem

plicara rogos e falara cousas brandas, e que amzolo he este com que ho poderão tirar ou pera que... E tambem diz ysayas aos xxbij capitulos naquelle dia visitara o senhor com ha sua espada dura e grande e forte a liujatão serpente longa e serpente torta: he de saber que per que lhe chama serpente, e per que diz o senhor que o visitara com a sua espada dura e forte.»

A carta foi na integra trasladada, com a sentença que condenou o Bandarra, no livro *Diabruras, santidades e prophcias*, de A. C. Teixeira de Aragão, Lisboa, tipografia da Academia Rial das Sciencias, 1894, a pag. 136 e seg.

¹ Depoimento citado de Jorge Fernandes.

nada confirmar, também os não desenganava. Com isso ganhava em prestígio e provavelmente obtinha proveito material ¹. Uma só voz destôa da comum louvaminha. É a de um émulo, Luís Dias, alfaiate em Setúbal, que alguns tiveram pelo próprio Messias. Êsse proclamava que o «sapateiro merecia ser açoutado em cima de um asno», e aconselhava lhe não dessem ouvidos porque era um truão ². Ambos iam abjurar daí a pouco em público, no mesmo auto da fé.

Não é de estranhar o alvoroço que entre os Hebreus causavam as trovas proféticas, pejudas de reminiscências bíblicas, no sentido e na linguagem. Reconheciam no Bandlera um dos seus, se não pelo sangue, no affecto aos livros sagrados, que lhe inspira-

¹ Como da carta de Francisco Mendes se colige: « Senhor. Depois que me de vossa mercê e vista apartey crede que me pesou muito deixaruos tam asinha, que segundo o contentamento que de vossas cosas tomey se me fora dado toda minha vida andara em vossa companhia, determiney de uos escrever senhor esta pera por ella uos pedir de merçe me mandes ocupar em alguma cousa que ho eu syrua, porque certo ho meu desejo pera hisso seria grande . . . E asy me fara merçe mandarme dizer se estara ahi inuitos dias, porque farey muito polo hir ver e levar lhe algum refresco desta terra. »

² Depoimento de Jorge Fernandes.

vam a grosseira musa. Os vaticínios saíam do Antigo Testamento, como êle próprio afirma:

Muitos podem responder
E dizer:
Com que prova o çapateiro
Fazer isto verdadeiro
Ou como isto pode ser?
Logo quero responder
Sem me deter.
Se lerdas as profecias
De Daniel e Jeremias
Por Esdras o podeis ver ¹.

Na estrofe CXIV enuncia as aspirações do povo sem pátria:

Oh! Quem vira já Belem,
E esse monte de Sião,
E visse o rio Jordão
Para se lavar mui bem!

A primeira parte das *Trovas* corresponde ao primeiro capítulo de Isaías, no criticar os

¹ Estrofe CVIII. Sirvo-me da edição do Pôrto, de 1866, que é a reprodução de outra, feita sôbre a de Nantes, de 1644, quando sob os auspícios do Marquês de Niza a obra foi pela primeira vez impressa. A ordem diverge da que se encontra em cópias manuscritas, nomeadamente no *Jardim ameno* (Cod. n.º 774 do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo); mas parece a mais de acôrdo com o sentido.

defeitos e maldades da época. Principia pela Igreja:

... vejo grandes revoltas
Agora nas cleresias,

Porque usam de simonias
E adoram os dinheiros,
As igrejas pardieiros, etc.

e chegando aos postos eminentes:

Ah! quantos ha maus noviços
Nessa ordem episcopal!

Passa à magistratura e tribunais, onde
encontra a incúria, ignorância, avidez e venalidade:

Não vejo fazer justiça
A todo o mundo em geral

Que agora a cada qual
Sem letras fazem doutores,
Vejo muitos julgadores
Que não sabem bem nem mal

.....

Notarios, tabeliães
Tem o tento em apanhar.
Vêlos heis a porfiar
Sobre um pobre seutil.
E rapar vos por um mil
Se volos podem pagar.

E os que defendem as causas?

Bachareis, procuradores
Ahi vai o perseguir.

E quando lhe vão pedir
Conselho os demandões
Como lhe faltam tostões
Não os querem mais ouvir.

Censura a decadência dos caracteres, afo-
gados na cobiça:

A linhagem dos fidalgos
Por dinheiro é trocada ;

a indisciplina reinante, a falta de um govêrno
criterioso:

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande ;
Como quereis que a cura ande
Se a ferida está danada ?

E como não podia deixar de ser, não
esquece a garridice e demasias das damas:

Se a mulher não desse geito
Não olharia para ella.

Em que seja uma donzella
Nobre, casta, casadoura,
Ella é a causadora,
Do que acontecer por ella.

Tambem o profeta da Bíblia verbera aos que governam Judá, por amarem os presentes e correrem após as recompensas; porque ao orfão não distribuem a justiça e á presença dêles não chega a causa da viuva ¹. As filhas de Sião são orgulhosas, caminham de cabeça erguida, deitando olhares para uma e outra parte, e andando a passos miúdos fazem tinir os anéis que levam nos pés ². O povo é oprimido por crianças, governado por mulheres ³. *Sem haver chefe que mande*; diz o Bandarra por seu turno. Cumpridas as profecias, nascerá um rei que há de estabelecer para sempre o império do direito e da justiça ⁴. O mesmo anunciam as *Trovas*:

Este Rei tem tal nobreza
Qual eu nunca vi em rei:
Este guarda bem a lei
Da justiça e da grandeza.

Será o tempo do quinto e último império, profetizado por Daniel, com

Os outros reis mui contentes
De o verem imperador ;

¹ Isaias, Cap. I, 33.

² Ibid. Cap. III, 16.

³ Ibid. Cap. XIII, 12.

⁴ Ibid. Cap. IX, 5 e 6.

e então, como no sagrado livro, todos os povos serão convertidos à fé de um só e verdadeiro Deus:

Todos terão um amor,
Gentios como pagãos,
.....
Servirão um só senhor,
Jesus Christo que nomeio,
Todos crerão que já veio
O unguido do Senhor.

Reaparecem as tribus de Israel perdidas, e êle nos mostra Dão, Rubem, Simeão, Nef-talim, Zabulão, Gad:

Gad vinha por capitão
Desta gente que vos fallo,
Todos vinham a cavallo
Sem haver um só peão.

E para que não haja dúvida sobre a origem de seus ditos, o oráculo confirma:

Tudo quanto aqui se diz
Olhem bem as profecias
De Daniel e Jeremias,
Ponderem nas de raiz.

Era pois natural buscarem os cristãos novos alusões, aos Messias que esperavam, nas coplas do sapateiro beirão, e a própria

Inquisição lhes corroborava as suspeitas, quando condenava o livro e proibia o vate de tocar em cousas da Sagrada Escritura. Na Beira foi onde mais se difundiram as cópias, não pela vizinhança do autor, mas porque lá justamente abundava a gente hebraica ¹.

Ao fundo propriamente judaico se juntou o que da lenda de Merlin restava ainda na tradição popular, se é que não veio de Espanha com outros elementos, que o autor das *Trovas* igualmente utilizou. Dela procedem as alegorias do leão e do porco, que respectivamente representam Portugal e Marrocos:

Já o Leão he experto
Mui alerta
Já acordou anda caminho
Tirárá cedo do ninho,

1 D. João de Castro, o corifeu do sebastianismo, fala no «cardume grande que ouue de copias, espalhadas principalmente pela Beyra»; e também que «muitos dos Judeus trazem muy empapeladas muytas profecias nossas, por amor das grandes venturas que prometem, parecendo-lhe que sam as que elles esperam. No número das quaes sam as de Bandarra» (*Paraphrase e concordancia de algvas Prophecias de Bandarra, çapateiro de Trancoso*. 1603. Edição fac-simile. Porto 1901, fs. 4 e 76).

O Porco, e he mui certo
 Fugirá para o deserto
 Do Leão, e seu bramido
 Demostra que vai ferido
 Desse bom Rei Encoberto.

.....
 Já o Leão vai bradando
 E desejando
 Correr o Porco selvagem,
 E toma-lo ha na passagem,
 Assim o vai declarando ¹.

O *Encoberto*, que devia ser mais tarde D. Sebastião, não o inventou também o Bannarra. Passara de Espanha para cá. Não era caso único na Península o do vidente de

¹ Encontram-se as referências na *Crónica em redondilhas* de Affonso xi, poema da idade média, que celebra a batalha do Salado, e é, segundo o sr. Teófilo Braga, versão de um romance português perdido, de Afonso Giraldes (*Historia da Litteratura Portuguesa, Edade média*, pag. 255 e seg.). Dêle são as estrofes seguintes, colhidas das que o sábio professor transcreve na *Historia de Camões* no volume consagrado á Escola do Poeta, Porto, 1874, de pag. 325 em diante:

Reynara un leon provado
 En la provençia de Espanna,
 Sera fuerte é apoderado
 Sennor de muy grande campanna.

.....
 El otro leon dormiente
 Aquel rrey fue su natural

Trancoso, nem exclusivo do ambiente de judaísmo em que êste vivia. Na monarquia vizinha alvorotavam-se da mesma forma os espíritos, preocupados com os destinos da nacionalidade. Cêrca de 1520 começaram a divulgar-se textos proféticôs, uns exumados de escritos atribuidos a Santo Izidoro, arcebispo de Sevilha no sétimo século, em tempo dos Godos; outros, que andariam na tradição, de Merlin; alguns, porventura inventados na ocasião. A monarquia de Carlos v não satisfazia as expectativas; previa-se o desastre dela, e, cousa singular, estava destinado a um príncipe portugûês destrui-la e

Que rrenó en el Poniente
Que chaman de Portugal.

.....
El puerco sera bençido,
Escapara de la muerte,
A Marruecos sera bolvido
Com muy gran desonra fuerte.

.....
Salir-se ha el puerco espin,
Sennor de la grand espada,
De tierras de Benamarin
Ayuntara grande albergada.

.....
Estas palavras apuestas
De los leones e puerco espin
Así como ssom compuestas
Profetisolas Merlin.

cingir a coroa do império ¹. Das profecias de Santo Isidoro dizia uma: *Sazon se halle-gara que el Encubierto verna en Hespanna caulgado en cauallo de madera, y aun estara*

¹ Encontra-se isto na obra: *Historia de la vida y hechos del Emperador Carlos V. Max, Fortissimo. Rey Catholico de España y de las Indias, Islas y tierra firme del Mar Oceano... Por el Maestro Don Fray Prvdencio de Sandoval, su Coronista, Obispo de Pamplona... En Pamplona, 1674.* Nela, a página 265 do Tomo 1.º se lê: «Estauan las cosas de España tan turbadas, los hombres tam desatinados, que no parecia sino açote del Cielo, y que venia sobre estos Reynos otra destrucion, y acabamiento peor, que la que fue en tiempo del Rey Don Rodrigo. Creyan en agujeros, echauan juyzios y pronostico amenazando grandes males. Inuentaron algunos demonios no se que profecias, que diziam eran de San Isidro Arçobispo de Seuilla, otras de Fray Iuan de Rocacelsa, y de un Merlin, y otros Dotores, y de S. Iuan Damasceno, llantos, o plantos que lloro San Isidro sobre España. Y en todas ellas tantos anuncios malos de calamidades y destrucion de España, que atemorizauan las gentes, e andauan pasmados. He los visto, y leydo, y son tantos los desatinos que tienen, que no merecen ponerse aqui, sino espantarnos de que vuiesse tanta facilidad en los hombres de aquel tiempo, que creyessen semejantes cosas. Particularmente cryan los ignorantes en una que dezia, que auia de reynar en España vno que se llamaria Carlos, y que auia de destruir el Reyno, y assolar las ciudades. Pero que vn Infante de Portugal le auia de vencer, y echar del Reyno, y que el Infante auia de reynar en toda España: y pareceme que ha salido al contrario. Tales obras haze la passion ciega, e tales desatinos persuade». O trecho vem traduzido na obra de Sampaio (Bruno) *O Encoberto*, a pag. 187.

aca, y de muchos no sera crido ¹. Nêsse mesmo ano de 1520 saíram da estampa em Valência umas *Coplas de frei Pedro de Frias*, que eram a explicação em rima popular dos supostos textos do Arcebispo de Sevilha. Uma resava assim:

Esto sera al mes doutubre,
Esta escriptura no erra,
Avera la vitorya en guerra
Un rey que non se descubre ².

¹ *Paraphrase e Concordancia do Bandarra*, por D. João de Castro, edição cit., fs. 105 v.

² A noticia da impressão da obra, verdadeira ou suposta, de Pedro de Frias, acha-se a pagina 10 da *Ressorreçam de Portugal e morte fatal de Castella*, por Fernão Homem de Figueiredo. A quadra acima não se encontra nas cópias dos sebastianistas, nem outras duas mencionadas na carta de Francisco Mendes a Gonçalo Anes Bandarra. Depara-se-nos em compensação est'outra:

Saldra dentre hispanos
Un Rey que esta encubierto
Que hara meter en concierto
A los principes christianos.

A estrofe podia-se presumir interpolada para bem da causa, mas não deve ser assim, porque a composição inteira, que consta de muitas décimas, é evidentemente de data posterior. Nela se descobrem alusões transparentes a Felipe II, a seu filho Carlos, ao govêrno do cardeal D. Henrique, á batalha de Alcácer-quivir, e a Henrique IV de França. A décima que trata do último é como sêgue:

O Encoberto era pois achado anterior ao Bandarra, e já assumira o título um indivíduo misterioso, judeu, que capitaneava os sublevados de Valência em 1532, e pretendia passar pelo príncipe D. João, filho dos Reis Católicos, anos antes falecido ¹. É provável fôsse o livro de Pedro de Frias que suscitou a aparição e apelido do aventureiro. Morreu êle no patíbulo; teve porém sucessores, e cada um se dizia o próprio Encoberto redi-

Un principe mui esforçado
La corona alcançara
Y este la ganara
Con su valor extremado.
Y luego sera llamado
Al iugo do buen pastor,
Y por su braço y valor
Apesar de arrianos
Emitara los christianos
Quitado de todo error.

(Trasladada do *Jardim Ameno*, cit. a fs. 35)

As outras são de igual tómo. Nêste caso os *arrianos*, são os huguenotes, e a referência vem de Santo Isidoro, grande inimigo do heresiarca Ario, e seus adeptos.

Da existência real de umas coplas atribuidas a Pero de Frias, diversas das que os sebastianistas coligiram, não se pode duvidar, à vista da carta de Francisco Mendes no processo do Bandarra.

¹ Sandoval, *Historia del Emperador Carlos Quinto*, cit.: «Pues en este tiempo de las Comunida-

vivo ¹. Aqui se encontra a lenda do sebastianismo em embrião.

Em mais de um sítio nas *Trovas* se refere o Bandarra aos Arianos, vocábulo cuja significação própria de certo lhe escapava. Plausivelmente reminiscência de Santo Isidoro, cujos supostos vaticínios deviam ter chegado a Portugal com os de Pedro de Frias, nos quais também se encontra a referência. Dêste último veio a menção de Turcos

des ciegas, los de Valencia agermanados, lo estauan tanto que vn hombre vil aduenedizo que se juntó com ellos, viniendo huyendo de Africa lo recibieron y creyeron por el príncipe Don Juan, y lo juraron por Rey, y los mandó y rigió dos años hasta que tuvo el fin que merecia, como aqui veremos . . . Dijo, que lo enviava Dios para darles libertad, y que les descubriera muchas armas y dineros. Los de Xativa le seguian como a su Redemptor, llamandole el Encubierto, y que Dios lo embiaua para remediar los pueblos.» Tom. 1.º, pag. 297. Veja-se também Bruno, *O Encoberto*, pag. 197 e seg. A passagem transcrita não se encontra na edição de 1675, de Madrid, abreviada e acrescentada, a qual difere muito da primitiva, que cito.

¹ Em 1597 escrevia D. João de Castro: «Correm em Portugal e em Castella hũas prophcias de Sanct'Isidoro, arcebispo de Sevilha, que pode auer mais de mil annos que floreceu, das quaes se não duvida naquelles reinos senão só quando se cumprirão. Promettem quasi todas hum grande príncipe e senhor, ao qual não nomeiam senão pollo encubierto.» (*De quinta et ultima monarchia futura*, cap. v, nas *Obras*, t. 2.º Ms. da Biblioteca Nacional.)

e Venezianos, que todavia o Bandarra trata de modo diferente, causando embaraço aos discípulos, que estranhavam a divergência ¹.

Outra fonte de inspiração foram as coplas que diziam de frei João de Rocacelsa, onde, além dos pastores, vacas, dragão, serpentes, que também se encontram no Bandarra, figuram os *cavillos mariannos*, (marinhos?) e a *grifa*, que tanto havia de dar que fazer aos intérpretes sebastianistas ².

¹ Veja-se a carta citada de Francisco Mendes, no processo:

« em campo de venezeanos
se dara tam gram batalha
que antre turcos e christianos
crescera clarins e malha:
morreram nel disbarate
los dozentos mil christianos
y sen numero pagamos
ho Rey dara xaque e mate,

e ysto mostra que sera no campo venezeano e uos se-
nhor mostraes em uossa que o turco se Retreera e o
emperador lhe tomara a terra; peçouos que disto me
mandes a certeza.»

Esta oitava, como se diz em a nota 2, pag. 22, não se encontra nas colecções sebastianistas.

² Diz o Bandarra:

Tambem Pedro a quem procuro
E' um barão singular,

.
Ilo hemos ajudar
Até poder sujeitar
Os cavillos mariannos.

Aí também se nos depara o Encoberto ¹.

Frei João de Rocacelsa:

Sale com nuevo pendor
El cavallo marianno,
Dexa el Ausonio Troiano
Para otra ocasion
Viene aora al oceano.

O Bandarra:

O Rei novo he escolhido
E elegido
Ja alevanta a bandeira
Contra a Grifa Parideira
Que taes postas tem comido.

Rocacelsa:

De la terra de Antheon
Saldran osos y pantheras
Salen unas tigres fieras
De los montes de Orion
Com grifas en sus banderas.

Grifa, diz António Vieira nas *Esperanças de Portugal*, é um animal composto de leão e de águia.

A obra de Rocacelsa vem no *Jardim Ameno* com o título: *Prophecias de hum religioso de São Bento, natural de Aragão, ha mais de cem annos que as fez, e mandou a El-Rei Dom Fernando estando sobre Granada, tresladaram-se da Torre do Tombo, o anno que se perdeu El-Rei Dom Sebastião*. Em outras colecções, porém, com o nome do autor.

¹ Sube por el mar airado.
Un crusado prisioneiro
Encubierto aventureiro
Llegara de dia al prado
Aun que amañessa primero.

Assim, pois, fora do que tomou ao judaísmo, e nêste sentido é único, o profeta nacional caminha em sendas já trilhadas. As *Trovas* dizia êle que as fizera em louvor de Deus e de Elrei; e o leão vinha a ser D. João III. Os cristãos novos referiam-nas porêm ao Messias, e muitas circunstâncias a isso os incitavam. Isaac Abravanel, notável hebreu português, tão famoso como financeiro, como pela sciência bíblica em que foi exímio, anunciara para 1503 a chegada do redentor prometido. Para cumprir o prognóstico appareceu em 1502 um aventureiro, em Ístria, a dar-se pelo Messias, e a notícia logo se divulgou em toda a Itália, com grande alvorôço da população judaica. Contemporâneo do Bandarra foi o alfaiate Luís Dias, de Setúbal, que a um grupo de crentes ingênuos logrou também persuadir que era o Messias ¹. E, caso mais extraordinário que

Não tenho dúvida em considerar êste poema das collecções sebastianistas como o próprio de Valência, pois do estilo sibilino de todas as estrofes nada se penetra com applicação possível a sucessos posteriores à época em que o historiador de Carlos V nota ter êle apparecido.

¹ Veja-se a carta do Cardeal D. Henrique, a Pedro Domenico, agente em Roma, de 10 de Fevereiro de 1542: «...Hum çapateiro em Setuvel, christão novo, per nome Luys Diaz se fez Messias, e com mi-

iludir a simplicidade de criaturas apaixonadas e incultas, do número dos crentes chegou a fazer parte um cristão velho, letrado, o doutor Gil Vaz Bugalho, juiz de fora em Évora e desembargador dos Agravos, além de outras pessoas igualmente de considera-

lagros feitiços provocou muytos christãos novos a crerem que ho era, e o adorarem e lhe beijarem a mão por Messias, e fazerem outras exorbitancias com ele, amtre os quais avia fisicos e leterados que eram avidos por homens de bem.» (*Corpo Diplomatico portuguez*, T. 5.º, pag. 34.)

Veja-se mais nos *Documentos e apensos* o n.º 3: Sentença de João Fernandes, e n.º 4: Processo de Luís Dias.

Seguindo a uma relação manuscrita no volume das *Listas de Autos de fé de Évora*, da Torre do Tombo, e a *Historia da Inquisição* de Moreira, diz Teixeira de Aragão, em *Diabruras, santidades e prophecias*, p. 139, que o Messias de Setúbal, sapateiro, depois de ter saído no auto de 23 de Outubro de 1541, em Lisboa, em que abjurou seus êrros, juntamente com o Bandarra, foi queimado em Évora, por haver reincidido, no auto que ali se realizou em 1542. Há várias inexactidões a corrigir. A primeira a do officio de Luís Dias, que não foi sapateiro mas alfaiate. A segunda a do supplicio. É certo que o embusteiro foi pela segunda vez processado, mas em Lisboa. Apelou, e se bem não estejam os autos completos, parece foi rejeitada a promoção. A abjuração é de 1538; o segundo processo de 1539. Quanto ao processo de Évora não existem dêle vestígios no cartório do Santo Officio, nem pertencia Setúbal à jurisdição dêste tribunal. Creio pois estivesse em êrro o anónimo compilador das listas da Torre do Tombo, que aliás nesta parte parece ter colhido a nota, não de documento coevo, mas de alguma narrativa que a tradição ilusa conservou.

ção ¹. Nem já era êste o primeiro Messias aparecido em Portugal. Anos antes, cêrca de 1526, chegara ao país um Judeu, que dizia ser da tribu perdida de Rubem, e vir da Núbia e Arábia anunciar a redenção próxima ao povo escolhido. Um irmão seu, que reinava no Oriente, havia de conduzir a nação, dispersa entre as nações, à terra prometida. Em tôrno do forasteiro e de seus feitos se teceu desde logo uma lenda. Diziam ter êle vindo, a mandado do soberano, seu irmão, solicitar do Pontífice, e príncipes ca-

¹ Diz Teixeira de Aragão, loc. cit., seguindo ao mesmo compilador e a Moreira, que Gil Vaz Bugalho fôra queimado em Évora, no auto de 20 de Dezembro de 1551, achando-se preso desde 1538. Tal processo não existe entre os de Évora, nem entre os de Lisboa. Na *Historia da Inquisição*, Moreira diz que naquele auto saiu a morrer um desembargador dos Agravos por sodomia. Não era êste o caso de Gil Vaz Bugalho, cujas culpas eram de apóstata judaizante. O que de seguro há sôbre êle é a carta de D. João III ao Papa, em que tendo-lhe descrito os malefícios dos cristãos novos e os «alevntamentos de Messias novos», continua: «Assi quantos idiotas, plebeios e symprezes se devem presumir seduzidos e ruindados, vendo Gil Vaz Bugalho, christão velho, meu antigo desembargador, convertido ao judaismo, esforçado e contumaz em sua malícia, e no breve que de Vossa Santidade sobreticiamente, como creio, alcançou, em o qual Vossa Santidade o eximio e tirou do ordinario poder da santa inquisiçam, se vê» (*Corpo Diplomatico português*, T. 5.º, p. 338). Tendo breve de isenção é natural tenha escapado ao Santo Officio, e por isso o processo não se encontra.

tólicos, armamentos para trezentos mil guerreiros, dispostos a expulsarem os Turcos da Palestina, e que D. João III o chamara a Portugal, e festivamente o recebera em Almeirim. Em Roma dera-lhe o Papa audiência solene, como a embaixador, e para ela fôra o enviado do Oriente com séquito numeroso de judeus e cristãos. A imaginação hebraica, sobreexcitada, divagava em raptos, embalada na sua aspiração secular. David Rubeni, assim dizia chamar-se o recém-vindo, era para os adeptos da sua fé, o precursor verdadeiro, se não o próprio Messias. Muitos Hebreus, por induções dêle, regressavam à crença antiga, e mancebos já nascidos no cristianismo circuncidavam-se. Estes acontecimentos, sôbre os quais a prudência e temor dos cristãos novos impunham sigilo em Portugal, produziram em Castela arruído, sobretudo na vizinhança da fronteira, do que resultou escrever a Inquisição de Badajoz a D. João III, a denunciar os factos, e incitar o monarca a introduzir o tribunal da Fé nos seus domínios ¹.

Entre os discipulos de Rubeni, que na ocasião abraçaram a religião dos antepassa-

¹ Veja-se a carta do doutor Selaya nos *Documentos e apensos*, n.º 5.

dos, foi célebre Diogo Pires, escrivão da Casa da Suplicação, que ao circuncidar-se tomou o nome de Salomão Malco ou Molco. Foi êste um dos mais estranhos visionários do judaísmo. O rumor que em torno de Rubeni se fazia obrigou êste a fugir de Portugal. Seguiu-lhe o exemplo o discípulo. Viajou. Instruiu-se na literatura sagrada, e depois na sciência cabalística, em que, parece, foi insigne. Em Constantinopla, e outras terras do levante, que percorreu, a sua eloquência e a fama do muito saber atraíam-lhe discípulos em grande número, aos quais anunciava para 1540, segundo cálculos cabalísticos, a chegada do Messias. A tomada a saque de Roma por Carlos v, em 1527, avivava a crença nestas predições, por isso que à destruição da cidade eterna deve seguir-se o quinto e último império, conforme a interpretação do Apocalipse pela cabala. A fama de Salomão Malco dilatou-se por todo o Oriente e na Europa, e não poucos o tinham também pelo Messias ¹. Deixando os

¹ Cf. Graetz, *Volkstuemliche Geschichte der Juden*: «In Asien, der Tuerkei, Ungarn, Polen, Deutschland regten sich daher im Herzen der Juden messianische Hoffnungen, die sich an Salomon Molchos Namen knuepften, und die er zur Verwirklichung bringen sollte.» T. 3.º p. 208.

países maometanos, Malco passou à Itália. Em 1531 encontrâmo-lo em Roma, onde dando-se por Judeu lídimo, baptisado por violência, alcançara um breve que o punha a coberto de perseguição, pelo facto da apostasia, e acaso trabalhava com os correigionários por embaraçar as diligências de D. João III sôbre a Inquisição. Assim o dava a saber o enviado Brás Neto em carta ao soberano, e fazia notar que êle, vivendo públicamente como Judeu, prégava aos do seu credo, para muitos dos quais passava por santo ¹. Sem forçar em demasia a signi-

¹ No *Corpo Diplomatico Portuguez*, T. 2.º p. 322. Nessa carta de 11 de Junho, Brás Neto exprime receios de subôrno do Cardeal Santiquatro, escrevendo em seguida: « Areceo que tenham jaa qua feyta a diligencia com algum seu sobrinho ou cemareyro, e asy com algum do papa, e que tenham tudo feyto como lhe compre e à sua vontade, porque aquy esta um portugues, que quando lá se tractava como christão se chamava Dioguo Pirez e servio o officio de Fragoso d'escrivam dante os ouvidores da casa da supplicação, o qual se veo declarar por judeu a Turquya, dizendo que fora feyto christão por força, e que nunca o fora, e por esta emformaçam ouve um breve do papa, per que manda que nenhuma pessoa per isso lhe dee molestya, nem faça mal algum, e manda à justiça ecclesiastica que nisso nom entenda; e agora publicamente está aqui judeu, e pregua aos judeus, e crem nelle, e quasy ten no por sancto. Este falla com cardeaes e com o papa, e ey medo que de laa lhe escrevam alguns seus amigos, e lhe mandem dinheyro pera peitar e torvar ». (Pag. 324).

ficação do vocábulo, pode-se crer que, na capital do mundo católico, como entre os Hebreus do levante, Malco, empenhado em remir os seus da perseguição em Portugal, fosse por alguns considerado o Messias salvador.

Clemente VII, afeiçoado à cabala, tinha predilecção pelo Hebreu português, que na familiaridade com o Pontífice chegou ao excesso, dizem os autores israelitas, de tentar convertê-lo ao judaísmo. É prudente não aceitar sem melhor abonação o assêrto, assim como o de ter êle feito iguais tentativas com Francisco I de França e o imperador Carlos V. O que parece averiguado é ter o apóstolo israelita morrido em Mântua, onde foi como herético sentenciado à fogueira em 1540 ¹.

¹ A respeito de Rubeni e Salomão Malco escreve o conhecido hebreu Manassé ben Israel: «Ribi Joseph a Coen, hombre fidedigno en su Chronologia, relata con mas certitud que el Iudío que vino de aquellas partes era hermano de un Rey Israelita, y se llamava David a Rehubeni, esto es del tribu de Reuben, el qual atravesando por las Indias vino a Portugal, y allí hizo Iudio al secretario del Rey, y circuncindandose se llamó Selomoh Molcho, y vino a ser en brevissimo tiêpo tã grãde sabio en la Ley, y aun en la misma Cabalá, que admiró toda Italia con su raro ingenio. Este secretario pues y David Reubenita persuadieron al Rey Francisco, y despues al Papa, y Carlos quinto, a que abraçasen el Iudaismo: por lo qual Selomoh Molcho fue preso en Mantua, y despues quemado

David Rubeni, que o tinha acompanhado, prêso como êle à ordem do Santo Officio, e transferido, dizem, para Espanha, ali terminou no cárcere seus dias¹.

Entre os católicos não era menor o desvario. Nessa época vivia-se ainda muito no maravilhoso da Idade Média, em que a magia, a alquimia, a astrologia eram sciências exactas, e as leis naturais como que não existiam, incessantemente anuladas, ora pelo feitiço, ora pelo milagre. Ultimamente, para mais perturbar as inteligências, penetrara no cristianismo a cabalística, até aí domínio exclusivo da gente hebraica. O célebre Pico Mirandolense tinha-a popularizado, e pretendia achar nela confirmados os dogmas cris-

vio, en el año de 1540, por mādado del Emperador, aũ que le concediã la vida, si se bolvia christiano. El reubenita fue llevado del Emperador preso a Espana, donde murió de alli a algunos dias. > *Esperanza de Israel*, Amsterdam 5410 (1650), p. 59.

¹ O historiador israelita Keyserling (*Geschichte der Juden in Portugal*, 1867, p. 227) pretende identificar David Rubeni com o Judeu do Çapato, outro Messias, que o manuscrito citado da Tõrre do Tombo, e Moreira na *Historia da Inquisição*, dizem foi queimado em Evora, no auto da fé de 1542. Nem o processo, nem noticia alguma dêste Judeu tenho encontrado até agora. E provável a confusão com David Rubeni, bem que êste, se de Mântua passou prêso à Espanha, o que aliás é duvidoso, de nenhuma maneira podia ser sentenciado em Portugal.

tãos. Adoptavam-na as sumidades da Igreja e do século. Sixto v mandou traduzir em latim os expositores, para se instruírem nêles os eclesiásticos. Já disse como, por famigerado cabalista, o apóstata Diogo Pires grangeara as graças de Clemente VII. E o êxito da falsa sciência dilatou-se por largos anos.

Foi nêste ambiente de maravilhoso que o Bandarra e seus vaticínios floresceram. Era um místico convencido, um enganador por gôsto, um burlão que vivia de seus prognósticos? Provavelmente de tudo um pouco. Claro que não se penetra o sentido verdadeiro das *Trovas*. A exegese dos crentes torceu-as de mil maneiras, extraiu-lhes toda a possível substância; tudo apesar disso permanece na usual obscuridade dos oráculos. É de supôr que nem êle próprio se entendesse, e fôsse esfinge também para si. Do acervo de noções vagas, que na mente se lhe confundiam, brotavam-lhe palavras a flux, ideas truncadas, tudo isso, quanto mais estranho e incoerente, mais a satisfação sua e maravilha dos ouvintes boçaes. Frases de extravagante contextura, têrmos que punham em conflito as ideias, torrente verbal que ocorria ao sabor do ritmo e da rima, eis o que eram as profecias. Entretanto um ponto sobressai nítido, que se não satisfazia aos cris-

tãos novos, à espera do seu Messias, contentava o patriotismo, ferido dos primeiros revezes no Oriente e em África: conquista de Marrocos, o Turco derrotado, império universal.

As *Trovas* corriam de mão em mão. Trasladou-as primeiro um Heitor Lopes, converso, tosador, vizinho de Trancoso, e depois foram-se as cópias repetindo. Uma, que caiu em mãos de Afonso de Medina, desembargador da Mesa da Consciência, que andava em correição pelo Alentejo, deu motivo à prisão do Bandarra, que foi levado a Lisboa. Desenleando-se no processo de toda a suspeição de judaísmo, Bandarra abjurou seus êrros no auto da fé, e obrigou-se a não mais escrever, ler nem divulgar cousas tocantes à sagrada escritura. O livro das profecias foi proibido, mas isso, e a condenação do autor, ainda mais o faria prezar.

O facto é que os cristãos novos não abandonavam suas esperanças. O messianismo passava por contágio aos cristãos velhos, e a inoculação de sangue hebraico, cada vez mais copiosa, preparava a receptividade nas gerações novas. Pouco a pouco se foram incrustando na consciência nacional as ideas aparentes nas *Trovas*, e afinal soou a hora em que todo o Portugal esperava o salvador

prometido, para uns o filho da casa de David, anunciado a Israel, para outros o rei *Desejado*. E neste sentido foi o Bandarra verdadeiramente profeta, não porque acertasse nos prognósticos, mas pela acção intensa que no seu povo exerceu.

Ele deu por muitos anos à nação a esperança e a fé. Uma e outra se afirmaram no brado jubiloso que em 1554 saúdou o nascimento de D. Sebastião.

Rei que por milagre nos foi dado

lhe chama um escriptor de fama, traduzindo
a Diogo de Teive, e

... unico remedio da ruína
Que as lusitanas cousas receavão ¹.

Esta impressão era a do primeiro instante,
e foi a de sempre, pois nunca mais se apagou.

Maravilha fatal da nossa idade

¹ Diogo de Teive nas Regras para a educação de D. Sebastião, em verso latino, enviadas a Francisco de Sá. Citação tirada do trecho que dá José Pereira de Sampaio no *Encoberto*, a pag. 94 e seguintes.

o considerou Camões embevecido, e

Dado ao mundo por Deus...
Para do mundo a Deus dar parte grande,

anunciando assim as conquistas, que havia de fazer em terras maometanas.

Tudo nêle influe o sentir de predestinado. Criam-no *com fumos de imperador de Marrocos*, clama o provincial dos Agostinhos, frei Miguel dos Santos, no sermão das exéquias ¹. Diogo de Teive, em tersos versos latinos, prediz que êle há de estender os domínios da Índia até aos confins do orbe, e sujeitar de todo as terras africanas ². Fala aí outra voz que a da simples lisonja, porque

¹ Cf. o sermão publicado por Camilo Castelo Branco no livro *As virtudes antigas*.

² Nas regras citadas, que têm por título *Instituti Sebastiani primi felicissimi Lusitaniæ Regis ad Frânciscum de Sá uirum clarissimum*, diz o poeta:

Nunc ille nobis Rex datus miraculo
Late potentis Indiæ finis sua
Virtute terminabit, orbis finibus.
Huic clarus olim victor addet Aphricæ
Nobis molestae fertiles et uberes
Glebas.

Do volume *Opuscula aliquot laudem Joannis Tertij*, etc. Salamanca 1558, pag. 122. Exemplar da Biblioteca Nacional.

é convicção nacional. Depois das incríveis proezas da Índia, exageradas até ao delírio, nada parecia impossível. Aos treze anos, pessoa tão conspícua, como o cronista mór do reino Francisco de Andrade, presagia-lhe a glória de destruir o trono otomano, que Solimão o Grande ocupava ¹. Também os *Lusíadas* esperam dêle o *jugo e vitupério* do marroquino, do *torpe israelita*, e de quem ainda?

Do turco oriental e do gentio
Que ainda bebe o licor do santo rio.

Todas as aspirações coincidem no mesmo sonho. Destruído o Turco, recuperada a Terra Santa, dominado o judaísmo, nada mais faltava, para as profecias se cumprirem, que o império universal. Era a voz do Bandidarra que soava, até nos carmes do insigne cantor da nossa grei.

¹ Dedicatória do tradutor na *Chronica do valoroso príncipe e invencível capitão Jorge Castrioto*, de Barlécio, vertida a português por Francisco de Andrade. Cit. no *Encoberto*, p. 88.

II

Em Agosto de 1578 chega a nova do desastre de África, e da morte do rei predestinado. Estupefacção, prantos, desespero. Tantas esperanças perdidas em um adusto areal! Logo porêem acode a reflexão. E as profecias? Quem há de fazer grande a pátria e cingir a coroa do mundo? Não! O rei nascido do milagre não pode succumbir assim! Esta certeza, mais do que as vagas notícias vindas de África, divulga a convicção de se achar o monarca vivo e a salvo. Os vaticínios escritos correm de mão em mão. É nêsse tempo que D. João de Castro, o futuro apóstolo do sebastianismo, vê pela primeira vez as *Trovas* do Bandarra, que havia de explicar. Diz êle que, por ordem do Cardeal Rei, o Santo Ofício as mandou novamente proibir. Não encontro menção disso em nenhuma outra parte, mas pode ser exacto. O factó é que nenhum livro se proibiu tantas vezes; e todavia nunca foi raro. A fé dos crentes prevalecia ao temor das penas.

O pleito da successão, a aventura do

Prior do Crato, a entrada de Felipe II, são acontecimentos ruidosos em que por anos a fio se prendem as atenções. Mas passada a crise ressurgue na alma popular a esperança antiga. Sem ela não podia o D. Sebastião de Penamacôr aparecer em 1584, nem o D. Sebastião da Ericeira no ano seguinte. O caso do pasteleiro de Madrigal em 1594 não faz parte do sebastianismo; melhor se pode incluir nas peripécias relativas ao Prior do Crato. O país ignorou completamente, ou quasi, a burla traçada entre um frade irrequieto e um cozinheiro folião. Mais sério foi o episódio do calabrês Marco Tulio Catizone; por efeito d'ele se veio a radicar definitivamente nos espíritos a crença messiânica, que, adormecida um tempo, desabrochou afinal em rebentos vigorosos no século que entrava. Não foi o herói, espertalhão de baixa esfera, como os outros, que deu relêvo à aventura. Um visionário, a quem se não pode negar algum talento, em posse de nome ilustre, devotado e infatigável, deu celebridade ao D. Sebastião de Veneza. Êle foi o S. Paulo da religião sebastianista, que reuniu os elementos dispersos da lenda em corpo de doutrina, deu a esta a forma definitiva, e com o fervor dos prosélitos a propagou. Como a Saulo tambem uma súbita

inspiração o impeliu a campo naturalmente oposto àquele em que batalhara até aí.

D. João era filho natural de D. Álvaro de Castro, e por conseguinte neto do Vice-rei da Índia. A mãe devia ser criatura de condição ínfima, pois nunca a nomeia, e se uma vez dela fala é em têrmos que bem revelam o seu desdem ¹. Estudou em Évora, saindo da Universidade quando D. Sebastião partiu para a jornada de África; mas não acompanhou a expedição nem esteve prisioneiro dos Mouros, como mal informado diz Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*. No reinado de D. Henrique andou pelas províncias do norte, de onde, ao saber da aclamação do Prior do Crato em Santarém, correu para se alistar nas forças dêle. Entrou na batalha de Alcântara, e acompanhou D. António fugitivo até Viana. Foi ter depois a França e seguiu na expedição aos Açôres. No combate naval de Vila Franca não participou, por se achar

¹ «De minha mãe nam faço mençam porque nunca soube nem quis saber quem foi, nam por me desprezar della contra a ordenaçam de Deos, mas por entender que me não convinha dar-me por achado dessa parte, senão da de meu pay, pera fazer o que devia» (*Ternario, Senario e Novenario dos Portuguezes que em Veneza solicitarão a liberdade del Rey D. Sebastião*, nas *Obras* de D. João de Castro, Ms. da Bibliotheca Nacional, T. 18.º, p. 434).

no navio de D. António, que fugiu à peleja. Com o príncipe voltou a França, tornando à Terceira no ano seguinte, na armada de Mr. de Chaste, com o encargo de substituir o governador Manuel da Silva, o que não se realizou. No desembarque dado pelos Espanhois saiu ferido, mas pôde escapar-se para o reino, e depois para junto do pretendente. Em Inglaterra, na pequena côrte que ali tinha D. António, fazia parte do seu conselho. Ali se conservou algum tempo, até que descontentamentos inevitáveis na comitiva de um soberano sem coroa, sem fortuna, sem prestígio, dependente de seus apanguados, o levaram a afastar-se ¹. Com o pretexto de ir continuar em Roma os seus estudos eclesiásticos, partiu para França, onde se manteve inteiramente desligado do

¹ A causa principal era a estreiteza de meios de que o pretendente dispunha em favor dos do seu séquito. D. João de Castro queixa-se de que êle e os mais companheiros de exílio andavam em Londres esfarrapados. A mesa era escassa. «Nam poderei encarecer a fome que passámos», diz êle, e descreve o passadio em uma temporada: «ervilhas secas ou chicharos, um pamzinho com hũa vez de bira aguada e hũa talhada de queijo.» Dinheiro não havia. Em todo o tempo que esteve em França, do inverno de 1583 a 1586, D. João não recebeu de seu amo «nem camisa, nem mea, nem çapato, nem vestido, tirando um ferragoulo preto que lhe deu em Beauvez», e quando foi

pretendente, recusando por isso acompanhar a expedição de 1589, com que êle tentou pela última vez reivindicar o trono pelas armas.

Em 1587 achara D. João de Castro a sua estrada de Damasco. «Dando-se a algumas curiosidades de prophecias e revelações foi-lhe reluzindo o caso de D. Sebastião», assim refere no primeiro dos escritos, em que saíu a público, advogando a causa do prisioneiro ¹. Convêm não esquecer que D. João de Castro fôra discípulo dos Jesuitas em Evora, e que no colégio desta cidade primeiramente se havia revelado o *Sapateiro santo* Simão Gomes. Bastava a tradição para impeller um espírito inclinado ao maravilhoso ao caminho, que o desconsolado partidário de D. António começou a trilhar então. Ele

nêsse ano a Inglaterra «um ferragoulo de pano fino, calções de veludo, gibam de çetim e tres camisas, sem receber em todo o mais tempo nem um çapato.» (*Tratado apologetico contra um libello difamatorio que imprimiram em França certos portuguezes com o titulo: Resposta que os tres Estados do Reyno de Portugal, a saber Nobreza, Cleresia e Pouo mandaram a Dom Joam de Castro sobre hũ livro que lhes dirigio, sobre a vinda e aparecimento del Rei Dom Sebastiam*, Ms., nas Obras, T. 15.º).

¹ *Discurso da vida do sempre bem vindo et apparecido Rey Dom Sebastiam nosso senhor o Encuberto des do seu naçimẽto tee o presente*, Paris, 1602.

próprio nos vai dizer quais foram os guias, que lhe desvendaram os arcanos do futuro ¹:

«Os que tem o primeiro logar são os prophetas canonicos da sagrada escriptura, pelas quaes descubriu Deos tantos segredos seus pera todos os pouos e naçoens e pera todos os tempos até os derradeiros de sua uinda, ainda que isto tam escura e secretamente que sem muy particular assistencia e illustração do Espirito Sancto não se alcança mais que o de fora.

«... O veneravel Abbade Joachim que ha mais de quatrocentos annos que floreceu, varão sancto, dotado de copioso dom de prophecia, ou de espirito de intelligencia como elle de si affirma, prophetisou infinitas cousas de todas as naçoens do mundo; ou mais propriamente declarou o que está na sagrada escriptura escurissimamente prophetisada, tendo-se cumprido muitas e mui admiraveis cousas por elle ditas.

«... Outro servo de quem se Deos serviu pera revelar os derradeiros tempos foi San Methodio martir, bispo da cidade de

¹ *De quinta et ultima monarchia futura*, cit. textos em latim e português, este último com o título: *Da quinta e ultima monarchia futura com muitas outras cousas admiraveis dos nossos tempos*. Paris, 1597, Ms. no T. 2.º das *Obras*.

Tyre, que padeceu no anno de duzentos e cincoenta e cinco.

« Foy elleita pera o mesmo Sancta Brigida, com muitas outras que por breuidade não nomeo.

« Ha o liuro de Cyrillo Abbade do Monte Carmello, que contem dez escurissimos capitulos, ao qual estando celebrando Missa appareceo hũ Anjo, que lho apresentou da parte de Deos, escripto nũas tavoas de prata como se pode ver na sua lenda, o qual foi contemporaneo do Abbade Joachim.

« Ha Dandulus de Horoscopis na relação dos Sũmos Pontifices. Merlim bretão, bretão, na revelação dos mesmos Sũmos Pontifices. A colleição das Prophecias de todos os pouos por Thelephoro heremita de Cresentia. Ha tambem as Sibyllas em verso e em prosa, sendo todas muito antes da vinda de Christo. Ha tambem o liuro do hermitão frey Reynardo ou Reynaldo ou Reginaldo Lothardo allemão. E muitos outros de Sanctos e padres antigos, com muitas prophecias por si soltas, o que tudo remetto a outro tratado mais diffuso, se Deos favorecer este, approuandoo com o effeito do que em si contem.

« ... Correm em Portugal e em Castella hũas prophecias de Sanct'-Isidoro arcebispo de Sevilha, que pode auer mais de mil annos

que floreceu, das quaes se não duvida naquelles reinos senão só quando se cumprirão. Promettem quasi todas um grande principe e senhor, que ha de ser monarcha, ao qual não nomeam senão pollo Encuberto, sendo o mayor sinal particular que delle dam que terá o seu nome letra de ferro ¹.

«Tambem são muy espalhadas outras a que chamã copras de Foam de Sanct'Isidoro, o qual não he tam antigo, que falla do mesmo Monarcha, marquando-o por Encuberto ².

¹ Conforme a profecia de Santo Isidoro que dizia: *El Encubierto tendra en su nombre letra de hierro*, que D. João de Castro, em outro lugar explica de modo seguinte: «Polla qual letra entende: B: que he a primeira do nome: Bastiam: por que inda que El Rey Nosso senhor tenha mais o: Se: todo o nome he hum e tem a mesma significaçam: e em Portugal te seu naçimento ninguem se chamaua Sebastiam, com todas as letras mas somente Bastiam, deixando as duas primeiras: Se: o que inda hoje costuma a gente commã». E mais adiante mostra que o fuzil de ferir fogo tem a forma de B que é por isso a letra de ferro; outras vezes tambem S. (*Paraphrase e concordância de alguas prophecias de Bãdarra, çapateiro de Trancoso*, cit. p. 117). Mais tarde os sebastianistas optaram definitivamente pelo S, inicial de *servus*, alegando que de ferro era a corrente dos escravos.

² São as coplas de Pedro de Frias, que têm por título: *Prophecias de Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, feitas em verso por frei Pedro de Frias, dirigidas ao Imperador Carlos 5.º* Andam nas colecções sebastianistas com a nota: «Foram mandadas a D. João de Almeida, reitor da universidade de Salamanca a 19 de Dezembro de 1568».

«Fica por tratar dos de Portugal, que posto não sejam de igual auctoridade não parecê por isso de differente espirito. . . Floreceu na era de 1570 um plebeo mechanic, çapateiro ¹, mas mui illustre por virtudes e nobreza da alma, estimado por cima da sua qualidade dos principes, senhores, prelados e personagês de muitas letras e religião, o qual alem de sua sanctidade teve dom de prophecia, com outras graças, prophetizando infindas cousas áquelle Reino, de que muitas ao diante como as que passarã lhe vierã sendo viuas hoje ã dia muitas testemunhas de vista e conversação, em cujas mãos se conseruão e guardão as suas prophecias.

«Seu contemporaneo foy outro criado da Rainha Dona Catherina, mulher delRey dom João o terceiro deste nome, o qual por descubrir a dita Rainha e a muitas personagens muitas revellaçoens foy levado á Inquisição de Lisboa, pera ser examinado em que espirto revelava o que estaua para vir aaquelle

¹ O texto latino é mais explicito. Diz: «qui communiore nomine dicebatur apud nos sutor divi Rochi, lusitano vocabulo o Çapateiro de Sam Roche».

Reyno ¹. Hera então o Illustrissimo Senhor Dom Miguel de Castro, que hoje he arcebispo de Lisboa, Inquisidor, o qual com os mais officiaes do Sancto Officio o examinou por muitas vezes, tirando somente delle como Deos lhe revelara aquellas cousas que dizia, e lhe mandava que assi as descubrisse. E de todas as vezes que era chamado á mesa elle por si as repetia todas sem se encontrar em nenhũa. Finalmente depois de muitos dias de prisão falleceu nella, acontecendo a elRey Dom Sebastião e a Portugal todas as desventuras que lhe prophetizou, ficando por cumprir as bonanças e venturas, que apoz isso lhe promettia com outras cousas por uir.

«O principal de todos que mais propheetizou deixando suas propheetias ã escripto foy hũ homẽ de baxa sorte, çapateiro de Trancoso, villa de Portugal, ensinandonos Deos por estas suas eleiçõs quanto se lembra sempre de pequenos pera confusão do

¹ O mesmo procedimento se usou com o Bandarra, que foi sentenciado a declarar no auto da fé a *sua tenção ácerca das trouas que tem feito*. Ignoro quem seja este vidente de que não se encontra menção em outra parte. Só um acaso poderá deparar o processo, se é que existe, entre tantos pertencentes a Inquisição de Lisboa.

costume do mundo, não se desprezando por taes meos manifestarlhe suas grandezas, como se elle corre e despreza crerlhe por esses taes. Floreceo avera cincoenta ou sesenta annos pouco mais ou menos deixando grandes misterios prophetizados, a que todos cõmumente chamã as trouas do Bandarra, por esta ser a sua alcunha, e elle prophetizar em certo genero de uerso portugues, que propriamente se chama troua. Não sabia ler nem escrever, o qual compoz estas trouas tam bẽ feitas e seu genero que nenhũ famoso poeta portugues querendo metter noutros algũas prophcias sagradas ou quaesquer se lhe podera na perfeição dellas igualhar, porque não tem palaura que sobeje nẽ fora de seu lugar, ou consoante que se sinta: sendo muy faceis e correntes de muy excellente linguagẽ, muy cortesaãmente dita, ornada de mil figuras de eloquencia, sendo a parte donde era e onde moraua das mais impolidas do reino pera se bem falar: de modo que em semelhante sogeito e metro só o Espirito que por elle as fez e não outrẽ as podera quando quiser fazer. Foram muy tresladas e espalhadas de mão por todo o Portugal, com serẽ as mais dellas escurissimas e entenderem muito poucos muito pouco dellas ».

Transcrevo por extenso a exposição de D. João de Castro porque nela se encontram com a génese da sua crença, os diplomas do sebastianismo. Uns em que já o Bandarra se tinha inspirado, os profetas da Bíblia e frei Pedro de Frias; outros, que demandavam mais saber, colhidos depois, e que haviam de persistir até ao fim como documentos graves da seita; por último os videntes quási contemporâneos, prevalecendo a todos o Bandarra, que é a fonte principal e em todos os tempos foi a cartilha da religião sebastianista. Quando alguma vez as *Trovas* não davam a justificação cabal dos acontecimentos, adicionavam-se coplas, ou modificavam-se as existentes, de sorte que, qualquer que fosse o objecto que o sapateiro de Trancoso tinha em vista quando as compôs, o sebastianismo apossou-se delas, em cada uma das suas fases, como cabedal próprio, e explorando este tesouro ligou indissolúvelmente ao nome do Bandarra a idea que exprime no seu.

Embebido D. João de Castro no estudo das profecias, em breve se lhe arreigou no ânimo sonhador a crença de que havia de ser D. Sebastião o *Encoberto*, imperador do mundo; que por isso estaria ainda vivo, como muitos criam, e andaria a peregrinar

por terras longínquas. O que lhe sugeriam os seus devaneios confiou-o a alguns Portugueses, residentes em Paris, que, longe de lhe darem crédito, mofavam dêle e das suas imaginações. Igual resultado teve a comunicação que fez aos parciais de D. António na Inglaterra, que, sem negarem a veracidade dos textos, alegados por D. João de Castro, capitulavam de doidice a interpretação. Êle porém, indiferente aos desdens e ao escárnio, absorto em seu dourado sonho, julgava-se verdadeiramente tocado da inspiração divina. «Nam entrei por mim nesta empresa senam pelo espirito do Altissimo», diz em um de seus escritos. E em seguida: «Quanto ás prophcias do Bandarra zombe quem quizer delas e de mim». Quando se ocupa das *Trovas* exprime-se do modo seguinte: «Entremos neste boninal do Espirito Sancto, prantado em terra portuguesa cujas primeiras boninas são as do prologo»¹. Tudo isto revela um espirito desequilibrado; mas pôde jámais alguém volver-se apóstolo sem lhe ter a embriaguez da ideia desconcertado, muito ou pouco, a plácida simetria da razão?

¹ *Novas flores sobre a Paraphrase do Bandarra com algumas retratações do author, 1607, Ms. Obras, T. 7.º.*

Entretanto logrou D. João convencer de suas esperanças algumas pessoas, entre essas D. António de Meneses, fidalgo que como êle abandonara a causa de D. António, e outro emigrado de nome Santos Paes. Aos crentes não lhes permitia a impaciência conservarem-se na expectativa. Em princípio de 1587 aproveita D. António de Meneses a partida de um navio de Dieppe para a Costa da Mina, e embarca-se nêle em busca do D. Sebastião, que pelo sentido dos oráculos devia encontrar-se na terra dos Jalôfos. Santos Paes partiu para Lisboa a consultar a freira da Anunciada, que assombrava o reino e Castela com a fama de curas milagrosas, predições e toda a sorte de prodígios. Um e outro frustrados no intento, porque o primeiro, antes de encetar as pesquisas morreu de doença em Africa, e a freira, caída em descrédito, prestara contas de suas fraudes ao Santo Ofício quando Santos Paes desembarcou ¹.

¹ Dá notícia d'esta freira Frei Luis de Sousa na terceira parte da *Historia de S. Domingos*, Liv. 1, Cap. XI. Chamava-se Maria da Visitação. Dizia ter lhe Cristo comunicado as chagas da coroa de espinhos e dos cravos nas mãos e nos pés, e mostrava os sinais sangrentos. Incitado por denúncia o Santo Ofício procedeu a exame, verificando-se que o sangue era pintura. Foi isto em seguida à perda da *Invencível Armada*, cujo estandarte a freira tinha abençoado,

Passaram dez anos sem que D. João de Castro desanimasse em seu fervor. Em 1593 voltava a Inglaterra a ver se convertia D. António à sua crença. É fácil imaginar que acolhimento teria do pretendente. Em 1597 principia a escrever. Inicia quasi aos cinquenta annos — nascera cêrca de 1550 — a carreira de escritor, em que não demonstrou diminuta actividade, pois, se imprimiu sómente dois volumes, deixou no seu espólio literário vinte e dois de manuscritos ¹.

Nêsse ano de 1597, annunciou êle, segundo refere, para o seguinte, a vinda do rei Encoberto. Verdadeiro ou não o asserto, o factó é que em Junho de 1598 aparecia em Veneza o quarto D. Sebastião. Mas nem isso logrou convencer os Portugueses incrêdulos, parciais de D. António, que só aspirava a reconciliar-se com Castela. As tentativas anteriores votaram de antemão ao des-

prognosticando-lhe victória. Camilo Castelo Branco trata com extensão dêste caso, no volume intitulado *As virtudes antigas*.

¹ As obras impressas foram o *Discurso* da vida de D. Sebastião, e a *Paraphrase* do Bandarra, já citadas. As manuscritas acham-se na Biblioteca Nacional; pertenceram a um irmão de Diogo Barbosa Machado, que dá o catálogo delas na *Bibliotheca Lusitana*.

crédito esta, que tinha por defensor um visionário reconhecido, qual era D. João de Castro. Debalde êste diligenciou interessar os vassallos indiferentes pela sorte de um soberano infeliz, detido em lôbrega prisão, por intrigas do enviado de Castela. Quando, no verão de 1600, D. João chegou a Veneza, depois de ter solicitado em vão o apoio da côrte de França, de Isabel de Inglaterra e dos Estados Gerais, os crentes que trabalhavam por libertar o cativo, e ali tinham concorrido, eram em número restricto. Frei Estêvão Caveira, religioso dominicano, filho de gente comum, que já em França *tomou o appellido e armas dos Sampaio*s, — conta D. João de Castro —, o mais antigo e tréfego do bando, afinal enforcado em S. Lucar; o monge de Alcobaça frei Christóvão da Visitação, que vivia em Itália, *homem bordalengo para o mundo*; um Diogo Manuel, amigo crédulo de D. João, a quem mantinha de suas dádivas, e quatro ou cinco mais, sujeitos impecunes, que do rei prometido esperavam remédio a sua indigência, e nada arriscavam na aventura. À última hora appareceu um filho do Prior do Crato, D. Christóvão, vindo à descoberta, interessado em verificar se o prêso era realmente D. Sebastião.

Quando este saiu do cárcere, o seu aspecto esquelético, o vinco das privações e misérias, surpreendeu os que com ansia estrema aguardavam o momento de contemplarem o redivivo. D. João de Castro não tinha jámais visto a D. Sebastião. Alta noite, em Dezembro, à luz incerta da candeia e da chama da lareira, em um quarto de pousada, pela primeira e única vez o visionário fitou o rosto do ente maravilhoso, que mais do que indivíduo real era para êle criação do seu cérebro; observou-o detidamente, «pollo ter muito suspenso a grande mudança que tinha feito, e, certificado, lançou-se a seus pés, reconhecendo-o pelo seu verdadeiro Rey e senhor como testemunha então de uista»¹. Testemunha de vista tão falível que *por ser de noite* lhe não pôde diferenciar a côr dos olhos, da barba e dos cabelos; *afigurou-se-lhe* ter na sobancelha direita uma rasgadura; só com certeza não tinha o rosto córado e branco, nem a testa carrancuda de outr'ora; verificações que afinal comparava a notícias apenas de oitiva. Tinha porêem um sinal que às testemunhas pareceu decisivo:

¹ *Discurso cit.*, Cap. XIX.

falava mal português ¹. Em outras circunstâncias o efeito seria oposto; os crentes contentavam-se com o inverso do que a razão demandava. Com isto, e a impressão desta única entrevista, a convicção de D. João de Castro é firmissima, e assim no-la exprime: «Eu me obrigo desdaquy e respondo pollo Altissimo a té o fazer bom com todo o tormento em meu corpo como he verdade que he aquelle Preso o uerdadeiro Rey de Portugal Dom Sebastiam. Que o ha Deos de salvar, que o hade fazer seu Capitam General da Conquista do Uniuerso» ². Seguro assim da verdade, D. João escreve á Rainha de Inglaterra e ao Conselho Privado, a assegurar com seu testemunho que é o indivi-

¹ Discurso cit.: «Tem mais outro sinal secretissimo mui marcado: avia muitos annos que não falara portuguez senão naquella noite, posto que o começou a escrever da prizão, não falando com nós todos outra cousa, algũas palauras mui bem pronunciadas, ainda daquellas que os estrangeiros não podem pronunciar, e outras corrutas, mas no modo da pronunciação logo o julgarão por natural portuguez.» Em outro escrito diz: «Algũas palavras bem pronunciadas e outras corruptas pelo descostume.» *Remonstrança feita de novo aos illustrissimos senhores do Conselho de Estado e privado del Rey Christianissimo em suscitaçam da causa e dos acontecimentos admiraveis do serenissimo Rey de Portugal Dom Sebastiam, primeiro de nome.* 1603. Ms., Obras, T. 19.

² *Discurso*, id.

duo prêso em Veneza o legitimo rei de Portugal ¹. A sua fé é tão viva que se comunica a quem interessadamente seria incrédulo. O filho do Prior do Crato volta para junto dos seus companheiros convencido de que a mão do impostor, que beijara, era realmente a de seu primo e soberano. Desde então a existência de um D. Sebastião real, salvo de Alcácerquibir, a peregrinar pelo mundo, que era uma hipótese, converte-se em facto definitivo.

Poucos dias o rei suposto desfrutou a liberdade. Prêso novamente em Florença, e para não mais a recuperar, dispersaram-se os súbditos, acaso receosos também pela sua. D. João de Castro voltou a Paris, e aí publicou em 1602, provavelmente à custa de Diogo Manuel, o *Discurso*, que figura dirigido aos Três Estados do Reino; no ano seguinte a *Paraphrase* do Bandarra, a que deu a primeira penada em 4 de Junho desse ano, segundo nela informa. Do mesmo tempo é a *Remonstrança* ao Conselho Privado de Henrique IV ², que ficou em manuscrito,

¹ Veja-se a carta ao Conselho Privado nos *Documentos e Apensos*, n.º 6.

² O título por extenso na nota 1, da pag. 57.

mas talvez tenha chegado à presença do rei. Tudo em defesa da causa a que daí por diante foi devotada a sua vida.

A obra que nos interessa é a *Paraphrase*, que tem para o assunto o duplo significado de ser explicação do Bandarra, e a primeira reprodução pela imprensa que das *Trovas* se fez. Reprodução incompleta, porque só parte delas a constitui, importante todavia pelo que de certo contribuiu para as divulgar. Tomando cada estrofe, D. João explica-lhe o sentido encoberto, faz-lhe o comentário, e compara o vaticínio que encerra aos de outra origem, se algum conhece. Com louvável prudência exclui as coplas a que se lhe não sugere razoável decifração. «Agora interpretarei somente algũas — escreve — nam as pondo todas por sua ordem mas segundo os propósitos»¹. Mais tarde volve à tarefa, mas ainda assim não enumera a obra inteira². É lástima, porque isso nos impede de verificar quais as interpolações realizadas posteriormente, quando as profecias se applicaram a D. João IV. As cópias andavam já muito corruptas, e não faltaram por isso, as

¹ *Paraphrase*, fls. 6.

² *Novas flores sobre a Paraphrase*, cit.

variantes ¹. Éle próprio, quando tinha dois textos, decidia-se, como é natural, pelo que melhor convinha ao seu intento. Assim fez com a estrofe onde aparece o ano de quarenta, que havia de ser o cavalo de batalha dos que interpretavam o oráculo a favor de D. João IV. E a explicação que dá da variante preferida é evidentemente fraca. Diz o texto rejeitado:

Já o tempo desejado
 He chegado
 Segundo o firmal assenta.
 Já se passam *os quarenta*
 Que se ementa
 Por um doutor já passado.

D. João de Castro transcreve:

la o tempo desejado
 He chegado
 la se chegam os *oitenta*, etc.

¹ «Andam malíssimamente escritas com tres principaes generos de erros: o primeiro he faltarem em muytos traslados ramos inteiros das Trouas, e em todos, muytas regras e palauras. O segundo, e mayor poruentura, he de alguns versos e palauras que lhe imposeram. Finalmente o terceiro que he de grande inconueniente pera as entender, he andarem traspostas, fora de seus lugares com que enneuoam por estremo a sua intelligência». (*Paraphrase*, fls. 4 v.).

E observa: «Onde ponho oitenta tem muytos originaes corenta e outros nouenta», embrulhando em seguida a explicação, para mostrar que oitenta foi o ano em que os Portugueses passaram a domínio estranho, castigo que segundo o Tratado das profecias, que tem composto, há de preceder as venturas do reino e da cristandade ¹. Semeilhante dúvida não tinham os da Restauração, que naquele número encontravam a promessa que os factos haviam realizado.

Em outra parte, onde voltam os quarenta, fica o número e varia a explicação.

E depois da embaixada

Declarada

Antes que cerrem quarenta

Erguer-se ha grã tormenta.

Os restauradores, mui a comodo, enxergavam aqui a menção dos tumultos de Évora, em 1637, antes de *cerrarem os quarenta*. D. João de Castro vence com dificuldade o embaraço. O verso é transcrito:

Agora que correm quarenta

¹ *Paraphrase*, fls. 68, v.

e o comento diz que o número se deve tomar no quadrado, para significar o ano de 1600, e o século em que se hão de dar os factos annunciados, embaixada e tormenta, acêrca dos quais todavia nada explica ¹. Por êstes exemplos se fica ao corrente da exegese dêste primeiro comentador do Bandarra. Os que se lhe seguiram não foram, nem podiam ser, menos arbitrários nem mais precisos. Por essa forma, desde que o mundo existe, se interpretam os oráculos.

Uma estrofe encontramos na *Paraphrase* que o autor confessa não andar em todos os originaes:

Um rei nouo naçera
 Que nouo nome ha de ter
 Este Rey que ha de naçer
 De terra em terra andara
 Muyta gente lhe ha de morrer ².

¹ «Antes da conta de mil e seis çentos espirar, e se passar á de sete çentos: ou, antes de se deixar de contar por mil e seis çentos, e se contar por sete çentos, se ha de erguer grande tormenta: como que neste çentenário que corre se haja ella inda de aleuantar: estando tambem a embaixada da mesma maneira por acontecer» (*Paraphrase*, fls. 89). Nas *Novas Flores* o autor volta ao assunto, e explica a embaixada como aviso, que Deus mandará ao mundo, da transformação a que o vai submeter, annunciada nas profecias.

² *Paraphrase*, fls. 34, v.

Aqui se acha D. Sebastião tão claramente designado que é grande a tentação de a dar por apócrifa. Os restauradores, a quem ela não convinha, cortaram-na das suas coleções. Poder-se-ia atribuir a D. João de Castro, se não tivéramos provas da sua sinceridade, que bem demonstra nas coplas sobre o ano 40. Em face da dificuldade ladeia, mas não vicia o texto. Como pois iria introduzir uma estrofe espúria? O que não exclue a hipótese da falsificação proveniente de outra parte. Vejamos mais divergências.

A copla 134 da edição de 1644 resa dêste modo:

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos
Mui grandes cousas veremos
Quaes não virão os que viverão
Nem vimos nem ouviremos.

E na *Paraphrase*:

Antes que os oito se cerrem
Desta era que aqui temos
Muy grandes cousas veremos, etc.

o que, segundo a glosa, quer dizer que antes de terminarem os *oito* da era de 1590, *que aqui temos*, isto é em 1598, se hão de

ver cousas nunca antes acontecidas, tal era o aparecer D. Sebastião. Aqui parece assás plausível terem os profetas *post-data* da Restauração substituído os dois primeiros versos, que em nada lhes serviam, por outros mais ambíguos, e melhormente por isso adequados a uma interpretação favorável.

Onde mais tinha de se acender a controvérsia entre os comentadores das duas seitas era sôbre a famosa côpla:

Saya, saya esse Infante
 Bem andante
 O seu nome he Dom foam, etc. ¹

Significa, segundo D. João de Castro: Saia da prisão onde está êsse soldado maravilhoso, designado como tal por infante. *Saia*, duas vezes, refere-se ás prisões de D. Sebastião, primeiro em Veneza, depois em Florença. *Foam* contém as duas últimas letras do nome do soberano; as restantes sete encontram-se todas nos dois primeiros versos. Por aqui se vê a que engenhosas subtilidades recorriam os exegetas.

¹ *Paraphrase*, fls. 113.

Quando porém a Restauração veio, foi a versão diversa :

Saia, saia esse infante
Bem andante
O seu nome he *Dom João*,

e justificou-se a mudança com o motivo de empregarem os antigos um I que parecia F, resultando daí a errada leitura. O Duque de Bragança, D. João, era êsse que o Bandarra quisera nomear. Havia além disso uma copla a confirmar a versão: a que principia:

Este rei tem um irmão
Bom capitão

A quem se applicaria senão ao infante D. Duarte? Falta na *Paraphrase* esta estrofe, que se pode crer interpolada; mas tantas são as que D. João de Castro deixou de mencionar que essa só razão não basta, e apenas o bem que à realidade se ajusta leva a supôr a fraude.

E todavia pode ser que sem motivo, e, pelo contrário, proviesse a falsificação dos sebastianistas lídimos. Bandarra compusera as *Trovas*, consoante ao que diz no processo, *em louvor de Deus e de El Rei*. O rei era

D. João III, e êsse tinha um irmão, o infante D. Luís, que havendo-se distinguido em Tunis, podia bem designar-se por *bom capitão*. Convêm recordar aqui as profecias de Castela, segundo as quais um infante de Portugal havia de expelir do trono a Carlos v. O vaticínio não era desprezível, acomodando-se a D. João, então príncipe, e a quem, excluído Carlos, por herança tocava a coroa como neto dos Reis Católicos. Segundo um manuscrito do século xvii, o espanhol António de Guevara conta nas suas *Epistolas* que os vaticínios do tempo de Carlos v muitos os queriam aplicar a D. João III, a quem chegaram a fazer propostas, que êle recusou ¹. Não seria de estranhar portanto que o Bandarra, cuja musa essas profecias inspi-

1 Biblioteca Nacional, Cod. 863. Fls. 597 v.: «O muito douto Bispo de Mondonhedo, D. Antonio de Guevara, chronista do imperador Carlos 5.º, em as suas epistolas, fala tambem nestas falsas profecias, as quaes se arguirão e inventarão no tempo das rebeliões e comunidades de Castella, quando nella houve aquellas guerras civis, no principio do reinado de Carlos 5.º, e diz como os castelhanos attribuirão o effeito de seus vaticinios ao nosso rei D. João 3.º, chegando até ao frenesi sua desobediencia delles, e agenciarão seu patrocínio, o que o dito rei não só não admittiu mas lho estranhou.» O Ms., que faz parte da coleção Moreira, tem por título *Miscelanea curiosa de sucessos varios*, e contém muitas informações de interesse sobre o sebas-

raram, amalgamando-as com o que tomara da Bíblia, usasse da amplificação para alargar o império da Península a império do mundo.

Tomar-se-á por frívola tarefa esta de des-trinçar miúdezas de uma obra literária, como tal insignificante, e em que, como documento a averiguar, a melhor indagação topará sempre no fim com o embuste ou a químera. Sem embargo não será destituído de interêsse verificar quem foram, dos que levaram Portugal à demência colectiva do sebastianismo, os conscientes embusteiros e os maníacos de boa fé ¹. D. João de Castro pertence por certo aos últimos. Suas diligências no primeiro tempo da conversão, a fé inquebrantável no impostor de Veneza, o

tianismo, até o tempo do autor, que escrevia cêrca de 1675. No fim tem uma nota de Moreira, que diz: «O papel donde tirei esta copia é autografo; está bastante roído das traças». De como lhe veio às mãos o original, e onde êsse pára, nada informa. Quanto à passagem transcrita acima, convêm dizer que não acertei de encontrar a referência a D. João III nas *Epistolas familiares* de Guevara, edição de Anvers, 1633.

¹ Serve tambem o exame para se ver quanto foram neste sentido caluniados os Jesuitas na *Deducção Chronologica*, onde Pombal afirma serem as *Trovas* do Bandarra compostas por António Vieira, e o *Discurso* de D. João de Castro por Jesuitas que não nomeia (Parte 1, Divisão IX, § 355, e Divisão VI, § 217).

trabalho de seus escritos de que nem sequer tirava a vaidade da publicação, pois ficaram na maior parte inéditos, a nobre isenção com que envelheceu na pobreza sem jamais solicitar as graças do usurpador, tudo isso são testemunhos da sua sinceridade.

Levado Marco Túlio a Nápoles, e de lá, condenado a galés, para S. Lucar, D. João de Castro, tendo por infalível prova da protecção do céu o haverem conseguido alguns Portugueses, quasi indigentes, livrar das prisões de Veneza o *Encoberto*, não poupa esforços para interessar o resto de seus compatriotas, e o mundo, pela sorte de um soberano infeliz, destronado e perseguido. Na *Ajunta*, apêndice ao *Discurso da vida*¹, e em um capítulo adicional da *Paraphrase*,

José Agostinho de Macedo, na controvérsia célebre de 1810 com Pato Moniz acêrca do sebastianismo, repete o asserto no que toca a Vieira (*Os sebastianistas*, pág. 65). Não admira, desde que uma das funcções dos Jesuitas na história tem sido suportarem a responsabilidade dos factos que contrariem a corrente de idéias que seus adversários têm por justas. A despeito muitas vezes da verdade, como no presente caso.

¹ *Ajunta do Discurso precedente aos mesmos Estados pelo mesmo Author, em o qual os aduirte de como El Rey de Espanha se ouue com El Rey D. Sebastiam depois que o teue em seu poder.* Este apêndice não acompanha a todos os exemplares e considera-se raro.

narra o sucedido ao seu rei, em mãos de Castelhanos, denuncia os testemunhos falsos movidos contra êle, as indignidades a que o submeteram. Ao mesmo tempo, valendo-se das pessoas eminentes que conhecera no tempo de D. António, tenta alcançar a intervenção da côrte de França, e outra vez escreve aos *lords* do Conselho Privado e à Rainha de Inglaterra.

Baldado empenho. A aventura está de todo desacreditada. Ao *Discurso* dirigido aos Três Estados do Reino, respondem os partidários de D. António com um escrito acerbo, em represália às criticas. que ao pretendente e a alguns dêles fizera na sua publicação o companheiro passado a campo alheio ¹. Não faltaram os apodos. Lançavam-lhe em rosto a bastardia. Preguntavam-lhe que agravos lhe fizera D. António, que honras lhe havia recusado, para êle tão asperamente o atacar? Exprobravam-lhe a penúria, a credulidade, a má sorte das empresas em que entrara. Increpavam-no de ter por incúria causado a

¹ *Resposta que os tres Estados do Reyno de Portugal, a saber Nobreza, Cleresia e Pouo mandaram a Dom João de Castro sobre hũ liuro que lhes dirigio sobre a vinda e apparecimento del Rey Dom Sebastian.* Existe cópia manuscrita desta obra na Biblioteca Nacional, Cod. 399.

perda de D. Sebastião, quando saíu de Veneza, e por malignidade tentado indispor com o pretense rei os filhos do Prior do Crato. Tudo isto em nome dos Três Estados, os quais afinal eram Cipriano de Figueiredo e Vasconcelos, corregedor que fôra da Terceira, na parte relativa a D. Antônio, e o frade Estevão Caveira no que dizia respeito ao caso de Veneza.

D. João replicou em uma extensa apologia, que por falta de meios não deu nunca à estampa ¹. Defendeu-se atacando, e não era frouxo esgrimista na polémica o visionário. O pretendente e seu ásseclas saém mal feridos da apologia. Daí passou o apóstolo do sebastianismo à vida obscura. Os anos que peregrinou ainda pelo mundo passou-os sózinho a escrever, encerrado no seu sonho, acumulando manuscritos em que não deixava de se ocupar de vaticínios e prodígios, e do seu querido D. Sebastião, senão para fazer a biografia de D. Antônio e a sua própria. Uma e outra andam em fragmentos, por volumes diversos das suas obras. Na autobiografia compungem as páginas em que fala da sua

¹ *Tratado apologetico contra um libelo difamatorio etc.*, cit. em a nota 1, pág. 43.

velhice solitária, e dos tristes invernos, com os frios, tão dolorosos para quem atravez da saudade entrevia o sol, que na pátria aquecia os miseráveis, como êle sem tecto próprio e sem pão. Tinha 73 anos quando em 1623 escrevia estas memórias, em casa do mesmo Diogo Manuel, que já em 1600, quando em Veneza contemplava extasiado a face do *Encoberto*, lhe supria a penúria. Pouco tempo mais terá decorrido até vir a morte buscá-lo, envolvido na sua ilusão ¹.

III

A morte calara a voz de D. João de Castro, o visionário, e o D. Sebastião de Veneza tragara-o para sempre o ergástulo. Um e outro esquecidos, sem que todavia a esperança se apagasse nos corações portugueses. Para muitos o Encoberto era uma estrêla sumida, mas mesmo êsses se davam a indagar se no firmamento despontaria outra luz. Logo a descobriu na sua luneta de astrólogo

¹ Veja-se a autobiografia de D. João de Castro nos *Documentos e apensos*, n.º 7.

o matemático famoso Manuel Bocarro Francês, também alquimista e médico, quando em 1618 observava o cometa que nesse ano apareceu ¹. Aqui a ciência punha-se de acôrdo com o prodígio, mas, porque falava em nome da razão iluminada, cumpria-lhe corrigir os êrros em que laborava a simples fé. Dizia êle que, como sebastianista, acreditava não ter o soberano perecido na batalha. *Rey temos nelle*, assegurava, não porêm em pessoa, mas no sangue da sua raça; e os prognósticos se haviam de cumprir em 1653, cem anos passados do nascimento de D. Sebastião. Era pois impossível que a êste se referissem. O rei, a quem chamam Encoberto, não porque o seja, senão porque há de então revelar-se com maior grandeza, vai êle, em uma das suas obras, a *Anacephaleosis* 4.^a, descobri-lo tão claramente, *que pode apon-*

¹ Bocarro era cristão novo, embora se jactasse de linhagem, como bisneto de António Bocarro, que foi capitão de Çafim, e terceiro neto de um Rosales, muito da casa do Duque de Bragança D. Fernando, e companheiro dos filhos dêste. Queixava-se de uns tios, que se haviam sevandijado no comércio, menoscabando o lustro da família, que êle e seu pai mantinham cultivando a ciência. Foi denunciado à Inquisição como judaizante por seu irmão António Bocarro, que se apresentou em Goa, como se vê no artigo do sr. Pedro de Azevedo *O Bocarro Francez e os judeus de Cochim e Hamburgo*, no *Arch. Hist.*, T. 8, pág. 186.

tar-se cõ o dedo. É o Duque de Bragança D. Teodósio.

Manuel Bocarro fizera imprimir em 1624 a *Anacephaleosis da monarchia lusitana*, poema de 131 oitavas, dedicado a Filipe IV. Era a primeira parte de uma obra que constava de quatro, consagrada a cantar as glórias da nação. Cada uma delas com o seu título e particular objecto. A primeira, *Estado astrológico*, vaticina o futuro de Portugal; a segunda, *Estado régio*, celebra os feitos dos soberanos; a terceira, *Estado titular*, menciona os títulos e dignidades do reino; a quarta, *Estado heroico*, enumera os varões ilustres e as acções de fama que praticaram. O *Estado astrológico* exprime as esperanças anteriores de glória e poderio, que D. Sebastião tinha de realizar: a sujeição de Mouros e Turcos, o império universal, o domínio da fé católica e obediência ao Pontífice romano em toda a terra. É o que resume nas estâncias seguintes:

Muytos perecerão, se não me engano
Reynos do mundo, o Polo o significa,
Mas o famoso imperio lusitano
Livre do Ocaso eterno se amplifica.
O do Gentio, Mouro, o do Otomano,
Que incensarios a Lucifer dedica,
Sujeito ao forte Luzo breuemente,
Verás que adora a Christo omnipotente.

Verás hum só Pastor, hum só rebanho
Que o successor de Pedro só proueja,
Nem na terra nem no liquido estanho
Impugnará ninguem a Madre Igreja; ¹
O ser de Portugal será tamanho
Que o mundo todo nelle só se veja,
Imperio do uniuerso summo e grande
Para que seu Monarcha todo o mande.

Entretanto, e acaso para que não fosse bolir com êle o Santo Officio, o poeta não dava por infalveis os casos preditos, e aparentando contrição cristã fechava do seguinte modo o poema:

Assim que não entendas, que o que canto,
Profeçia he divina, e verdadeira;
Porque pode dispor o eterno santo
As cousas, se quizer, de outra maneira:
Mas para que, com lagrimas e pranto,
Com santa contrição, com dor inteira,
Pessais a Deos perdão do mal que ouvistes,
Dos astros vos prediçe os fados tristes.

¹ É singular o vaticínio, proferido pelo judeu encoberto, que daí a anos, circunciso, se assinava Manuel Bocarro Francês Rosales Hebreo, como se lê no frontispício de suas obras. É verdade que também dedicou ao Inquisidor Geral Fernão Martins de Mascarenhas o *Tratado dos cometas*, em 1619. Seria curioso indagar como no seu espírito concordavam os achados da astrologia com as profecias da Bíblia; a Santa Madre Igreja, por todos os povos reconhecida, e o povo de Israel, remido pelo Messias.

Deixou-o em paz o Santo Ofício, mas não assim os esbirros desconfiados, ao serviço de Castela. Se bem que as glórias prometidas no poema pudessem atribuir-se à dinastia reinante, encontravam-lhes ressaibos de sebastianismo, que tornaram o autor suspeito. Tinham razão, sobretudo se, como parece plausível, foi sincero Bocarro, quando declarou posteriormente que os nomes dos reis de Portugal mencionados no poema significavam a função monárquica, e não os soberanos que pareciam designar ¹. A obra foi apreendida na imprensa, com a circunstância grave de na ocasião se encontrar o manuscrito da *Anacephaleosis* 4.^a, oferecida ao duque D. Teodósio de Bragança, em que, sem grande esforço de imaginação, os leitores veriam apontado este príncipe como o esperado Encoberto, o rei futuro e salvador do reino lusitano ². O autor foi prêso, e saindo do cárcere sentiu-se alvo de hostilidades que o levaram a não se julgar em segurança no

¹ «Os nomes Affonso, oitava 58, seBastiam, oitava 59 e Philippe, oitava 88 são equivocados, e todos servem para mostrar o príncipe senhor da monarchia portuguesa.» *Luz pequena lunar*, cópia no *Jardim ameno*, Ms. do Arquivo Nacional, Cod. 774.

² Extracto do poema nos *Documentos e apensos*, n.º 8.

reino. Dizia êle que o perseguiram os fidalgos castelhanos, invejosos dos louvores tributados na obra aos Portugueses. Por isso, ou pelo prurido de abjurar o cristianismo e abraçar a religião de Moisés, abandonou a pátria e foi para a Itália, onde em 1626 deu à estampa, sob os auspícios de Galileu Galilei, a *Anacephaleosis* 4.^a, precedida de um comentário, em forma de carta ao Duque de Bragança ¹.

¹ Saiu com este título: *Luz pequena lunar e estelífera da Monarchia Lusitana: explicação do primeiro Anacephaleosis impresso em Lisboa 1624. Sobre o Príncipe encuberto e monarchia ali prognosticada, porque os Castelhanos impediram imprimirem-se com outros*. Nos *Documentos e apensos*, n.º 9, transcrevem-se trechos da carta.

O autor fez nova edição em Hamburgo em 1644. Esta obra foi mandada suprimir, assim como a *Anacephaleosis da Monarchia Lusitana*, que é a primeira parte, por edital da Mesa Censória de 9 de Dezembro de 1775. De outra publicação sua extraio a prova das relações íntimas que teve com Galileu. Na dedicatória da obra *Fasciculus trium verarum Propositionum Astronomicæ, Astrologicæ et Philosophicæ*, ao grão Duque Cosme III de Florença, em 1654, diz após referir-se a um escrito anterior que menciona como *Prima exercitatio*: «Secundam vero Astrologicam quæ in tom. 2 nostrorum operum Regni Astrorum reformati, latius Philosophicè et Politicè comprobatur, in tribus libris Fetus Astrologici Galilæus Galilæus, cui ipsos dedimus Romæ an. 1626 typis excudi fecit». E no prefácio ao leitor: «Anno 1619 cum cometæ observationibus simul etiam ipsius iudicium astrologicum, circa Mundi generales successus, extrinsicè investigatos in publicum dedimus. Ceterum casus ipse, quod prædiximus, ex suo astrologico fundamento postea explicauimus in illo tractatu qui Status Astrologicus

Da primeira parte fez o autor nova edição, acompanhada da tradução latina, em Hamburgo em 1644. A segunda e a terceira nunca foram publicadas; ou os originais se perderam ou o próprio autor os destruiu¹. O propósito de as subtrair ao conhecimento do público, que já tivera antes de 1624, é possível tê-lo realizado depois, quando, desgostoso da pátria, se exilou.

Anacephaleosis Monarchiæ Lusitanæ intitulatur, ann. 1624 primo excussus poemate lusitano: atque... secundum commentariolum Excellentissimus in sciencijs Galilæus Galilæus, Mathematicorum Coriphæus, Romæ anno 1626 typis dedit, sub titulo Lucis Minoris (*Lux pequena*), quoniam hæc, et reliqua nostra Iudicia Astrologica, prædicto Galilæo manu scripta dedimus, ille vero omnia in fine prædictæ Lucis Minoris ita recensuit. Do exemplar existente na Bibliotheca Nacional, encadernado em um volume com outras obras de Bocarro, entre elas a *Anacephaleosis* da edição de Lisboa, apreendida em 1624.

¹ A última hipótese talvez mais verosímil, como do trecho seguinte colijo: «No 4 e ultimo Anac. (que nomeo por stado heroyco particular e o offereço ao Excellētissimo Senhor dom Theodosio Duque de Bragança, por ser o principal Heroe desta Monarchia) relato os varões illustres que teue Portugal, com algũs dos que oje nelle se conhecem por de heroycos e famosos feytos. Com o que tenho satisfeito ao amor e obrigação da patria; mas ella como ingrata, emquanto eu andava cantando, me perseguia de sorte com extroções e injustiças, por meyo daquelles mesmos Heroes que celebraua, que estiué por queyma tudo o que tinha feyto, pois não auia de auer Cezar que impedisse esta execução de Virgilio.» *Anacephaleoses da monarchia lusitana*, Lisboa 1624.

IV

Esta nova personificação do Encoberto, em que, pela realidade palpável, a quimera adquiria valor positivo, apareceu na hora mais propícia a prevalecer. Trazia-lhe grande apoio o conflito em que se achava o govêrno castelhano com as ordens monásticas. Nelas encontrara o poder usurpador a oposição mais intensa, e a lenda dos dois mil religiosos afogados por ordem do Duque de Alba, junto à tôrre de S. Julião, na barra de Lisboa, dá idea da importância que no ânimo público a essa oposição se atribuía. Foram os conventos que, apossando-se do prognóstico, tomaram a seu cargo justificá-lo. A influência dêles em todas as camadas sociais era imensa. Entre o povo e a nobreza, que a diversidade de interesses separava, o clero regular formava uma como que democracia turbulenta, com raízes nas duas outras classes, poderosa, cheia de prestígio, e que nenhum govêrno impunemente afrontava. Aos muitos êrros que o regime dos Filipes cometeu, juntou mais o de ofender os interesses e provocar as iras dela, e êsse tinha de lhe ser fatal. A controvérsia sôbre o real de

água, que abrangia todos os eclesiásticos ¹; a longa e pertinaz contenda da desamortização das capelas, com as ordens monásticas; o conflito com o delegado da Cúria, cujas conseqüências agravou o interdito, por efeito do qual a maior parte das cerimónias do culto foram suspensas em quási todo o reino; tudo isto levantou contra o govêrno intruso a gente da Igreja, tão numerosa, e ao mesmo passo, pela repercussão inevitável, o povo em geral. Mas o cúmulo foi chamar êle a contas o Santo Offício inviolável, sôbre os bens confiscados aos réos, por lei atribuidos à coroa, e que os inquisidores como próprios tinham sempre administrado e despendido ².

¹ O seguinte extracto de um autor contemporâneo dá idea da impressão que fazia nos interessados a exigência do tributo de que se julgavam isentos por direito divino: «Impoz esta regalia em seu principio seu real sobre as nossas aguas, ou sobre nossas lagrimas: pois cresceu tanto que de pequeno regato veyo a innundar com maiores impetos tudo o que considerava por mayor; não escapando o mais alto dos Templos e Conventos, a que seu desatado curso não chegasse». *Espelho de lusitanos em o cristal do psalmo quarenta e tres*, por Antonio Veloso de Lyra, theólogo, natural da grande Ilha da Madeira, pág. 134.

² Á intimação respondeu o Conselho Geral do Santo Officio com um longo memorial ao Conde-duque de Olivares, de que existe cópia entre os papéis dos Jesuitas guardados na Tôrre do Tombo por ordem do Marquês de Pombal. Alega o documento

Desta arte todos os ramos da família eclesiástica se achavam em desavença com o govêrno estrangeiro, desavença tanto mais grave, por versar sobre interêsses de ordem material, que nenhuma das partes consentia em abdicar. Mais pertinazes e activos na opposição que qualquer dos outros contendores se mostravam os Jesuitas, e em Lisboa, Madrid e Roma não poupavam esforços no intuito de contrastar o govêrno castelhano. Entre êles, mais trêfego e atilado, o padre Nuno da Cunha, reitor do Colégio dos Irlandeses, que ao lado do colector apostólico, Bispo de Nicastro, lhe minutava os editais contra as autoridades do reino, e — caso de

que os bens confiscados se applicavam, por ordem dos reis antecessores de S. M., aos gastos da Inquisição, com a cláusula de, havendo sobras, se empregarem no que fôsse necessário à defesa dos logares de África; mas nenhum dos inquisidores passados havia entregado quantia alguma para êsse fim, e as sobras dispendiam-se, como êles entendiam, em cousas precisas, sem jámais se lhes pedirem contas. O actual Inquisidor, D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, tinha porêr dado em várias ocasiões 400 mil ducados, faltando a algumas obrigações, e tomando dinheiro dos depósitos, pelo qual era responsável, tudo para maior serviço de S. M., e dessas somas devia êle cinco mil ducados. Mais não podia fazer, por então. Estavam os cofres exaustos, os funcionários não eram pagos em dia, e o tribunal com dificuldade podia manter os prêsos pobres (Cf. o documento no Arquivo Nacional, Colecção dos Jesuitas, Pasta 20, Maço I, n.º 26).

mais valor ainda—minutou também o breve que, sobre o assunto das capelas, veio de Roma com o sêlo de Urbano VIII. Este mesmo foi que realizou a aliança com a ordem rival dos Dominicanos, unindo assim para a luta os dois organismos mais poderosos do clero nacional ¹.

Em 1637 rebentou a sedição de Évora. Duas províncias se punham em declarada revolta. O Manuelinho, truão das ruas, firmava ordens como em desafio ao soberbo Olivares. As execuções fiscais tinham provocado o levantamento popular, mas o govêrno sabia bem a que excitações êle obedecia, quando mandava procurar nos claustros os verdadeiros revolucionários. Já antes, quando pelo motivo das capelas interveio o Colector, descobrira os Jesuitas a manejarem por detrás do delegado do Papa ². Não viu porê m ou

¹ Vej. a *Deducção Chronologica*, Parte I, Divisão VIII, § 312; e nas *Provas* os documentos n.ºs 30 e 31, sobre o conluio de Jesuitas e Dominicanos; e o n.º 35, minuta do breve.

² Veja-se a Carta Régia de 2 de Dezembro de 1637, firmada pela Duquesa de Mântua, que principia: «As alterações que ha havido em alguns lugares deste Reyno, obrigam ás prevenções que Hei mandado fazer. E porque tenho noticias que o principal fundamento de tudo são religiosos e ecclesiasticos, sendo, como são, interessados em que os povos não consintam no Real da Agua, etc.» (*Ded. Chronol.* P. I, Div. VIII, § 324). Não menos significativa é a carta de 3 de

descurou outros factos, que não escaparam á observação sagaz de D. Francisco Manuel de Melo, testemunha presencial, e de que êle na *Epanaphora politica* nos dá noticia: os Jesuitas a fomentarem a crença messiânica; a revolução predita em vaticínios; sinais prodigiosos a annunciarem a redenção próxima. Dêste conjunto resultou que ao entrar a revolta em Vila Viçosa aclamasse a liberdade da pátria e o rei D. João.

A isto havia precedido um longo trabalho dos Jesuitas, que desde a entrada do domínio castelhano, ao revés do que pelas cá-lúnias da *Deducção Chronológica* passa por certo, se lhe manifestaram declaradamente adversos. Entre outros notabilizaram-se os padres Luís Alvares, Leão Henriques, Sebastião Barradas, Gaspar Correia, Manuel da Veiga, e mais, de cujos nomes se guardou

Fevereiro do mesmo ano, ao Procurador da coroa Tomé Pinheiro da Veiga, acêrca do conflito com o Colector Apostólico, pelo negócio das capelas: «Tenho entendido que Vassallos Meus, Pessoas muito beneficiadas e obrigadas a Meu serviço, hão mettido e aconselhado ao Colleitior nos excessos, que tem commetido em o edital que publicou Domingo de Ramos do ano passado, e outros procedimentos de que ha usado. E porque quero saber quaes forão estes Religiosos ou pessoas: Vos encommendo muito que façais mui exacta diligencia por o averiguar» (Ibidein, § 317). Aqui se acham claramente apontados os Jesuitas.

lembrança. Alguns foram por êsse motivo desterrados ¹. Os sermões de Luís Alvares ficaram célebres, particularmente um, recitado na Capela Rial, perante o Arquiduque Alberto, governador do reino, a quem sôbre o tema *Surge, tolle grabatum tuum et ambula*, se dirigia nêstes termos: «Serenissimo príncipe, querem dizer estas palavras: levantai-vos depressa, tomai o vosso fato, ide para vossa casa». E outro, em presença de Filipe II, no qual, explicando o texto relativo ao Apóstolo homónimo do soberano, *Philippe, qui videt me, videt et patrem*, aludia aos direitos da Duqueza de Bragança à coroa, por seu pai o infante D. Duarte ².

D. Francisco Manuel observa que a afeição recíproca entre os Jesuitas e D. Sebastião fez que muitos varões doutos da companhia não só duvidassem da morte dêle, senão que esperassem havia de ser restituído ao trono ³. Esses foram abonando a crença com opiniões de santos, profetas e astrólogos, os

¹ Cf. António de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, pág. 743.

² *Portugal Restaurado*, Parte I, Livro I, pag. 40. O segundo caso passou-se em Évora, no Colégio de Jesuitas segundo refere o Padre António Vieira no sermão de graças pelo nascimento da infanta D. Teresa, filha de D. Pedro II.

³ *Epanaphoras*, pag. 36.

mesmos de que já se servira D. João de Castro. Tornou-se assim a Companhia foco activo do sebastianismo, e não admira que, sobrevindo a desavença com o estado castelhano, lançasse mão de arma que tinha de casa, e tão incómoda ao adversário. Acaso ao princípio não lhe atribuíram os Jesuitas todo o valor que realmente tinha, e só a usaram como ameaça. Qualquer que fosse o intuito, não desprezaram nenhum meio de o realizar. Em 1625 saiu à luz o livro célebre da *Vida de Simão Gomes*. O autor, padre Manuel da Veiga, era dos reconhecidos adversários de Castela, e fácilmente se concebe em que sentido escreveria. Era voz corrente que ainda em vida de D. Sebastião o *Sapateiro santo* havia predito a perda do reino, seguida mais tarde da restauração. O livro vinha consagrar o vaticínio, que já tinha sido, como sabemos, um dos motivos da conversão de D. João de Castro. E não faltavam notícias de como o facto igualmente se havia manifestado também a outros filhos da Companhia. Em 1578, o padre José de Anchieta, missionário no Brasil, tivera conhecimento da derrota de D. Sebastião no próprio dia da batalha, e assegurava que estava a salvo e tornaria a reinar. O irmão Afonso Rodrigues, que vivia em Malhorca,

e a quem Deus favorecia com visões, tivera uma de D. Sebastião, que vinha do céu em uma armada a conquistar a mourisma; e diziam os padres de Santo Antão terem achado a relação disso em certo livro, que uns missionários de Castela levaram para as Índias; com grande espanto dêles, que nunca tal haviam visto no volume ¹. Em Cochim o irmão Pedro de Basto, estando a orar pela salvação do reino, viu aparecer D. Sebastião, e ouviu uma voz dizer que o império de Espanha acabava. Como se vê eram os claustros da Companhia em especial favorecidos com revelações sobre o futuro da pátria.

Nessa época apareceram as cópias dos três supostos breves de Clemente VIII, Paulo v e Urbano VIII, que mandavam restituir a D. Sebastião a coroa, por êle reclamada a cada um dos pontífices, como cabeças da cristandade, outras tantas vezes que fôra a Roma. Não é lícito afirmar sem provas, como fez Pombal, que fôssem obra dos Jesuitas ²; mas é razoavel a conjectura, dado o interesse que tinham na causa, a ausência de es-

¹ Bayão, *Portugal cuidadoso e lastimado*, pág. 727.

² *Ded. Chron.* P. I, Div. VIII, § 304. Os breves vem transcritos nas *Provas*, doc. n.º 27.

crupulos manifesta em alguns, e a fácil receptividade do público para as suas fábulas. Os breves referiam-se ao D. Sebastião de Veneza, de cujo suplício em S. Lucar poucos sabiam, e que a parte dos sebastianistas, a quem eram desconhecidas as obras de D. João de Castro, supunha ter passado de Florença para França, pela Saboia, escapando às ciladas dispostas no caminho pela protérvia dos Castelhanos ¹.

Encetada a luta por suas imunidades, as ordens religiosas propuseram-se levá-la ao extremo. O sebastianismo era elemento utilissimo para agitar os espíritos; mas para vencer com êle cumpria dar-lhe por objecto uma realidade, e o sebastianismo, desaparecido o rei, verdadeiro ou falso, volvera-se um mito — a ideia de independência contida

¹ *Vida de El Rey D. Sebastião, no Jardim Ameno*, Cod. 774 do Arquivo Nacional. «Chegarão a Florença aonde acharão aquella estrella dos Magos, eclipsada pela iniusta prízão do Duque de Florença. Entrarão no paço e vendo o grande Duque aquelles personagens Embayxadores, com o acatamento que o reuerenciauão se achou alcançado, com muitas palauras de satisfação lhe rogou se servisse delle como de seu vassallo. El Rey nosso Senhor lhe agradeço e tomou seu caminho para França, aonde por passar pello Piamonte em Saboya escapou de hũa trampa que este inimigo Embaixador de Castella lhe tinha ordenado». Fol. 8 v.

em uma esperança quimérica. Os astros, mostrando a Manuel Bocarro o salvador em D. Teodósio, obedeciam a impulsos da terra. O Duque de Bragança morrera, é certo, mas deixara sucessor. Seguindo o astrólogo entrava-se já no fim a victória. O povo aceitaria de bom grado o redentor vivo e próximo pelo ressuscitado e remoto.

Tudo isso, porém, com o auxílio e, pode-se dizer, sob o patrocínio do Bandarra. Para êle se voltava nas suas aspirações inquietas, e não para Bocarro, o sentimento nacional. As *Trovas* eram livro que em cópias manuscritas andava em mãos de toda a gente, lido, relido, decorado e discutido. Até em Espanha os Portugueses que por lá divagavam o traziam por breviário. António Veloso de Lira, que estudava em Salamanca, refere no seu *Espelho de Lusitanos*: «Sucedeo-me dar huns Bandarras aos filhos do Duque de Bejar, em que o anno de quarenta se esperava, explicando eu o que sobre aquilo se dizia» ¹. Tal era o impulso que já em parte alguma faziam os patriotas mistério de suas esperanças. Atentos a observarem os menores factos, cada dia viam justificarem-se

¹ Pag. 210.

os vaticínios. A sedição de Evora fôra predita pelo Bandarra :

Antes que cerrem quarenta
Erguer-se ha gram tormenta.

Em 1638 chega ao reino o infante D. Duarte. Logo acode às lembranças a copla:

Este rei tem um irmão
Bom capitão.

Se os Jesuitas a não inventaram, o que, como já vimos, parece não foi, bem se pode dizer se achava o céu da parte dêles. No mesmo ano veio ordem de Filipe IV para ir o Duque de Bragança encoberto a Lisboa, falar à Duquesa de Mântua. *Encoberto?* Quem duvidaria fôsse êle o que as profecias designavam, quando Deus falava pela voz do castelhano inimigo?

Todas as profecias pois se iam cumprindo. Algumas se alegaram depois posteriores aos acontecimentos. Outras, porém autênticas, e essas, dando a certeza do êxito, estimulavam os ânimos à acção. Em 1640 era crença comum que nêsse ano terminaria o jugo estranho, porque assim o dizia uma carta de S. Bernardo a D. Afonso Henriques, segundo a qual estaria o reino sessenta anos em cati-

veiro ¹. Assim pois os que no primeiro de Dezembro se dirigiam à Ribeira, a depôr a Duquesa de Mântua, não iam tentar um lance arriscado, senão executar mandados do destino. E êste tinham-no posto em acção os Jesuitas, que vencendo o seu pleito sacudiam do país o usurpador. Que a Restauração foi obra dêles di-lo o mais encarniçado de seus inimigos, o Marquês de Pombal ²; e o sebastianismo foi o principal meio com que exaltaram o sentimento popular e o levaram à victória. D. Francisco Manoel, no *Tácito português*, refere que à proporção dos descontentes, que fazia o govêrno castelhano, crescia o número dos sebastianistas, e que as primeiras reuniões dos conjurados para a revolução se convocaram como práticas sobre o sebastianismo.

¹ *Restauração de Portugal prodigiosa*, pág. 69. Refere o autor que o original da carta se encontrara no espólio do Prior de Crato, que Luís XIII de França mandou entregar a Cristóvão Soares de Abreu em 1641; mas existiam cópias. Frei Luís de Sá, religioso de S. Bernardo, tinha a sua, extraída de um livro de curiosidades de frei Luís de Soto Maior, monge dominicano. Domingos da Costa Barbuda, de Santarêm, jurava que, mais de trinta e quatro anos antes lhe tinham dado em Lisboa cópia da dita carta. Não há razão séria para se negar que o invento fôsse anterior á Restauração.

² *Ded. Chron.*, P. I, Div. VIII, § 304 a 333.

Feita a Restauração verificou-se que fôra precedida de uma série de factos maravilhosos, que toda a gente sem discrepância tinha como realizados. Certo autor, partidário dos Filipes, em obra que reivindica o direito dêles à coroa, consagra um capítulo à *simplicidade e superstição do povo português em afectar prodígios falsos para se amotinar contra seus príncipes*¹. O patriotismo repelia a imputação e enumerava as maravilhas. Em 1610, achando-se três religiosos de Alcobaça junto ao túmulo de D. Afonso Henriques, a confabular do milagre de Ourique, e em dúvida sobre se as promessas feitas então por Deus se cumpririam, sentiram fortes pancadas que o corpo do rei dava no interior, e o tiveram por sinal de que assim afixava a veracidade do que a êsse respeito, em documento escrito e na tradição, fôra consignado. Em 1632, no mesmo mosteiro, veio do céu um globo de fogo pousar sobre a cabeça do fundador da monarquia. Á praia de Cezimbra iam dar seixos misteriosos, com a palavra *Duque* em relevo, que signifi-

¹ *Portugal convezida con la razon para ser venzida con las Catholicas potentissimas armas de Dom Philippe IV*, Milão, 1648, por D. Nicolao Fernandes de Castro, cit. por Sampaio (Bruno), no *Encoberito*, pág. 290.

cava o Duque de Bragança. Em terras dêste, no Alentejo, appareceu um formoso adolescente desconhecido, que, preguntando pelo senhor do lugar, e sendo-lhe dito quem era, predisse que havia de reinar em 1640. Na mesma província, um vaso romano que se encontrou trazia a figura do império e a cabeça do imperador Teodósio, com inscrições, que logo se tiveram por prognóstico, e se interpretaram uma com referênciã ao Duque, outra a seu filho D. Teodósio. Havia também os casos de inspiração individual, como o do louco, que em Lamego aclamava nas ruas a el-rei D. João, ou o do desembargador António Ferreira, que muitos anos antes annunciara para 1640 a entrada nos régios paços de um soberano portuguez. Recordavam-se as profecias de astrólogos: João Belot, francês, que por juizos matemáticos, em um livro de 1630, prognosticara os tumultos de 1637, e a restituição do trono a soberano nativo; João Puget, também francês, que, em um juizo sobre os cometas de 1616, predissera que um grande rei de terras mui occidentais perderia o trono por negar ao povo um requerimento e responder-lhe asperamente, o que se applicou à revolta de Évora e restauração do reino; outros ainda, a quem pessoas conspícuas e de le-

tras, como o doutor António de Sousa de Macedo, tinham por dignos de fé ¹.

Após a revolução notaram-se os sinais que lhe confirmavam o apoio celeste. É o Cristo, que na solenidade da aclamação de D. João IV desprende um de seus braços da cruz, estendendo-o, como que a abençoar o feito glorioso; é a aparição da imagem do Sacramento adorado por dois anjos na lua, caso visto em Lisboa, Coimbra, Pôrto e Bragança, e de que nesta última cidade se mandou lavrar auto; é a notícia da Restauração anunciada nas províncias do reino, na Índia, Brasil e Angola, no próprio dia 1 de Dezembro, como se mensageiros divinos a tivessem levado; tudo isso factos de que ninguém duvida. Assim todos vêem que o céu está de acordo com as aspirações do povo, e que com o auxílio dêle se fez a revolução.

Depois disso o que admira se applicassem ao rei novo os vaticínios de grandeza anteriores? Os Jesuitas, e principalmente António Vieira, passam por ser autores do feito. Mas nos escritos da época se encontra a prova de que isso correspondia ao sentir geral. Desde

¹ *Lusitania Liberata*, pág. 746: «Hoc modo dico multa fuisse facta mathematica judicia, quæ promittebant de libertate nostra, cunctaquæ videmus».

que em 1597, no mosteiro de Alcobaça, a fraude patriótica exumara o documento comprovativo do milagre de Ourique, essas esperanças tinham acordado de novo. Os textos, que se applicavam no tempo a D. Sebastião, via-se agora, melhor interpretados, convirem a D. João IV. O santo ermitão que da parte de Cristo affiançara a victória ao fundador da monarquia, prometera-lhe igualmente a protecção divina para a sua descendência, até à décima sexta geração, faltando-lhe então por algum tempo, para em seguida novamente se afirmar. Os sebastianistas tinham por cumprida a profecia na pessoa do seu rei, que era na ordem da sucessão o décimo sexto. A primeira parte realizara-se no desastre de Alcácer; a segunda incutia-lhes a fé viva na volta de D. Sebastião. Com melhor razão aparente os corifeus do partido restaurador contavam as dezasseis gerações em D. João, duque de Bragança ¹.

¹ Na *Restauração de Portugal prodigiosa*, de pag. 34 a 40, vem mencionados cinco modos diversos de formar a série, com o décimo sexto membro em D. João IV. O que o autor considera mais exacto é o seguinte, pela ordem da descendência, passando dos reis aos duques de Bragança: 1 D. Afonso Henriques, 2 D. Sancho I, 3 D. Afonso II, 4 D. Sancho II com D. Afonso III seu irmão, 5 D. Denis, 6 D. Afonso IV, 7 D. Pedro, 8 D. Fernando e D. João I, 9 D. Afonso,

Era pois a visão de Ourique que abo-
nava as esperanças grandiosas do novo rei-
nado. Uns tinham por certo o quinto império
dos vaticínios ¹; outros, acomodando-se mais
às circunstâncias, contentavam-se de que,
pela propagação da fé e esforços dos Portu-
guêses, se verificasse o império de Cristo em
toda a terra, significado nas palavras divinas,
ouvidas por D. Afonso Henriques: *Volo enim
in te et in semine tuo imperium mihi stabelire* ².

1.º duque, 10 D. Fernando I, 11 D. Fernando II, 12
D. Jaime, 13 D. Teodósio I, 14 D. João I, 15 D. Teo-
dósio II, 16 D. João II, aclamado rei.

¹ «Felicidades grandes, e glórias sublimadas se
promettem a este Reyno, na geração sexta decima,
que à letra se entende por El Rey nosso senhor, Dõ
João IV, a quem os vaticínios e pronosticos mais ver-
dadeiros attribuem o maior Imperio de todo o Vni-
verso. Foraõ todas as grãdezas passadas, hũas sombras,
e huns ensayos das que esperamos presentes». (*Memoria da disposição das armas castelhanas, que injustamente invadirão o Reyno de Portugal, no anno de 1580*, por Frei Manoel Homem, da Ordem dos Pregadores, Lisboa 1655, pag. 149).

² Pero de Sousa Pereira, *Mayor triumpho da Monarchia lusitana, em que se prova a visão do Campo de Ourique*, Lisboa 1649. O autor diz que as palavras dirigidas ao Rei significam que «o escolheo Deos e á sua geração, para fundar nelle uma geração zelosa de seu culto divino, a que aqui se dá nome de Imperio para Deos, ou para a gloria de Deos» (pag. 113). E mais adiante: «*Mihi*, que quer dizer que este imperio é para Christo, e não para seus principes e herdeiros, desapegando sempre de si a presumpção propria» (pag. 114).

Tudo isso anelos do patriotismo confiado em altos destinos.

Embriagada pelo sonho maravilhoso em que novamente se encontra, a nação nada em júbilo, e como expressão da época surge uma literatura em que sôa o desafio ao inimigo expulso, e a cega confiança nas profecias, que já em parte estão cumpridas. Luís Marinho de Azevedo (*Lucindo lusitano*) escreve *El príncipe encubierto*, oferecido a Filipe IV, para lhe demonstrar que o Encoberto prometido era realmente o Duque de Bragança. Em Nantes sai à luz a *Ressorreçam de Portugal e morte fatal de Castella*, por Fernão Homem de Figueiredo (o dominicano Manuel Homem) que, como o título indica, anuncia a declinação e ruína da monarquia castelhana. No próêmio ao leitor lê-se: «Se fôres castelhano dou-te o pezame, se portuguez o parabem do novo imperio, que Deos augmente e prospere por largos annos». O mais notável desses livros foi a *Restauração de Portugal prodigiosa*, publicada sob o pseudónimo do doutor Gregório de Almeida, em que se oculta o Jesuita, que colligiu os prodígios relativos à aclamação de D. João IV, enumerou os vaticínios, e foi o

doutor por excelência do messianismo restaurador ¹.

A essa literatura corresponde um estado peculiar da mentalidade nacional, que ela exprime. É a megalomania dos tempos sebásticos que ressuscita. Para isso se exalta o valor português, se recordam façanhas dos tempos idos, se refere a singular protecção divina às nossas armas. Por milagre se venceu a batalha de Ourique, milagrosa foi a

¹ António de Sousa de Macedo assegura que o autor d'este livro famoso é o padre Manuel de Escobar, cujo nome declara *ut in Lusitanorum memoriã debitam gratitudinem habeat* (*Lusitania Liberata*, pag. 753). Mas o livro é geralmente atribuído ao padre João de Vasconcelos, reitor do Colégio de Lisboa. Isso diz o doutor Nicolau Monteiro, na *Vox turturis*, pág. 70, e se lê também na *Vida do irmão Pedro de Basto*, pelo jesuita Fernão de Queirós. No exemplar da obra existente na Biblioteca Nacional, encontra-se na folha do rosto uma nota manuscrita, que diz ter Manuel Severim de Faria avisado a António de Sousa de Macedo, por carta escrita de Évora, a 13 de Setembro de 1646, que o autor era o mesmo João de Vasconcelos. Mais convincente de todos me parece o testemunho do Padre António Vieira, que em carta a D. Rodrigo de Meneses, de 3 de Março de 1664 lhe dizia de Coimbra: «As profecias (de S. Frei Gil) tomara também vêr, e me lembra que as tinha antigamente um esparteiro das portas da Mouraria, em um de quatro livros destas curiosidades, que êle emprestou, agora faz vinte anos, ao padre João de Vasconcelos, quando compoz o livro da Restauração de Portugal, que appareceu com o nome do doutor Gregorio de Almeida». Não há pois dúvida que Macedo e os da sua opinião se enganavam.

tomada de Santarêm, e pelo milagre da vinda dos Cruzados se fez a conquista de Lisboa. Maior milagre foi o de Alcácer, quando com sessenta cavaleiros, sem couraças, D. Afonso Henriques desbaratou a um exército de quarenta mil infantes e quinhentos Mouros de cavalo ¹. Citavam-se as batalhas com Castela, Atoleiros, Valverde, Aljubarrota, não esquecendo a padeira afamada; e a aventura de Pero Galego, mancebo de Viana, que com poucos companheiros, em um navio pequeno, derrotou e pôs em fuga a uma esquadra de treze galés castelhanas ². Ou então as proezas da Índia: Duarte Pacheco e seus triunfos; Luís de Ataíde, que com só seiscentos homens debanda um exército em que, além da gente inumerável, passam de dois mil os elefantes de guerra; Luís Freire de Andrade, que com oitocentos homens logrou desbaratar a cento e cinquenta mil, que traziam consigo trezentos elefantes; Luís de Melo, que à frente de cem dos nossos resiste por doze horas a mais de cem mil da mourama; D. Jorge de Castro, que com cinquenta sol-

¹ *Mayor triumpho da monarchia lusitana*, cit., pág. 29.

² *Memoria da disposiçam das armas castelhanas*, cit., pág. 40.

dados faz frente a cinqüenta mil adversários ¹. Menos grandiosas, porém, igualmente adequadas a excitar os ânimos guerreiros eram as épicas façanhas atribuídas aos Portuguezes, que em grande número concorriam à universidade de Salamanca. Tal era a do estudante apelidado *el diablo Portuguez*, que de espada em punho uma ocasião afrontou a duzentos Biscainhos. Outro, não menos temido, se algum dos compatriotas era prêso, ia arrombar a cadeia, ou então tomava as chaves ao carcereiro, e libertava a todos os detidos, sem que ninguém se opusesse. E nas contínuas brigas, havendo sempre mortos, nenhum dos nossos já-mais fôra por terra ². Não deixavam também os que tais proezas celebravam de mencionar o epitáfio burlesco daquele António Peres que

Contra castellanos misso
Occidit omnes que quizo,
Quantos vivos rapavit
Omnes esbarrigavit.

¹ *Espelho de Lusitanos*, cit., pág. 36.

² *Id.*, 201 e 204.

Ou est'outro :

Aqui jaz Simon Anton
Que mató muyto Castellan
E debaixo de seu covom
Desafia a quantos san,

Sôbre os quais dizia o autor que os trazia em lição aos contemporâneos: «Sirva isto de exorte para os que hoje arrastrão bandeiras castelhanas, com tanta honra e gloria de sua patria; uejão e considerem que se os brios antigos até em as sepulturas não acabão, tambem depois da morte com gloria em o céu, e fama entre nós, são celebrados»¹.

Tal vanglória não foi exclusiva da época, como atestam antes e depois não poucas pá-

¹ Sôbre a batalha de Aljubarrota escrevia outro contemporâneo: «Los portuguezes, que eran solo nueve mil hombres rompieron y desbarataron el exercito castellano de setenta y dos mil hombres, de los quales quedaron muertos diez y ocho mil, y cautiuos quatro mil, que los Portuguezes enviaron a las fronteras deste Reyno, para el resgate tan barato, por ser muchos los cautiuos que llevo un soldado a dar diez Castellanos por un jumento, y dize la relacion antigua, que esto refiere, que era harto malo, assi se halla en el sermon antiguo que se predicava en el Real Convento de la Batalla. De portuguezes murieron todos los transfugas, que venian en el exercito de Castilla, y algunos vbo que ni muertos ni viuos se allaron, y de los nuestros murieron solo cien hombres». (*Marte portuguez contra emulaciones castellanas e justifica-*

ginas dos nossos mais afamados escritores; em nenhum tempo todavia com tanto excesso se afirmou.

Entretanto o Bandarra, cujas predições haviam despertado na alma portuguesa as aspirações de agora, como já despertara as do tempo de D. Sebastião, venerado de todos, cada vez mais crido, ninguém lhe contestava a categoria de profeta nacional. Não podia, só por um esforço de vontade, o país canonizá-lo; mas no dia da aclamação solene de D. João IV estava a imagem dêle em um altar da Sé, exposta como se faria à de um santo. O Arcebispo consentiu, e ninguém contra isto protestou, nem mesmo o Santo Ofício, que o tinha condenado. É o padre António Vieira que no-lo dá a saber, e o

ciones de las armas del Rey de Portugal contra Castilla, pelo doutor João Salgado de Araujo, abade de Pera, Lisboa, 1642, pag. 67.) Tão comum era a jactância pregoada nestas obras, que até delas faz praça, já mais tarde, livro de género tão completamente oposto como a *Arte de furtar*, que no capítulo sôbre *os que furtam com unhas temidas*, diz: «Antigamente hum só galeão nosso bastava para investir huma armada grossa, e botando fogo e despedindo raios a rendia e desbaratava toda. Sete grumetes nossos em uma bateira bastarão para investir duas galés; e renderão huma e puzerão outra em fugida. Poucos portuguezes mal armados, comendo couros de arcas e solas de çapatos sustentavão cercos a muitos mil inimigos, que vencião; e sempre foy nosso timbre com poucos vencer muitos». Pág. 211 da edição de 1652, suposta de Amsterdam.

disse aos inquisidores no seu processo, na sessão de 25 de Setembro de 1663. Os prè-gadores, celebrando a aclamação do novo rei, não hesitavam em dizer do púlpito serem as *Trovas* realmente profecias, e verdadeiro profeta o autor. A proibição do Santo Ofício era como se não existisse; o livro vendia-se públicamente. Não havia escrito, em defesa da independência, que as não citasse, com o sentido profético a que os acontecimentos tinham dado sanção. A censura da Inquisição aprovou essas obras. Passados cem anos, o réo condenado ao silêncio falava livremente ante os juizes de outr'ora, em plena apoteose.

Os ossos do vidente são então buscados em Trancoso, sua pátria, e transferem-lhos para um túmulo decente. Um entusiasta, personagem de importância, como o governador das armas da Beira D. Álvaro de Abranches, mandou fazer o túmulo, e João de Saldanha de Sousa, seguinte governador, ordenou a inscrição que dizia: *Aqui jaz Gonçalo Eannes Bandarra, natural desta vila, que profetisou a restauração deste reino, e que havia de ser no ano de 1640, por el-rei D. João IV, nosso senhor* ¹. O Conde

¹ Vej. *Documentos e apensos*, n.º 10.

da Vidigueira, embaixador em Paris, manda imprimir à sua custa em Nantes as *Trovas*. É a primeira vez que se dão à estampa completas, porque a *Parafrase* de D. João de Castro contêm, como sabemos, apenas nma parte das estrofes. Em homenagem ao profeta, um dos seus descendentes, Miguel Dias Bandarra, é agraciado por D. João IV com uma administração de capela ¹.

Tal é nêsse período o estado psíquico da nação. Do carrejão das ruas ao soberano todos rendem preito ao sapateiro de Trancoso. Milagres, profecias, sinais do céu, eis onde lê Portugal os seus destinos. Excelente documento do espírito reinante é a obra célebre de António de Sousa de Macedo, *Lusitania liberata*, que em 1645 saiu à luz em Londres. O autor, homem culto, diplomata habituado ao viver das côrtes, depois de esgotar os argumentos com que, perante a opinião da Europa, defende a legitimidade da nova monarquia, passa a corroborá-los, em cinqüenta e cinco páginas de apêndice, com a enumeração das profecias e prodígios que em Portugal como tais se admitiam. S. Metódio, S. Frei Gil de Santarêm, o Após-

¹ Vej. *Diabruras, santidades e prophecias*, por A. C. Teixeira de Aragão, pág. 141.

tolo S. Tomé, a visão de Ourique, o Sapateiro santo Simão Gomes, Esdras e Daniel, que o Bandarra primeiro invocara, o próprio Bandarra, de quem traduz alguns versos — *latinitate ineleganti ut translatio prior sit*¹, outros videntes e casos de maravilha, tudo isso traz em socorro de suas razões. Do mesmo modo o doutor Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita e depois Bispo do Pôrto, enviado que fôra a Roma tratar das negociações com a Cúria em 1645, na obra *Vox turturis*, publicada em 1649, que é um memorial ao Papa em sustentação dos direitos da Coroa portuguesa, consagra uma divisão

¹ *Lusitania liberata*, pág. 735. A estrofe *Já o tempo desejado é chegado*, etc. é assim vertida «Jam tempus desideratum pervenit ut computum concludit. Jam cessarunt quadraginta anni (*id est venit finis anni 1640, ut sup. lib. 3.*) qui memorantur à quodam docto jam preterito (*hunc non verè nosco.*) Rex novus est elevatus; jam clamat, jam apparet ejus vexillum adversus gryphem (*domum Austriacam, quæ, ut gryphus, componitur ex leonibus Castellæ, et Aquilis Germaniæ*) in pariendo foecundum. (*Hoc dicit quia hac foecunditate acquisivit tot status, unde disthicon:*

*Bella gerant alii, tu foelix Austria, nube,
Quæ Mavors aliis, dat tibi Regna Venus.*

E a seguinte, *Saia, saia esse infante*, etc.: «Exeat, exeat hic fortunatus infans. Ejus nomen est D. Joannes, etc.», também com anotações intercaladas, não menos saborosas que a singeleza da versão.

às profecias, e nela capítulo especial ao Bandarra, *varão para sempre célebre*, consoante declara ¹. Outra memória, que compôs Pantaleão Rodrigues Pacheco, dirigida a Urbano VIII, e destinada a convencê-lo de que devia receber o embaixador Bispo de Lamego, alega igualmente o Bandarra, e se não menciona o nome, no capítulo em que demonstra ser D. João IV o Rei prometido nas profecias, lá diz que «todos tem lido os mal limados e toscos versos daquele poeta, que tanto tempo de antes declarava o ano de sua restituição» ². O mesmo embaixador, pretendem os sebastianistas, apresentou ao Pontífice uma relação dos prodígios que

¹ *Vox turturis, Portugallia gemens ad Pontificem Summum pro Rege suo*, Lisboa, 1649. Principia assim o cap. 5.º do artigo 3.º: «Postulat ratio ut Gondicaluum Annes Bandarra, virum omni tempore adeo celebrem iam nunc in medio afferamus». E termina: «Quid ergo adhuc serenissimo Regi Ioanni quarto Portugalliae Regnum debitum negant ordinatione divina, aut prophetias negent Bandarræ, aut ipsi Regi ipsummet Regnum, divina illa ordinatione debitum fateantur».

² *Manifesto do Reyno de Portugal, presentado á santidade de Urbano VIII, N. S. pelas tres nações portuguesa, francesa, catalã, em que se mostra o direito com que El Rey Dom João III nosso senhor possue seus reynos e senhorios de Portugal e as razões que ha para se receber por seu Embayxador o Illustrissimo Bispo de Lamego*. Tradução do italiano em português. Lisboa, 1643. (Anónimo.) Pág. 28.

haviam precedido a aclamação ¹. O facto pode contestar-se, porque nem particularmente, e como bispo, o Santo Padre consentiu em receber o prelado português. Mas não convêm rejeitá-lo em absoluto. O *Tacito português* diz que houve uma audiência secreta. Seria assim. Em todo o caso o que êle não disse em pessoa a Urbano VIII podia ter-lhe comunicado por intermédio de algum cardeal. A crença em tais sinais era comum entre os Portugueses; a imprensa contribuia a propagá-la ²; e o que sabemos da psicolo-

¹ «Sinaes que apparecerão desde o anno de 1558 té o de 1640, em diversas partes do Mundo, no céu e cidades delle. Tirados de hũa proposta que fez á sanctidade de Urbano 8.º o Bispo de Vizeu D. Miguel de Portugal, embaixador del Rey nosso senhor D. João 4.º de Portugal». No *Jardim ameno*, cit. fls. 111 v. Esta obra é uma compilação manuscrita do século XVII, contendo os textos em que então se fundava o sebastianismo, e foi apreendida no colégio dos Jesuitas de Gouvêia, quando se fez o sequestro por ordem do Marquês de Pombal. Acha-se o título por extenso, e o índice das matérias na *Deducção Chronologica*, P. 1, Div. 1x, § 350.

² Isso se vê por exemplo no *Marte portuguez contra emulaciones castellanas* cit. «Assi enviô (Dios) a estes Reynos tantos senales del Cielo, tanto portento, Cometas, Ecclipses, visionis, enchientes y aue-nidas de aguas ya mas oydas. Tanger-se de por sy la campana de Vililla, con tanto excesso por tantos dias, a vista de mas de quatro mil personas *, golpes en la

* Havia em Espanha a tradição de que o sino de Belilla soava por si em ocasiões críticas da vida nacional.

gia da época atenua o que à primeira vista possa ter de inverosímil a suposição ácêrca do Embaixador.

Ainda anos depois, quando já era patente que as esperanças da primeira hora se não realizavam, o sapateiro iluminado não perdera o crédito. Em 1648 Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Holanda, encontra nas *Trovas* indicações para supôr que o infante D. Duarte, prêso em Milão, virá a comandar as forças unidas da cristandade, e vencer o império turco, então triun-

Luna, Isla brotada de la mar en un volcan, como succedio en las Islas terceras, portento el mas estupendo que se ha oydo des del principio del mundo, temblores de tierras, tormentas desechas en la mar y tierra, Ciudades subvertidas, tanto parto monstruozo, niños que nacieron armados, tantas plaças perdidas, exercitos degollados, prodigios en el ayre y cielo, tantos dias parece que brotando sangre segun la color de que se ponía: ciudades y Reynos amotinados, langostas en el aire fuera de tiempo, y en tanta quantidade, y de forma ya mas vista, tanta ruina y tanta monstruosidad que pedía ? o que ameaçaua ? sino lo que dixo Dios por Isaias Propheta: *A repente loquar aduersus Regnum, ud eradicem et destruam et disperdam.* Luego que podia presumir-se, sino que ha sido expressa voluntad de Dios nuestra libertad ?» Pag. 231. O modo sucinto das referências mostra que o autor aludia a factos geralmente admitidos. Alguns dêles encontram-se descritos no *Discurso em que se prova a vinda do senhor rei D. Sebastião*, indevidamente attribuido ao Padre António Vieira, e incluído nas *Obras inéditas*. T. 2.º, pág. 183.

fante dos Venezianos ¹. Por mais que o êxito desenganasse, ninguêm duvidava que o vate humilde de Trancoso tivesse arrancado ao livro dos destinos a folha em que estava inscrito o futuro da pátria. A fé em que D. João IV devesse efetuar o que êle prometia é que se apagava. O predestinado podia ser outro. Chegou-se a esperá-lo de fora, e em 1661 os joanistas, que não tinham visto cumpridas suas aspirações em D. João IV, lembraram-se de D. João de Austria ².

Sonhos efêmeros, dissipados, sem deixarem sombra, logo em seguida a terem aparecido; êste último tão desvairado, que até punha no inimigo a sua fé.

¹ Carta da Haia, de 8 de Agosto de 1648, para o Marquês de Niza: «A perda dos venezianos é muito para sentir, emfim não são só os hereges os que provam os rigores do céu; porventura que tome Deus este caminho, por meio de uma paz universal, para que todas as forças dos principes christãos se oppoñham contra as do inimigo commum, e para que venha a ser o cumprimento das nossas prophcias, e, segundo o Bandarra, parece que ha de ser o nosso infante o generalissimo desta liga.» Correspondência de Francisco de Sousa Coutinho, na Biblioteca Nacional, Cod. 1748.

² Ms. sobre o sebastianismo da Biblioteca Nacional, Cod. 863 cit.: «Houve tambem duas seitas joanistas. Uma de 1661 a 63, e teve seu fim fatal na derrota de D. João de Austria, que era o Encoberto» (Fol. 605 v.). A outra tinha sido a dos partidários de D. João IV.

V

Passados catorze anos da aclamação, nem África fôra subjugada, nem o Turco vencido, nem D. João IV havia cingido a coroa do império. Estivera êle gravemente enfêrmo em Salvaterra, e temera-se pela sua vida, quando Ant3nio Vieira, chegado havia pouco do Brasil, prêgando na capela rial, em acção de graças pelo restabelecimento do soberano, asseverou que êle não podia morrer; se mořresse ressuscitaria, para concluir a sua missão na terra e se cumprirem as profecias. E em socorro desta opini3o, de envolta com textos da escritura, invocou as prediç3es do Bandarra.

O espanto nos ouvintes foi grande, a recordaç3o inoportuna. A voz do Jesuita era como a de um morto esqueçido, que do t3mulo saísse, a dizer aos vivos cousas do seu tempo, antiquadas e que êles não compreendiam. Baixara entre os pol3ticos o prest3gio do profeta, ao mesmo passo que as aspiraç3es nacionais. A paz com Espanha, a Índia limpa dos Holandeses, como j3 estava o Brasil, o cons3rcio da infanta D. Caterina com um pr3ncipe poderoso, a isso se

limitavam então. Extinta a embriaguez dos primeiros triunfos, a ilusão dissipara-se ante a dura realidade.

Em 1656 falecia D. João IV. Vieira, tornado à América, prégava na matriz do Maranhão, nas exéquias, repetindo o que dissera em Salvaterra: D. João IV tinha de ressuscitar. Um e outro sermão foram de improviso, diz êle; em todo o caso nunca se imprimiram, nem o manuscrito se conhece. Perdeu-se o invólucro oratório, mas o âmago do discurso, o como e o porquê do prognóstico, temo-los na carta que, em viagem pelo Amazonas, dirigiu ao padre André Fernandes, confessor da Rainha, seu confrade e Bispo eleito do Japão¹. O escrito não é outra cousa que o comentário, interpretação e apologia do Bandarra. As profecias de Santo Isidoro e S. Metódio, as de Rocacelsa, outras em que se fundava o sebastianismo, tinha-as Vieira em mediana conta. A sua autoridade era aquele. Tinha prognosticado a Restauração, que se verificou. Como não se havia de crer o que

¹ «Esperanças de Portugal, Quinto imperio do mundo, primeira e segunda vida de el-rei D. João o quarto, escriptas por Gonçaliannes Bandarra e commentadas pelo padre Antonio Vieira,» nas *Obras Inéditas*, T. 1.º, edição de 1856.

igualmente prognosticara da ressurreição? O difícil é que nas *Trovas* se não encontra tal. Como não? O caso é buscá-lo. Nas duas coplas que aludem ao ano quarenta se topa o mistério. Ambas são, até ao oitavo verso, quási idênticas; mas na variante Vieira descobriu o oráculo. Diz uma das coplas:

Já o tempo desejado
He chegado
Segundo o firmal assenta,
Já se cerram os quarenta
Que se aumenta
Por um doutor já passado.
O rei novo he alevantado, etc.

E a outra:

Já o tempo desejado
He chegado
Segundo o firmal assenta,
Já se passam os quarenta
Que se aumenta
Por um doutor já passado.
O rei novo é acordado, etc.

A semelhança era tal, diz Vieira, que em muitas cópias ora faltava uma das estrofes, ora se achava riscada, por a supôrem repetição. Foi êle que após meditações, e conferindo o caso com Diogo Marchão Temudo,

seu amigo, também devoto do Bandarra, descobriu que o *rei novo alevantado* era D. João IV, aclamado em fins do ano quarenta; o *rei novo acordado* era o mesmo D. João IV, que havia de ressuscitar, anos passados daquele. Não se pode negar que fosse engenhosa a explicação. A isso seguia-se sair do Reino, com todo o poder que nêle houvesse e dirigir-se a Jerusalem; desbaratar os Turcos na passagem de Itália a Constantinopla; ferir de sua própria mão o Grão-senhor, e forçá-lo a render-se; reduzir à fé de Cristo as tribus perdidas de Israel; depois do que se realizava a conversão geral, e sujeição dos povos ao Sumo Pontífice, reinando para sempre a paz em todo o mundo. Tudo isto se entendia das *Trovas*.

Naquele tempo já o messianismo restaurador não tinha adeptos, e o patriotismo místico voltava-se novamente para D. Sebastião. No próprio período em que a nação, na embriaguez da independência recuperada, aclamava em D. João IV o Encoberto, havia ainda na seita os ortodoxos, fiéis à crença antiga, que tomavam por violência aos textos venerandos do Bandarra a interpretação entusiasta dos restauradores. Debalde êstes lhes mostravam seu êrro, e o triunfante número quarenta, que evidentemente designava

o ano da maravilhosa restauração. Havia, como sabemos, exemplares em que se lia outra cousa: nêstes setenta, naqueles oitenta. Resignavam-se pois a esperar os anos precisos, para que então, em 1670 ou 1680, chegasse o redentor ¹. Não faltava quem ainda acreditasse no D. Sebastião de Veneza. Tal era o convencido Sebastião de Paiva, monge trinitário, que em 1641 compunha o *Tra-tado da quinta monarquia e felicidades de Portugal prophetizadas* ². Os falsos breves,

¹ Sermão prêgado em Goa nas festas da aclamação de D. João IV, pelo teatino D. António Ardizone Spinola, missionário apostólico e prefeito das missões da Índia: «Todo o Reyno de Portugal, toda a Monarquia Lusitana, desde que passou a Castella, esperou e desejou sempre a el-rei D. Sebastião para o acclamar por seu rey e senhor. Cuidarão todos que houvesse de apparecer no anno passado de quarenta; por não entenderem bem as profecias agora appellam pela era de setenta. Se pois o desejam por rey ou he vivo ou é morto. Se he vivo porque não o buscão para o acclamar? Porque não vão os sebastianistas repartidos pelo mundo procurando por elle até o achar? E se he morto porque o não resuscitão, alcançando de Deus a sua resurreiçam com lagrimas, com penitencias, eom muitos actos de virtude?» *Cordel triplicado de amor a Christo Jesu Sacramentado, ao Encuberto de Portugal nacido, a seu reyno restaurado, lançado em 3 livros de sermões da feliz aclamação delrey D. João IV*. Lisboa 1680. T. 1.^o

² Cod. 810 da Biblioteca Nacional. Ms. in fólio. A *Bibliotheca Lusitana* dá noticia desta obra, e publica a sùmula dos quinze capítulos de que consta. T. 3.^o, pág. 697.

pelos quais três papas lhe mandavam restituir a coroa, eram fabricados de modo a supôr-se que o impostor calabrês pudera de qualquer modo evadir-se da prisão. O primeiro, de Clemente VIII, de 23 de Dezembro de 1598, corresponde à época em que apparecera em Veneza; os outros, de 17 de Março de 1617 e 14 de Fevereiro de 1630, em nome respectivamente de Paulo V e Urbano VII, e no último dos quais se menciona um D. Sebastião com filhos e mulher, não deixavam duvidosa a presunção da liberdade. O obstáculo, que oferecia a idade, não preocupava os crentes. Sabiam que em França um homem de nome João dos Tempos tinha vivido 300 anos; na Índia morrera em 1606 um com 400; e outros casos semelhantes ¹. Não seria pois de estranhar a maravilha. Tinham além disso a seu favor as circunstâncias, que, segundo as profecias, deviam acompanhar a chegada do Encoberto, e que em D. João IV se verificaram. A isso respondiam os contrários que D. João IV, o Encoberto apparecido, era o Encoberto do

¹ Bayão, *Portugal cuidadoso e lastimado*, pág. 727. Juan de Tampes (de Étampes?) diz António de Sousa de Macedo nas *Flores de España Excelencias de Portugal*, cap. 1, *Excel. V, in fine*, talvez com mais certeza.

Bandarra, o Encoberto de Portugal. O outro, o Encoberto do mundo, que santos e profetas anunciavam, havia de vir em tempos distantes, que ninguêem podia marcar ¹. O argumento era débil, sem dúvida, e quando o monarca faleceu, sem nada se haver verificado das aspirações populares, o partido ortodoxo viu regressar às filas muitos dos antigos adeptos.

Declarou Vieira na Inquisição ter feito o escrito do Quinto Império, sem intuito de que viesse a público, e sómente para o padre André Fernandes o ler à Rainha, que poderia assim consolar-se da perda que o reino e ela haviam padecido. Não é crível ter o confessor, contra a vontade do seu amigo, dado tanta publicidade ao papel, que em pouco tempo andava, por assim dizer, em todas as mãos. Nem António Vieira era homem que dispensasse os grandes auditórios. Senhor de uma verdade não lhe consentia o ânimo segredá-la a quem quer que fôsse. No púlpito, na sala do conselho, no

¹ *Cordel triplicado*, T. 1.º, sermão citado: «Que não é elle (D. João iv) o Encuberto de Portugal? Digo de Portugal porque quanto ao Encuberto do mundo todo, de quem falão muitos sanctos, he para mais longe, mui fora de nossos tempos, depois de muitos seculos de annos, e só Deos sabe, e nem se sabe quem ha de ser».

recato da sua cela, ou, como agora, na solidão vasta dos rios amazónicos, tudo para êle era achar-se na tribuna. Mal lhe havia de surtir o hábito desta vez, porque o escrito foi pretexto do processo que daí a pouco o reteve cinco anos sob o jugo dos inquisidores, e mais de dois no cárcere em Coimbra.

Não é lícito pôr em dúvida a boa fé de António Vieira, intelecto de primeira grandeza, mas para quem a educação e vida do claustro, na sugestão contínua do milagre, o ambiente místico tão intenso da Companhia, e uma falha incontestável no equilíbrio mental (sem contar com a influência do meio saturado do sebastianismo), tudo eram forças a impeli-lo ao desvario. A sua capacidade de crer no maravilhoso era enorme, sem nisso se distinguir da média dos contemporâneos, se bem que talvez o muito ler e o excesso da imaginação o levassem até onde o comum só desconfiado o seguia ¹. O caso da

¹ Sirva de exemplo o que diz na carta de 4 de Maio de 1665 a D. Rodrigo de Meneses: «Em Guimarães vomitou um homem enfermo um dragão com duas azas, de comprimento quasi de um covado; da cabeça até ao meio largo de dois dedos, vermelho escuro; do meio para a cauda mais delgado e de côr parda. De Roma se escreve houve tres dias de nevoas tão espessas e obscuras, que se não viam os homens nem os edificios, e que as trevas eram palpaveis como as de Egypto».

ressurreição era dêsses. Dentro da Companhia de Jesus os consócios mais acomodáticos, sem renegarem a tese do Encoberto restaurador, concediam já a D. Afonso vi, doudivanas em vésperas de mentecapto, o império do mundo ¹.

Mas não eram só êles. As vitórias do reinado inflamavam em novas esperanças as imaginações ávidas de feitos não comuns. O Padre Manuel Bernardes, moralista ponderado, agourava a ruína do Império otomano pelas armas portuguesas, com a fiança dos vaticínios de S. Frei Gil, e citava como autoridade a Sebastião de Paiva ². Mais explícitos, os vates da Academia dos Generosos

¹ Carta de António Vieira a D. Rodrigo de Meneses, de 3 de Março de 1664: «Por cá não ha cousa digna de relação mais que haver-se hoje dado principio às mesas nas salas dos nossos estudos, onde o mestre, que é o padre Francisco Guedes, tomou por problema dos futuros contingentes se havia de vir ou não el-rei D. Sebastião. E depois de o disputar com applauso por uma e outra parte resolveu que o verdadeiro Encoberto prophetisado é el-rei que Deus guarde, D. Afonso vi.»

² *Nova floresta* (1769) T. 1.º, pág. 336. Aí justificava as profecias do santo Frei Gil da suspeita, que lhes lançavam alguns, de supositicias: «Nem deve fazer duvida que a latinidade deste papel he mais limada do que naquelle tempo se uzava em Portugal, porque o Santo estudou em Pariz, onde se abalizou nas letras, e teve pacto com o demonio para aprender as sciencias facilmente, e depois foi sua conversão maravilhosa e teve notaveis e frequentes extases e revelaçoens.»

incitavam a D. Afonso a ensaiar a proeza. Na sessão de 2 de Fevereiro o apêlo fazia objecto de um certamen em que disputavam os louros dois poetas ¹. Vieira, por convicção ou lisonja, acabou por aceitar a doutrina, seguindo a corrente quando se viu sem companheiros, sózinho com a sua ideia.

A Inquisição, queixosa de D. João IV, e tentando atalhar a inclinação dos espíritos à superstição antiga, condenava outra vez o Bandarra. Em 1665 tornavam as *Trovas* a ser

¹ O tema era o seguinte: «Hũa canção castelhana de cinco ramos e onze versos excitando ao nosso Monarcha a novas emprezas, e que libertando o sepulchro do Christo lhe não faltarão em Portugal Taços que cantem suas emprezas». Extracto do primeiro poema :

Si quieres ser Monarcha soberano
dispone a buscar nuevas monarchias,
dá complemento à tantas profecias,
arma de rayos la invincible mano,
sienta tu yugo el barbaro Otomano,
rescate tu valor aun non bien visto
el sepulcro de Christo.

Do segundo:

O haz como le assombre
tu sombra y tu fortuna
à la otomana luna,
pues libertad esperan de tus manos
Traces, Gregos, Armenios, Georgianos.

Do Cod. 6374 da Biblioteca Nacional.

proibidas. O empenho era baldado, pois nenhum esforço lograva extinguir a crença que, sobrevivendo a três ou quatro gerações, se arreigara no país. O sebastianismo fermentava sempre, e não era só mania de algum desequilibrado, ou abusão do povo ignaro, senão que da crença participavam homens atilados e de espírito culto. A menoridade do soberano, as incertezas da guerra com Castela, influíam nos ânimos timoratos para novamente fundarem no sobrenatural suas esperanças. Em 1659, as guerras da Itália deram ocasião a espalharem-se em Portugal notícias àcerca de um herói desconhecido, que aos da seita logo se afigurou ser o esperado Messias. Francisco de Sousa Coutinho, que regressara ao Reino da embaixada a Roma, encontrando a novidade tê-la-ia aceitado, se o não desenganasse Manuel Bocarro, que vivia em Itália, e era ainda oráculo atendido em questões referentes ao Encoberto ¹. A êste havia de seguir-se, também com efeito transitório, D. João de Áustria.

As novas desilusões, as vitórias sôbre os Castelhanos, e finalmente a paz, não modifi-

¹ Vej. nos *Documentos e apensos*, n.º 10, a Carta de Manuel Bocarro Francês a Francisco de Sousa Coutinho.

caram esta disposição dos espíritos. Nas pessoas mais conjuntas à côrte se aninhavam as esperanças no Encoberto. Tinha-as, por exemplo, o irmão do Duque de Cadaval, D. Teodósio ¹, e pode-se crer que o Duque as teria também. Após o golpe de estado de D. Afonso vi, época de crise nacional, a esperança no salvador prometido afervorou-se outra vez. Coincidia a agitação interna do país com a que existia entre o povo judaico nas terras por êle habitadas. A cabala prometera-lhe para 1666 o Messias, e como tal se apresentava em Smirna o impostor Sabatai Cevi, atrás de quem corriam multidões de Israelitas, ansiosas de contemplarem a face e ouvirem a palavra do redentor. Mas não só entre os filhos de Israel, em toda a Europa, perturbada pelas predições dos cabalistas, o aproximar do anno 66 trazia um frémito. O que para os hebreus fazia a cabala, aos cristãos inspirava o Apocalypse: «Que aquele que tem inteligência conte o

¹ Carta de António Vieira de 10 de Agosto de 1655: «Não ha cousa tão difficultosa no mundo que se não deva esperar e crer, quando vejo a V. S. tão declaradamente sebastianista, o que eu tinha por incrível. Para bem lhe seja a seita, e a constancia com que V. S. a quer defender e disputar, e porventura convencer-me e converter-me a ella. Eu a tenho por muito boa para rir, mas não para crer».

número da besta, porque é um número de homem, e é o número 666»¹. Vê-se nas cartas de Vieira: «Aqui chegam agora uns padres de Italia, e dizem que para o anno que vem (1666) se esperam lá grandes mudanças no mundo»². Em outra: «O céu e a terra parece começam a solemnizar as vespersas e expectação do anno de 66»³. Também o Bandarra parecia indicar a data fatídica:

E nestes seis
Vereis cousas de espantar.

o que Vieira explicava: «Chama Bandarra a esta era a era dos seis por entrarem nella duas vezes seis, 660, e na era de 666 por

¹ Cap. XIII, 18.

² Carta de 7 de Agosto de 1665 a D. Teodósio de Bragança. No curioso escrito da época já citado (Biblioteca Nacional, Cod. 863), encontra-se menção do impostor israelita e das esperanças dos sebastianistas no ano referido: «Em nossos tempos houve um [Messias] em Constantinopla, cujo fingimento foi castigado pelo Grão-turco Mafamede 4.º e 20.º monarcha ottomano. O que tudo succedeu no muito notavel anno de 1666. E neste mesmo anno he que os sebastianistas com todas as forças dos seus desejos esperavão pelo seu Encoberto» (pág. 601). O mesmo escrito diz que depois adiaram para 1674 (pág. 606).

³ Carta de 6 de Maio de 1665 a D. Rodrigo de Meneses.

entrarem nella tres vezes seis, numero muito notavel e mui notado no Apocalyse¹.

Tudo isto, que a nós nos parece obscuro e forçado, era para os crentes luminoso e decisivo. Os sebastianistas, por isso, agitavam-se; mas passou o ano e, sem que os desenganasse a malograda expectativa de factos que nunca ocorriam, adiaram para 1670 as esperanças. Em fins de 1699 tudo lhas anunciava para o ano seguinte. Tinha morrido o Papa, sem resolver o conflito sôbre a nomeação de prelados para as dioceses do Reino. A eleição do novo pontífice tardava. Segundo alguns, o Encoberto havia de vir em ocasião de estar o Reino sem bispos e declarado um scisma na Igreja. Bispos não havia, e as delongas do conclave em que as disputas demoravam a eleição, pressagiavam-lhes o scisma. Diziam mais que o louco rei D. Afonso, na prisão de Angra, dia e noite bradava por D. Sebastião, que o viesse libertar a êle e ao reino². E torturando o Bandarra, revolvendo os cartapácios em que acumulavam os vaticínios, cada des-

¹ Esperanças de Portugal no quinto império do mundo, *Obras inéditas*, T. 1.º, pág. 125.

² *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, anónimo, attribuido a Frei Alexandre da Paixão, geral dos Beneditinos (Lisboa, 1888). Pág. 125.

ilusão lhes era incentivo para novas esperanças.

A este período deve pertencer o escrito, indevidamente incluído nas obras de Vieira, *Discurso em que se prova a vinda do senhor rei D. Sebastião*¹, posterior à morte de D. João IV, e que, pelo modo de argumentar pedante, reduzindo a questão a silogismo, e discutindo sobre as categorias do provável, recorda as escolas dos Jesuítas, de onde plausivelmente saíu. Não é todavia daquele a quem se atribui, para quem o Encoberto não foi nunca D. Sebastião. Os contemporâneos não se enganaram como os copistas da geração imediata. Sabiam ser António Vieira propugnador acérrimo do restaurado, e combatiam-no em escritos vários, invertendo em favor de D. Sebastião as conclusões tiradas por êle do Bandarra. Um, que supunham ser monge cartuxo de Laveiras, glosando o célebre verso — *Antes que cerrem quarenta*, dizia referir-se êle ao ano da catástrofe de África, pois entre êsse de 1578 e o em que fôra proferido o vaticínio, de 1539 ou 40, quasi tinham mediado quarenta anos. Prometera o vidente nas *Trovas um rei novo*, e arguia António Vieira: «El-rei D. Sebas-

¹ *Obras inéditas*, T. 2.º, pág. 183.

tião é tão velho que começou de tres anos a reinar». Ao que o Cartuxo respondia: «Dizem que *rei novo* não compete a el-rei D. Sebastião que é velho, mas a elle pertence realmente, porque foi novo quando começou a reinar, novo na aclamação pois tinha só tres anos, novo no nome, e agora torna a reinar de novo»¹. Logo em 1661, quando principiou a ser conhecido o papel das *Esperanças de Portugal*, compunha um anónimo o *Anti-Vieyra*, a rebater a interpretação do Bandarra, que substituiu D. João IV a D. Sebastião². Esse rejeita a significação dada aos versos,

Antes que cerrem quarenta
Erguer-sa ha gram tormenta

como a revolta de Évora, porque esta se

¹ Resposta que se deo a hũa pergunta de certa pessoa que queria saber se era certo ser ainda vivo e haver de vir ainda El-rey D. Sebastião. Ms. na coleção *Maquinações de António Vieira jesuita*, Biblioteca Nacional, T. 1.º, pág. 483.

² *Ante-Vieyra* nas esperanças do quinto império português, fundadas na primeira e segunda vida de el Rey D. João IV, accomodadas pelo padre Vieyra e Gonçalo Annes Bandarra, e respondidas por um anónimo curioso. Lisboa, 24 de Fevereiro de 1661. Ms. na coleção *Obras do padre António Vieira*, da Biblioteca da Academia das Ciências, T. 13.º, pág. 187.

limitou a desordens locais, que não mereciam designação tão grandiosa. O verso

O rei novo é acordado

que para António Vieira se referia à ressurreição de D. João IV, dizia o anónimo que com mais propriedade convinha a D. Sebastião «porque não só parece que dorme quem está morto, senão também quem é tido por tal». E contra o verso famoso

O seu nome he D. João,

que era argumento decisivo dos restauradores ou Joanistas, como então diziam, alegava o autor que em todos os cartapácios se lia:

O seu nome he D. Foam,

e que a versão diferente era falsificação dos contrários, acusação que êstes por seu turno, e talvez com acêrto, faziam aos da oposta opinião.

Outros achavam realmente no Bandarra as alusões ao monarca defunto, não porêem no sentido em que se haviam tomado até então. Tal o sebastianista da Baía, que pro-

clamava D. João IV precursor do Encoberto, do mesmo modo que S. João Baptista o tinha sido de Jesus Cristo. Ao que acrescentava: « Assim como muitos judeus se enganavam com S. João tendo-o por Messias, assim muitos portuguezes se enganaram com D. João IV »¹. As citações feitas bastam para se compreender como corria a controvérsia.

Como todas as inteligências superiores, António Vieira, pertinaz em suas opiniões e animado do desejo tirânico de as impôr, tinha a faculdade de as abandonar e passar a outras, por um processo de evolução fácil e no fundo absolutamente lógico. Os menos bem dispostos para com êle poderiam taxá-lo por isso de versátil. O facto é que, pouco a pouco, foi abandonando a idea da ressurreição de D. João IV, que não via realizar-se, e pondo em outros as esperanças do Quinto Império. Pode ser que a si mesmo se convencesse de que um sentimento de compaixão, o desejo de consolar a Rainha, como

¹ Papel que se fez na Bahia contra outro que no Maranhão fez Antonio Vieira, em que mostrava que el-rei D. João IV havia de resuscitar, colhendo esta consequencia das Trovas de Gonçaleannes Bandarra, mas este author incognito as applica a D. Sebastião. Ms. da collecção *Maquinações de António Vieira jesuita*, cit., T. 2.º, pág. 285.

dissera, fôra o móvel único do asserto que a Inquisição condenou. Já em 1664, antes de ser prêso, parece inclinado a consignar a coroa do Encoberto a D. Afonso VI¹. Depois, talvez para propiciar os juizes e o poder do dia, renega decididamente o rei falecido². Passa em seguida o império a D. Pedro³, e depois a seu primogénito, o primeiro

¹ Carta de 3 de Março de 1664, a D. Rodrigo de Meneses, cit. Depois de referir que na aula do padre Francisco Guedes se aprovara a tese que o verdadeiro Encoberto era D. Afonso VI, continúa: «Por signal que para eu crer e confessar assim não foi necessario nenhum dos argumentos que ouvi, porque depois que observei as felicidades de S. M. e a providencia tão particular com que assiste o céo a todas as suas acções, estou inteiramente persuadido a isso».

² Na sua defesa perante a Inquisição dizia: «O meu intento não era resolver por ultimo que o senhor Rei D. João fosse ou houvesse de ser o prometido Imperador: assim o poderão testemunhar algumas pessoas dignas de toda a fé, a quem foi força communicar o meu segredo e o meu pensamento, as quaes sabem que verdade era dedicar eu este livro [*Clavis Prophetarum*] a El Rei D. Affonso VI, que Deus guarde, e concluir por remate de tudo haver Sua Magestade ser o futuro imperador». *Obras Inéditas*, T. 1.º, pág. 4.

³ Carta de 8 de Agosto de 1864 a Diogo Marchão Temudo: «O triumpho total e destruição do imperio ottomano está reservado para rei portuguez; e podemos provavelmente crer que será o presente, não só por todas as partes, que com tanta eminencia nelle concorrem, de religião, valor e inclinação particular contra os turcos, mas por ser o segundo do seu nome, e se vereficar em S. M. o texto que tanto trabalho deu aos sebastianistas e outros sectarios: *De quatro reis o segundo levará toda a victoria*».

D. João, que viveu poucos dias e a respeito de quem em 1689 prègou na Baía que «não só havia de ser imperador senão imperador de todo o mundo». E, como a morte do príncipe lhe inutilizou o presságio, dava-lhe um sentido místico, para asseverar que Deus o chamara ao império do Céu ¹, ficando o da terra ao irmão esperado, que havia de ser D. João v ². Variações que em nada afectavam a crença dos verdadeiros sebastianistas, entre os quais António Vieira só teve contraditores.

VI

Não deve ser muito anterior à Restauração a idea da Ilha Encoberta, onde D. Sebastião se encontrava. D. João de Castro

¹ Carta de 19 de Julho de 1689, ao padre Leopoldo Fuess. Palavra de Deus empenhada e desempenhada; desempenhada no sermão de acção de graças pelo nascimento do Príncipe D. João. *Sermões*, T. 13.º.

² Cf. Palavra do prègador empenhada e defendida, empenhada publicamente no sermão de acção de graças pelo nascimento do Príncipe D. João, primogenito de Suas Magestades, defendida depois da morte em um discurso apologetico offerecido secretamente á Rainha para allivio das saudades do mesmo Principe. *Sermões*, T. 13.º.

não alude a ela. Nêsse tempo o monarca dos vaticínios vivia ainda a vida real. Esperavam-no de África, pelo estreito de Gibraltar ¹. Os textos diziam que havia de vir de longes mares, em um *cavalo de madeira*, o que os partidários de D. João IV julgaram cumprido, quando chegou de Vila Viçosa, atravessando o Tejo em um bergantim ². Mas a interpretação pareceu grosseira desde que, com o correr dos anos, a figura do rei prometido se idealizou. A alguém ocorreu compará-lo ao rei Artur, cuja tradição se não perdera ainda. A semelhança era notável; idêntico o destino. D. Sebastião devia também ter a sua ilha.

As reminiscências da lenda tinham evocado a miragem dos navegadores, e o povo não esquecera nunca as ilhas misteriosas, de

¹ Por las puertas del estrecho
Un encubierto entrara,
A Portugal va derecho
Passando herculeas culunas, etc.

Vaticínios do ermitão de Monserrate no *Discurso em que se prova a vinda de D. Sebastião*, cit. *Obras inéditas*, T. 2.º, pág. 208.

² Veja-se a contestação no *Anti-Vieyra*: «O dito rey dizem que ha de vir de largos mares em hum cavallo de madeyra, e Elrey D. João ainda que passou o Tejo vindo para Lisboa em hũa falua não veyo de largos mares nem do estreito de Gibraltar».

que fala Azurara, que momentâneamente surgiam das névoas do Mar Tenebroso. A Antilha dos geógrafos, a terra de S. Brandão da crença popular, converte-se na ilha encantada do Encoberto. De lá havia de vir em uma armada, e diziam alguns que acompanhado do rei Artur ¹. Em uma carta de D. Francisco Manuel de Melo, em outra de António Vieira, ambas de 1648, se alude à crença na realidade da ilha, em ligação com o sebastianismo ². São as referências mais antigas que encontro. A ilusão da era grandiosa dos navegadores viera a incorporar-se à dos tempos infelizes. As narrativas, em que a lenda antiga se funde com a do mesianismo, datam porventura desta época.

¹ Cod. 863 da Biblioteca Nacional, cit.: «Outras vezes tem dito e dizem que o dito rei (D. Sebastião) vem assistido do rei Arthur de Inglaterra e outros principes de quem se não soube a morte, e que vem com elles as nove occultas tribus de Israel». (Pág. 589).

² De D. Francisco Manuel, a LVI da Centúria terceira, de 5 de Fevereiro: «Seja Deus bendito que nos não declarou ainda as Ilhas empoadas, como lhes chama N., e quando para lá seja, lá dizem que está el Rey D. Sebastião, que não deixará de nos fazer mil honras». De António Vieira, de 10 de Julho, da Haia para o Marquês de Niza: «Esquecia-me que se me diz de Lisboa haver grandes indícios do descobrimento da ilha da Madeira encoberta, e mais não é sebastianista quem mo escreve». Da primeira carta faz

Uma delas conta que estivera na ilha em 1444 uma fragata de Génova, e a tripulação, desembarcando, achou-a povoada de gente que falava a língua portuguesa. Havia lá sete cidades, cada uma com seu bispo, e mais trezentas vilas. Os primeiros habitantes tinham ido do Pôrto, no tempo dos Gôdos, quando o último rei foi derrotado pelos Mouros, e levaram como Noé na arca um casal de cada espécie de animais, e plantas diversas, que se reproduziram na ilha deserta, encontrada quando tinham vagueado muitos dias na solidão dos mares ¹. O assunto inspirou um poeta, que o celebrou em verso heróico, e a obra conservou-se para a posteridade nas colecções sebastianis-

menção o sr. dr. Teófilo Braga, no livro *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, T. 2.^o.

O *Portugal cuidadoso e lastimado*, refere o caso de um piloto, que condenado à morte por certo crime pedira a D. Sebastião lhe perdoasse, oferecendo-se para descobrir «a celebrada Ilha encoberta que aparece ao longe e buscada de perto se não acha», proposta que o soberano recusou (pág. 698). Isto é invenção evidentemente de data posterior, embora segundo o autor da obra no tempo dêle passasse por cousa certa. Convém lembrar que o Padre Baião devia escrever em 1733 ou 34, e que neste último ano esperavam os sebastianistas a vinda do rei.

¹ *Notícia da Ilha encoberta ou Antília*, Ms. no Cod. 551 da Biblioteca Nacional.

tas ¹. Isto é, com leves variantes, o que regista a história grave, e tudo leva a crer que por efeito dela se transformou a ideia vaga da Ilha em realidade positiva, na imaginação sebastianista. Ela veio trazer o seu concurso à fábula. Na *Monarchia lusitana* (Liv. VII, Cap. v) encontra-se a descrição da terra maravilhosa, com seus sete prelados, e vem mencionada a viagem do barco genovês. O historiador refere que «foy algũas vezes descuberta pellos Portugueses, mas agora quando a buscão não acertão com ella». António de Sousa de Macedo, *Flores de España* (Cap. v, Excel. II), faz suas as afirmações do monge cisterciense. Este foi evidentemente o fundo em que a ficção da Ilha Encoberta germinou.

Como não podia deixar de suceder, contemporâneos houve que visitaram a terra misteriosa, e consignaram por escrito o que lá viram, bem como o que com D. Sebastião tinham falado ². Se os viajantes ninguém os

¹ *Monarchia lusitana*, por Inácio de Guevara, poema em 16 cantos e 202 estâncias. Ms., no Cod. 551, cit.

² *Relação de dous religiosos que virão a Ilha Encuberta ou Antilia*. Lisboa 29 de Mayo de 1669. Ms. na Biblioteca Nacional, Cod. 503. Os religiosos diziam chamar-se frei António de Jesus e frei Francisco dos Mártires.

via, não faltavam as narrativas de terceiros. Uns diziam ter encontrado no mar o rei e a sua frota. A fé avivava-se com êstes testemunhos pessoais. Dessa época data provavelmente também a noção da chegada em manhã de névoa e procederá da ideia que o Encoberto como tal se tem de conservar até ao fim. Na sua ilha ou sôbre as águas, até ao instante de se manifestar, o véo espesso das neblinas o ocultará.

Entretanto baixava o número e a qualidade dos fiéis. No tempo de D. João IV era o escol intelectual da nação que em estos de patriotismo se agarrava às profecias. Agora o sebastianismo, que a gente sensata já não tomava a sério, convertera-se em uma reduzida falange de maníacos e embusteiros. Dos últimos havia muitos a explorarem a boa fé dos crentes ingénuos, e alguns valiam-se com êxito do prestígio que lhes dava o hábito eclesiástico. O escrito da época, já citado, redigido em 1672, conservou-nos disso notícias assás curiosas ¹.

¹ Cod. 863 da Biblioteca Nacional, cit.: «Vi outros, sem embargo de serem sacerdotes, andarem dando novas, que affirmavam por certas, como el Rei D. Sebastião estava em tal ou tal parte, e que havia de vir em tal ou tal tempo, e outras vezes que tinha já saído da Ilha Encoberta, com dois mil galeões, carregados de gente, munições e ouro». Pág. 589.

Na coorte dos embaidores havia também mulheres. A filha de um violeiro, Maria de Macedo, que morava ao Chiado, dizia ir certas noites à Ilha Encoberta, onde falava a D. Sebastião, e via o rei Artur, os profetas Enoch e Elias e S. João Evangelista. Não faltariam mensagens e presentes ao soberano, retido por um destino adverso longe da devoção dos súbditos. De mau aviso foi introduzir a sibila no assunto personagens do Antigo e Novo Testamento. Interveio a Inquisição, e a esperta saiu condenada a degredo e açoutes, no auto da fé realizado a 4 de Abril de 1666. Nêsse ano, em véspera de S. João, devia D. Sebastião chegar, e houve quem fosse esperá-lo à Luz, que era o lugar designado. Certos adeptos acreditavam que D. Sebastião se achava no Reino, e só esperava a hora propícia para se revelar. Corria que um prègador afamado — o escrito cala-lhe o nome — confiara a amigos que era confessor dêle, e como tal o recebia secretamente na sua cela. E criam-no «até fidalgos muito autorizados», diz o nosso autor. António Figueira da Maia, homem de muita idade, de longas barbas brancas até à cintura, contava que, em Lisboa e na província, por vezes o tomaram por D. Sebastião, e à fina fôrça lhe queriam render homena-

gem ¹. É pena não se reconhecer o anónimo, que recolheu estas e muitas outras notas interessantes sobre a seita.

Por sua parte a Inquisição mostrava-se empenhada em não deixar medrar a superstição. António Vieira fôra processado. Depois disso mandara o Inquisidor-mor D. Verissimo de Lencastre apagar o epitáfio da sepultura do Bandarra, facto que foi comemorado nas profecias supostas que se lhe atribuíram mais tarde ². Em 1727 mais uma vez ordena que as profecias sejam apreendidas, e as declara opostas à religião, ímpios seus autores e os que as propagam. Todo o esforço, sem embargo, improfícuo; desde os últimos anos de D. Pedro II o sebastianismo prosperava à maravilha. Dêsse tempo são as profecias do Preto do Japão, compostas, segundo parece, pelo padre Clemente Gomes, com respeito à guerra da sucessão de Espanha ³. Em 1693 o Padre Alexandre do Couto, que fôra capelão mor no Brasil, no período das guerras contra os Holandeses, escrevia o *Brado do Encoberto*, volume em 4.º,

¹ Cod. 863, cit., pág. 514 e 536.

² Cf. *Bandarra descoberto nas suas Trovas* (Londres, 1810), pág. 14.

³ José Agostinho de Macedo, *Os sebastianistas*, pág. 103.

que tratava, segundo dizia o subtítulo, *da vida e vinda del Rey D. Sebastião* ¹. No reinado de D. João v o descontentamento pelos negócios públicos favorecia a difusão da seita. E característico o título seguinte de um escrito do tempo: *Exame preciso dos fundamentos dos sebastianistas nas miserias em que se acha Portugal no anno de 1712* ². Foi neste período que um estrangeiro, descrevendo o estado mental da nação, dizia estarem metade dos Portugueses, que eram os cristãos novos, à espera do Messias, a outra metade à espera de D. Sebastião. Tão importante parecia o assunto, que em livro grave de história, publicado pela Academia, o autor, um dos grandes nomes das nossas letras, declara não abordar a questão da existência ou morte de D. Sebastião, para não desagradar a nenhum dos partidos. Fala nos que o criam ainda vivo: «Desta opinião forão e são acerrimos sequazes Fidalgos de primeira grandeza, Religiosos de austérra vida, Letrados de profunda sciencia». O testemunho é de valor. E êsses homens diz-nos êle que «suspiram chegue aquelle tempo em que se verá restituida a Portugal a idade de

¹ *Bibliotheca lusitana*, T. 1.º, pág. 94.

² Ms. na Biblioteca Nacional, Cod. 402.

ouro»¹. Por esse mesmo tempo, o Padre José Pedro Baião no seu *Portugal cuidadoso e lastimado* dizia no Prólogo ao leitor: «Não te prometo nela (esta história) a volta del rei D. Sebastião, nem a sua vida corporal, como talvez imaginavas» sinal de que eram muitos os adeptos, e em outra parte: «*Se el Rey está ainda vivo* se deve entender que o guarda Deos para algũa cousa grande do seu santo serviço»². É a mesma crença do tempo do Rei Desejado. Há quem novamente discuta as interpretações de António Vieira³. A linha que flectira no período seguinte à Restauração, recobra o nível antigo.

¹ Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo del Rey D. Sebastião*. (Lisboa, 1736). Prologo. Em 1730 compôs Sórora Teodósia de Magalhães, freira de S. Bento, no convento da Ave Maria do Porto, um tratado intitulado *Firme esperança dos sebastianistas por uma anonyma devota do serenissimo senhor D. Sebastião rei de Portugal*. Diogo Barbosa Machado menciona na *Bibliotheca lusitana* a obra, acrescentando: «e a lemos com grande gosto». A advertência indica que não lhe era repugnante a doutrina.

² Pág. 128.

³ Como, por exemplo, no escrito: «Satisfação apologetica contra a ideia mais politica do Salomão da lei da graça, credito da nação lusitana, o Padre Antonio Vieira, sobre o vaticinio da resurreição de el-rey D. João 4.º. Mostrase com evidencia ser outro o lusitano encoberto ou portuguez redivivo que ha de illustrar este reino, anno de 1723». Arquivo Nacional, Cod. 1172. *Obras de Antonio Vieira*, T. 5.º.

A decadência em que a nação se sente, em vez de inspirar desânimo acorda esperanças grandiosas. Volvem à tela as ambições passadas. Em 1736, quando nasce a primeira filha ao futuro rei D. José, um frade bernardo, prègando em Coimbra, prediz-lhe que há de ter um filho varão, e que êsse fundará o quinto império anunciado nas profecias ¹.

Nessa época aparece outra série de *Trovas* do Bandarra, evidentemente apócrifas, que diziam terem-se achado em 1729, escondidas em uma parede que se derribou na capela-mor da igreja de S. Pedro de Trancoso. Anda impressa como o *Terceiro Corpo* das Trovas. O *Segundo Corpo* era composição anterior, e do mesmo modo fraude dos sectários ².

O vidente de Trancoso era então, como foi sempre, a principal autoridade invocada

¹ J. A. de Macedo, *Os sebastianistas*, pág. 106.

² O *Segundo Corpo* diziam-no extraído de umas cópias que o Cardeal Nuno da Cunha dera ao Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho. Parece ser anterior à Restauração, pela alusão ao real de água:

Quando fallo aos meus freguezes
Ficão descalços com magua;
Não são os reaes pera a agua
Que se botarão nas rezes.

pelos crentes. Esse prometia-lhes então a era milagrosa para 1734, e quando já o ano ia adiantado e as esperanças abaladas feneciam, o poeta humorístico Tomás Pinto Brandão

E mais pela quadra seguinte:

Na era de dous e tres,
Depois e tres conta mais,
Haverá cousas fataes
Vistas em nenhuma vez,

que parece significar 1626 (23 mais 3). Nêsse mesmo ano andava acêsa a luta das ordens monásticas com o govêrno, que pensava já em expulsar o Colector apostólico. Vej. a carta régia de 9 de Setembro de 1626, nas *Provas da Deducção Chronologica*, pág. 75.

O *Terceiro Corpo* pertence sem dúvida alguma ao tempo de D. João v. Começa assim:

Em vós que haveis de ser quinto
Depois de morto o segundo.

Sem grande esforço de imaginação se descobre a referência a D. Pedro II falecido. Outro verso, o terceiro da segunda copla,

Pouco vai de Pedro a Pedro

fácilmente se adapta aos dois infantes do mesmo nome, um nascido em 1712, que faleceu pouco depois, o outro que foi marido de D. Maria I, nascido em 1717. A explicação que se encontra no opúsculo *Bandarra descoberto nas suas trovas*, publicado em Londres em 1810, é mais complicada, porque tem de convir a factos do tempo da invasão francesa. A data de 1729, atribuída ao achado desta parte das *Trovas*, pode-se admitir como exacta, designando o ano da composição.

celebrava em versos zombeteiros êste novo desengano ¹, sem que todavia desilusões ou motejos lograssem pôr de vez em debandada as hostes dos fiéis.

VII

O tumulto em que decorreu o reinado de D. José, com os seus grandes factos — terremoto, conspiração dos fidalgos, expulsão dos Jesuitas, guerra com a Espanha — e a agitação em que punha o país o Reformador, empenhado em lhe modificar a idiosincrasia a empuxes violentos, não deixam perceber o latejo do sebastianismo perdido no borbórinho ambiente. Nem era, no tropel de tantas realidades pujantes, o tempo azado às quimeras. A crença esgotava toda a sua energia de acção no período do Encoberto restaurado. Transmudara-se em uma espécie de mania mansa, fatalismo tranquilo,

¹ Juízo do ano de 1734 em que os sebastianistas pelos cálculos de suas interpretadas prophcias esperavam de certo a vinda do Rey D. Sebastião. *Obras poeticas das que deixou manuscriptas Thomaz Pinto Brandão*. Ms. Cod. 8589 da Biblioteca Nacional, a fol. 493.

que aguardava em sossêgo a redenção prometida. Não foi porque Sebastião de Carvalho e Melo o sentisse pulsar nas veias da nação, que o denunciou ao mundo, na *Dedução Chronologica*, no seu modo violento habitual. Topou com êle em casa dos Jesuitas, quando andava a coligir elementos para os destruir. Apãreceram-lhe nos papéis sequestrados, profecias avulsas, o *Jardim Ameno*, escritos, verdadeiros ou supostos, de Vieira, e seguindo o veio descobriu material basto, que aproveitou para a sua tese favorita, que os Jesuitas eram autores de tudo quanto havia sucedido funesto em Portugal. Atribui-lhes terem inventado as *Trovas* do Bandarra, interpretando-as no sentido da Restauração para se lhes perdoar o mal que antes tinham feito à casa de Bragança.

No seu ódio colectivo aos Jesuitas, Pomal singularizou dois, a quem acima de todos detestou: Gabriel Malagrida vivo, António Vieira morto. Sôbre o primeiro sabe-se como, com horror do mundo, satisfez o seu rancor. Ao outro, não podendo atingí-lo mais que na memória, contentou-se em, até onde lhe foi possível, infamar-lha. O capítulo do sebastianismo proporcionou-lhe a oportunidade. António Vieira foi apontado como o principal fautor da seita, e isso se

lhe imputou por crime hediondo. As coplas do Bandarra tinha-as composto êle, depois da aclamação de D. João IV. Na sua secretaria mandou o Ministro recolher em sete grossos volumes os escritos avulsos, autênticos uns, outros falsos, do Jesuita; as sátiras contra êle, os papéis do Santo Officio, a sentença, as profecias, até as cartas anuais sôbre as missões do Brasil, escritas quando o autor era noviço, adolescente de dezassete anos; e pôs por título à collecção: *Maquinações de António Vieira Jesuita*. Não podendo, como fez a Malagrida, entregá-lo ao verdugo, foi uma de suas obras que êste queimou na praça pública, com pregão de deshonra. A 10 de Junho de 1768 mandou, por edital da Mesa Censória, destruir pelo fogo o *Ecco das vozes saudosas*, onde se acha a *Carta apologetica ao padre Isquafigo*, escrito em que Vieira faz referências ao Bandarra, e o qualifica de profeta. Igual sorte teve a *Vida de Simão Gomes*, pelo padre Manuel da Veiga. Ambos os livros declarados falsos, sediciosos, temerários e infames; e decretadas penas contra os possuidores, que os não entregassem ao tribunal.

A investida não era por êles conterem profecias, mas por livros e profecias virem dos Jesuitas. Por isso o mesmo edital con-

denou a *Restauração de Portugal prodigiosa*, e contra o *Jardim ameno* pronunciou severo juízo. Êste último, sendo exemplar único, não foi destruído. Com o pretexto de se fundarem nestas duas obras, o tribunal mandou também suprimir a *Vox turturis*, do doutor Nicolau Monteiro, e o *Balatus ovium*, de Pantaleão Rodrigues Pacheco, escritos publicados ao serviço e com o beneplácito do govêrno da Restauração ¹. Não contente com isso, a Mesa imputa no edital aos Jesui-

¹ A Mesa Censória condenou injustamente a obra de Pantaleão Rodrigues Pacheco, que não fala em profecias, nem foi, como diz o edital, impressa em 1646. Houve equívoco, produzido pelo que diz Vieira na *Carta apologetica*: «El Doctor Pantaleon Rodrigues Pacheco Obispo electo de Elvas en un tratado que presentó al Papa Innocencio x en Roma, llamado Exposicion del dolor de Portugal, en comprobacion de lo que pretende persuadir alega á Su Santidad los versos de Bandarra con nombre expreso de profecias, como se uè en la pag. 55 diciendo: *Y pertenecer este derecho à Portugal parece sintió Bandarra quando entre sus profecias entonó* etc. Y este tratado se estampó en Lisboa en el año de 1646, de licencia de los señores Inquisidores siendo entonces uno de ellos el mismo Pantaleon Rodrigues Pacheco». (*Ecco das vozes saudosas*, pág. 33). A obra *Balidos das Igrejas de Portugal ao Supremo Pastor Summo Pontífice Romano* foi impressa em Paris em 1653, na tipografia de Sebastião Cramoisy, de onde no mesmo ano saiu a versão latina. Acaso se referia Vieira à *Apologia pela acclamação do Serenissimo Rey D. João IV*, de que dá notícia a *Bibliotheca Lusitana*, mas que não consegui ver ainda.

tas terem colocado na catedral de Lisboa o epitáfio do Bandarra, que o dava como profeta; acusação que batia em falso, porque a sepultura era em Trancoso, e foi lá que o Santo Ofício mandou apagar a inscrição ¹. Outro edital de 6 de Março de 1775 manda proibir o *Cordel triplicado*, por conter os sermões em que o teatino Ardizone propagara em Goa, celebrando a aclamação de D. João IV, a doutrina do Quinto império do mundo; e votava o autor à execração pública como instrumento dos Jesuitas. Por igual motivo, o edital de 9 de Dezembro do mesmo ano manda queimar pelo algoz a *Anacephaleosis* de Bocarro e suprimir as obras *Luz pequena lunar*, e *Status astrologicus*, que o matemático publicara, a primeira em Roma, a outra em Hamburgo. Também Bocarro é dado como instrumento dos Jesuitas, que com o excitamento produzido pelas doutrinas da alquimia contidas na *Anacephaleosis* distraíam a atenção pública de seus malefícios contra o Estado. Vê-se pois que, procedendo assim Pombal, o alvo a que apontava não era o sebastianismo, que

¹ Vej. a certidão nos *Documentos e apensos*, n.º 12.

o não incomodava, mas os Jesuitas, que por todos os modos pretendia destruir.

Antes, porém, em 1761, encontramos o homem de sua confiança, o braço de suas violências, desembargador José António de Oliveira Machado, o carcereiro da Junqueira e secretário da Junta da Inconfidência, a denunciar à Inquisição, por divulgarem profecias sebastianistas, dois indivíduos, que saíram condenados no mesmo auto em que se realizou a execução de Malagrida: Alexandre José Catella Vidigal de Bulhões e Miranda, sentenciado a açoutes e oito anos de degredo para Angola; e Frei Bernardo de S. José, religioso franciscano, confessor das freiras de Santa Ana, a reclusão por tempo indeterminado nos cárceres do tribunal. Dois maníacos, que em conciliábulos traduziam nas esperanças sebastianistas a sua irritação contra o despotismo pombalino. O primeiro, aos clássicos vaticínios do Bandarra, Santo Isidoro, Santo Egídio e outros, trazia o concurso de um contemporâneo, de nome Manuel Pereira, conhecido como o *propheta de Leiria*. Êste, diziam, tinha prognosticado o terremoto e a tentativa da morte do Rei. O outro, velho de sessenta e nove anos, demente completo, divulgava as visões e revelações das freiras suas confessadas, e escrevia

as vidas das que mais sucessos milagrosos alegavam em justificação da própria santidade. Do cárcere, onde se achava recluso, mandava dizer a Catella, em bilhetes que foram apreendidos, que *D. Sebastião e o pontifice os viriam soltar*; e que, segundo uma visão, *na sala do conselho o pontifice havia de tomar conta ao rei e arguir o dominante* [Pombal], *e ambos então seriam presos*¹. Os sebastianistas mansos, que se não manifestavam contra o regimen do Ministro, êsses podiam proseguir em paz no seu devaneio; nenhum poder do Estado tinha em mira perturbar-lho.

Em 1808 a invasão francesa, de igual modo que em 1580 a perda da independência, deu alento ao sebastianismo que à falta de estimulante se arrastava entorpecido através da vida nacional. Não falhou êle à sua missão, que era, nas épocas de crise, acordar a consciência pública para a fé em destinos mais ditosos. Infelizmente, como já antes se observou, a energia desse sentimento esgotara-se, e as aspirações que a quimera

¹ Processo n.º 8619 da Inquisição de Lisboa, no Arquivo Nacional. É em extremo curiosa neste processo a sentença, como informação sôbre as superstições dos claustros na época. Vej. a denúncia nos *Documentos e apensos*, n.º 13.

secular do povo exprimia não tentavam realizar-se pela acção; permaneciam na esperança, até que ao redentor prometido aproovesse sair das névoas da sua ilha para cumprir um fado grandioso. Com razão José Agostinho de Macedo, em violentas diatribes, increpava de maus cidadãos os sebastianistas, que, em vez de correrem às armas para libertar a pátria, aguardavam o socorro divino exarado nas profecias.

Os textos em que firmavam a sua fé eram em grande número. Em mais de século e meio, após a Restauração, tinha-se o cabedal da seita enriquecido de testemunhos novos, que a imaginação viva ou a fraude produziam, e a boa fé diligente propagava. Ao entrarem os Franceses em Lisboa, invocavam-se as coplas do Preto do Japão que prognosticara: *Sairá a casa de Bragança, entrará a de França*. José Agostinho de Macedo explica como isto se referia ao arquiduque Carlos, descendente de Bragança, quando teve de ceder ao neto de Luís XVI a coroa de Espanha ¹. Apesar disso, o Bandarra continuava a ser o profeta máximo. Seus vaticínios, ou os que como tais passa-

¹ *Os Sebastianistas*, pág. 103.

vam, eram o que mais contribuía para manter viva a fé dos sebastianistas no Encoberto. Desde o século XVI a vinda de Napoleão fôra por êle apontada:

Poê um A pernas acima,
Tira-lhe a risca do meio,
E por detraz lha arrima,
Saberás quem te nomeio.

O que dá a letra N, que evidentemente designa Napoleão.

Ergue se a aguia imperial
Com seus filhos ao rabo,
E com as unhas no cabo,
Faz o ninho em Portugal.

Que melhor explicação desta copla, que a vinda de Junot, por ordem do Imperador?

Estas quadras são das que diziam encontradas em 1729, e applicam-se a primeira a D. João IV (na transformação do A para N ou para IV a operação é idêntica), a segunda à Espanha ¹. As seguintes são das

¹ Cf. Comentario às *Trovas* que dizem ser do Bandarra e achadas na villa de Trancoso escriptas em pergaminho, abrindo-se hũa sepultura que estava em hũa parede. Ms. nas *Maquinações de António Vieira jesuíta*, cit., T. 2.º, pág. 75.

que diziam provirem do cardeal Nuno da Cunha :

Nove letras tem o nome
Duas são da mesma casta,
Olhe qualquer como o gasta
Para não morrer de fome.

Nove letras tem a palavra Sebastião, e o A duas vezes. O mesmo sucede com Bonaparte.

Na era de dous e tres
Depois e tres conta mais,
Haverá cousas fataes
Vistas em nenhuma vez.

Contando dois, mais três, mais três, temos o número oito, que designa 1808, ano realmente célebre pela importância e novidade dos acontecimentos em Portugal. Tão a ponto vem as coplas, que bem se podiam dizer fabricadas nêsse tempo. Porém não é assim, e datam, como se sabe, da época da Restauração. No próprio corpo primitivo das *Trovas* se encontram passagens adequadas à ocasião. A contribuição de guerra de quarenta milhões de cruzados imposta por Junot lá estava prevista :

Commendadores, prelados
Que as igrejas comeis,
Traçareis e volvereis
Por honra dos Tres Estados,
E os mais serão taxados;
Todos contribuirão
E haverá gran confusão
Em toda a sorte de estados

Em uma colecção de profecias e outros escritos sebastianistas do convento das Francésinhas encontra-se o comentário seguinte do compilador: «Ora veja-se se não está verificado o que diz o Bandarra nos seus vaticínios. Ninguém ficou livre da contribuição; não houve excepção alguma de pessoas»¹. A seita adquiriu então grande incremento. Dá testemunho disso a acesa polémica que entreteve José Agostinho de Macedo a combatê-la. Os adeptos eram inúmeros. «Até homens conhecedores da historia de Hespanha e de Portugal», carpia o panfletário indignado pelo crédito que davam ao Preto do Japão. E no cáustico estilo em que era exímio estabelecia as proposições seguintes, que demonstrava: Um sebastianista é um mau cris-

¹ Papéis sebastianistas. Cod. 8167, na Biblioteca Nacional.

tão, um sebastianista é um mau vassalo, um sebastianista é um mau cidadão; e a derradeira, mais contundente, um sebastianista é o maior de todos os tolos ¹.

Não foi Macedo o só campeão desta jornada. Pedro José de Figueiredo, académico, autor sisudo, publicou anónimo um escrito, destinado a persuadir aos fanáticos que a morte de D. Sebastião era facto realmente ocorrido em Africa ². Outro anónimo deu à estampa um folheto, com o título *Promontório sebastiástico ou o Cabo da Boa Esperança sebastianista*, em que se referia a história de Marco Túlio Catizone, dando-o como o verdadeiro D. Sebastião; a narrativa de D. João de Castro condensada, e com particulares inéditos, que a tradição lhe introduzira em dois séculos. Rematava por dizer que o soberano, como tal por todos reconhecido, fôra trasladado de S. Lucar a uma prisão nos confins de Castela, onde, segundo as melho-

¹ J. A. Macedo, *Os sebastianistas*, pág. 103.

² *Carta em resposta de certo amigo da cidade de Lisboa a outro da vila de Santarem, em que se lançam os fundamentos sobre a verdade ou incerteza da morte d'el-rei D. Sebastião na batalha d'Alcacer-quibir*. Lisboa 1808. Não alcancei ver nenhum exemplar desta obra que deve ser raríssima. Inocêncio dá notícia dela no *Dic. Bibl.*, T. 6.º, pág. 417.

res presunções, Filipe II lhe mandou tirar a vida. Mas nenhuma demonstração convencia aos que da Ilha Encoberta esperavam o redentor da nação. Era crença dêles que D. Sebastião havia de desembarcar em Lisboa à frente de um exército poderoso, perseguir os Franceses, derrotar a Bonaparte perto de Évora e proseguir nas façanhas até à realização do império universal. Para que não faltasse o prodígio precursor, como era de razão, correu fama, acaso boato de algum gracioso, que se encontrara um ovo tendo em relevo na casca as letras D. S. R. P., que significavam: *D. Sebastião rei de Portugal*; e com isto mais a mania se exaltou.

Não atingia o caso o maravilhoso da época da Restauração, mas era suficiente para a imaginação mais comedida dos sebastianistas de 1808. Também entre um e outro período o nível mental dos adeptos baixara consideravelmente. Que era feito dos desvarios grandiloquos de António Vieira? No século XVII a credulidade vestia as roupagens da ciência, — teologia, cabala, astronomia, — perdia-se em cimos nublados e estéreis, sempre porêm sumidades. O que depois se agregou ao primitivo cabedal das profecias, é o maximo a que poderia rastejar a bronca ignorância dos crentes, e a boçalidade dos

inventores ¹. A esperança candida, que animava no século de seis centos o patriotismo, dispara afinal no ridículo.

Depois de 1820 há ainda quem se ocupe de derrotar o Sebastianismo, fazendo aparecer o Egrégio Encoberto na pessoa de D. João VI, ao regressar do Brasil. Com o facto *desvanece-se a esperança dos sebasticos, funda-se a dos liberaes* ². O assunto continua até mais tarde a oferecer matéria à bibliografia. Em 1849 sai à luz, dado à imprensa por um cantor, que foi corista em S. Carlos, de nome Manuel Claudio, um *Dialogo sebastico*, em que, por meio do vaticínio das gerações, e textos da Escritura, se demonstra a verdade da doutrina ³. Com grande indignação de Inocência, que no *Dicionário Bibliográfico* ⁴

¹ Veja-se o Índice de uma das colecções sebastianistas da época nos *Documentos e apensos*, n.º 11.

² *Sebastianistas combatidos, o Egregio Encoberto apparecido, o caso raro e maravilhoso acontecido, Portugal regenerado. Dialogo portuguez*. Lisboa 1823. (Sem nome de autor).

³ *O Egregio encoberto ou demonstração dos principaes fundamentos em que se estribam os sebastianistas para esperarem pelo seo D. Sebastião, e de que este Reyno, nossa cara patria, ha de ser a cabeça do Imperio e monarchia universal. Por um sebastianista*. M. C. Lisboa 1849.

⁴ T. 5.º, pág. 397.

increpa o autor de plagiário de um manuscrito do antecedente século.

Decaiu em remate na galhofa popular quando, em 1813, perambulava as ruas de Lisboa certo original, vestido de Mouro, que se dizia enviado de D. Sebastião, e o vinha anunciar aos Portugueses. Ao pescoço trazia um letreiro, com as palavras *terra, verdade, poder, honra, santidade, formosura*, a que devia ligar algum sentido cabalístico. Chamavam-lhe o *último sebastianista*. Atrás dêle ia em gáudio o rapazio, admirando-lhe o traje desusado, ouvindo-lhe o discursar extravagante. Podia ser um folião. Era um convencido, porventura algum dos de 1808, que perdera de todo o senso. Para sossêgo das ruas interveio a polícia, que o sequestrou por demente.

O caso fez arruído, e tanto interessou o público que se propagou pela gravura, e em seguida se apossou dêle o oleiro, artista ingénuo, cuja obra tantas vezes é o reflexo da alma popular. Foi copiada a gravura em um prato ornado, que mostra o sebastianista levado à prisão por um façanhudo militar. Em trabalho mais cuidado se lavrou uma estatueta, modelada igualmente da gravura. Assim teve consagração perene, na arte singela do povo, êste episódio, esquecido dos

letrados, visto que nenhum livro o menciona ¹.

Os assaltos do ridículo, o malôgro dos vaticínios, se destruíram a seita, à qual ficaram fiéis sómente alguns maníacos, escarneidos da gente incrédula, não conseguiram eliminar o prestígio do Bandarra, que continuou a ser reproduzido na imprensa, comentado e acrescentado. Há a edição suposta de Barcelona de 1809; a de Londres de 1810 ², e a de 1816 em que não entra nenhum dos escritos anteriores ³. Ainda muito adiante pelo século XIX, entrado já o período constitucional, certo comentador encontrava em um dos apócrifos o anúncio de factos da-

¹ A gravura, que vem reproduzida em um artigo do sr. Emanuel Ribeiro, na revista *Ltmia*, de Viana do Castelo, Série 2.^a, T. 1.^o, pág. 121, tem uma legenda que diz ser o *Retrato do suposto Enviado d'Elrei D. Sebastião preso por um Furriel da Policia de Lisboa no dia 1.^o de Agosto de 1813, e remellido para o Hospital dos doudos.*

² *Bandarra descoberto nas suas trovas, collecçam de Profecias mais notaveis, respeito á felicidade de Portugal, e cahida dos maiores imperios do mundo.* É um comentário às trovas do Terceiro Corpo, explicando-as com relação a acontecimentos da época.

³ *Trovas inéditas de Bandarra natural da Villa de Trancoza (sic) que existião em poder de Pacheco Contemporaneo de Bandarra e que se lhe acharão depois de sua morte.* Tem uma introdução assinada *Leal portuguez*, e três séries intituladas Quarta, Quinta e Sexta partes das *Trovas.*

quele tempo ¹. A edição de Barcelona, esgotada, repetiu-se em 1866, e em 1911 um editor de Lisboa julgou necessário publicar, com o nome do Bandarra, uma rapsódia, em que só pertence a mínima parte ao vate de Trancoso ². A publicação denota existirem leitores que a procuram. Não é obra desaparecida que se reimprime para acepipe de estudiosos, mas chanfana literária, acomodada ao paladar dos simples e ignorantes. Êsses acreditarão ainda no profeta, que há quasi quatro séculos prometia a D. João III um império. O que lhes oferecem não é já o que a singela musa da tripeça sugeriu ao intellecto, algo confuso, do sapateiro de Trancoso. Mas deturpado, interpolado, falsificado, é sempre o Bandarra o vidente por inspiração divina, perante a alma ingénua dos humildes, no povo português.

Intencionalmente deixo de incluir nas manifestações do sebastianismo os factos ocorridos no Brasil, em 1819 e 1838, na pro-

¹ *Explicação do terceiro corpo das prophcias de Gonçalo Yannes de Bandarra, começadas a verificar no reinado do sr. D. João V, e acabadas no reinado do sr. D. Pedro IV. Porto 1852.*

² *Profecias de Gonçalo Annes de Bandarra sapateiro de Trancoso, nova edição, conforme as anteriores, seguida das «Trovas» do mesmo autor. Lisboa, Livraria Universal, 28 Calçada do Combro. 1911.*

víncia de Pernambuco, onde de cada vez uma horda de fanáticos, que por sugestão de impostores esperava a vinda de D. Sebastião encantado, se entregou a excessos criminosos que só foram coibidos pela intervenção violenta da força armada. O que se passou em 1838 foi horrível. O embusteiro sanguinário, que capitaneava êsses energúmenos, logrou convencê-los de que por sacrificios humanos se alcançaria desencantar o monarca, e que as vítimas ressuscitariam com êle, para participarem dos tesouros que ao seu povo então distribuiria. Houve pais que sacrificaram os filhos, maridos as mulheres, e indivíduos que voluntariamente deram a sua vida. Nada tinham tais factos com a lenda do patriotismo português. A tradição, constante no povo, deformara-se ao contacto da mestiçagem, mal integrada na civilização. Amalgamou-se com reminiscências dos contos das fadas, e o resto foi o recordar inconsciente de ritos bárbaros dos antepassados, nos tempos em que ao sangue índio e africano se não mesclara ainda o do europeu ¹.

¹ Encontra-se descrição minuciosa dêstes acontecimentos na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro*, T. 70.º, Parte II, que contém o *Folk-lore pernambucano* pelo dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, pág. 33 e seg.

De toda a maneira certo é que, deturpada do sentido inicial, não se extinguiu ainda a tradição do sebastianismo, transplantada pelos colonos, nas regiões centrais do Brasil, menos acessíveis, em razão do afastamento e comunicações deficientes, à acção destruidora do tempo e das ideias, e lá permanece como na linguagem persistem certos vocábulos e modismos, hoje obsoletos, do tempo dos povoadores. Um observador que tanto penetrou a alma rude dos semicivilizados, mescla de três raças — o índio, o africano, o português — habitantes do sertão, como soube descrever em painéis vívidos o meio geográfico em que êles se movem, o malgrado escritor brasileiro Euclides da Cunha, assegura em um livro notável que «o sebastianismo, extinto em Portugal, existe todo, de modo singularmente impressionador nos sertões do Norte»¹. A diferença é que, em vez de anelar o redentor nacional, o povo ingênuo tem ali a esperança de um Messias que o resgatará da existência miserável de privações e trabalhos, de fomes e enfermidades, a que o condena a natureza

¹ *Os sertões, campanha de Canudos*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1903, pág. 141.

inclemente, em um solo de que a civilização não soube ainda afastar o flagelo das sécas, nem vencer as forças exuberantes, que contrastam o trabalho do homem.

Essa esperança, associada a um catolicismo degenerado, pelo culto das imagens, em adoração de fetiches, e frequentes vezes em pacto com a feitiçaria, arrancou em 1893 dos pobres lares, derramados pelas regiões maninhas ao Norte do Estado da Baía, multidão de famílias, a que se agregavam facínoras de mal com a justiça, no séquito de um iluminado, Antonio Conselheiro.

O apelido vinha-lhe de que, em peregrinações de longos anos pelos sertões, desde o Ceará, de onde tinha baixado, compunha desavenças, e em prègações aconselhava, auxiliando os párocos, meios conducentes à salvação. Um ignorante com dotes de palavra de raro poder sugestivo sôbre o auditório bárbaro, *bufão arrebatado numa visão de Apocalipse*, diz Euclides da Cunha. Fazia milagres e ultimamente, recomendando penitências, anunciava para 1900 o fim do mundo e o derradeiro juízo. Foi entre aquela gente simples como na Europa em vésperas do ano 1000. Abandonavam casas e haveres e seguiam o apóstolo. A turba, capitaneada por êle, foi-se estabelecer em Canudos, lo-

garejo contornado por montanhas e um rio de mesquinho caudal, o Vasa Barris. Ali se instituiu sob a autoridade do profeta, uma como república. Não era a primeira que tinham visto os sertões da região. No século xvii tiveram a sua nos Palmares os negros fugidos ao cativoiro; estoutra abrigava criaturas em fuga aos grilhões de uma mofina condição social. Aquela e esta em conflicto com o poder legal e a sociedade.

Os da última como protesto contra a autoridade a que se subtraíam, pregoavam a saudade do regimen imperial caído.

Sahiu D. Pedro segundo
Para o reyno de Lisboa
Acabosse a monarquia
O Brazil ficou atoa.¹

Como razão concreta apontavam o casamento civil obrigatorio, *casamento de cão*, lhe chamavam, aprendendo isso dos padres que em todo o Brasil e por largo tempo fizeram guerra à instituição.

Assim nas coplas toscas os bardos sertanejos enunciavam seu credo politico. Mas

¹ *Sertões*, pág. 208.

dêsse estado miserando viria tirá-los o redentor prometido aos antepassados de além do Oceano:

D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o *civil*
E fazendo o casamento.

Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião.
Coitado daquelle pobre
Que estiver na lei do *cão* ¹.

Abolição do casamento civil, castigo dos que o tinham aceitado, eis tudo o que os emancipados reclamavam do esperado Messias. Em cadernos de profecias que muitos tinham no povoado, lia-se o prenúncio do fim do mundo — *em 1900 se apagarão as luzes* — e da chegada do redentor — *das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exercito* ² —, e nesta crença aguardavam cheios de confiança o ataque das fôrças mandadas para desfazer um ajuntamento de que já se inquietava o govêrno.

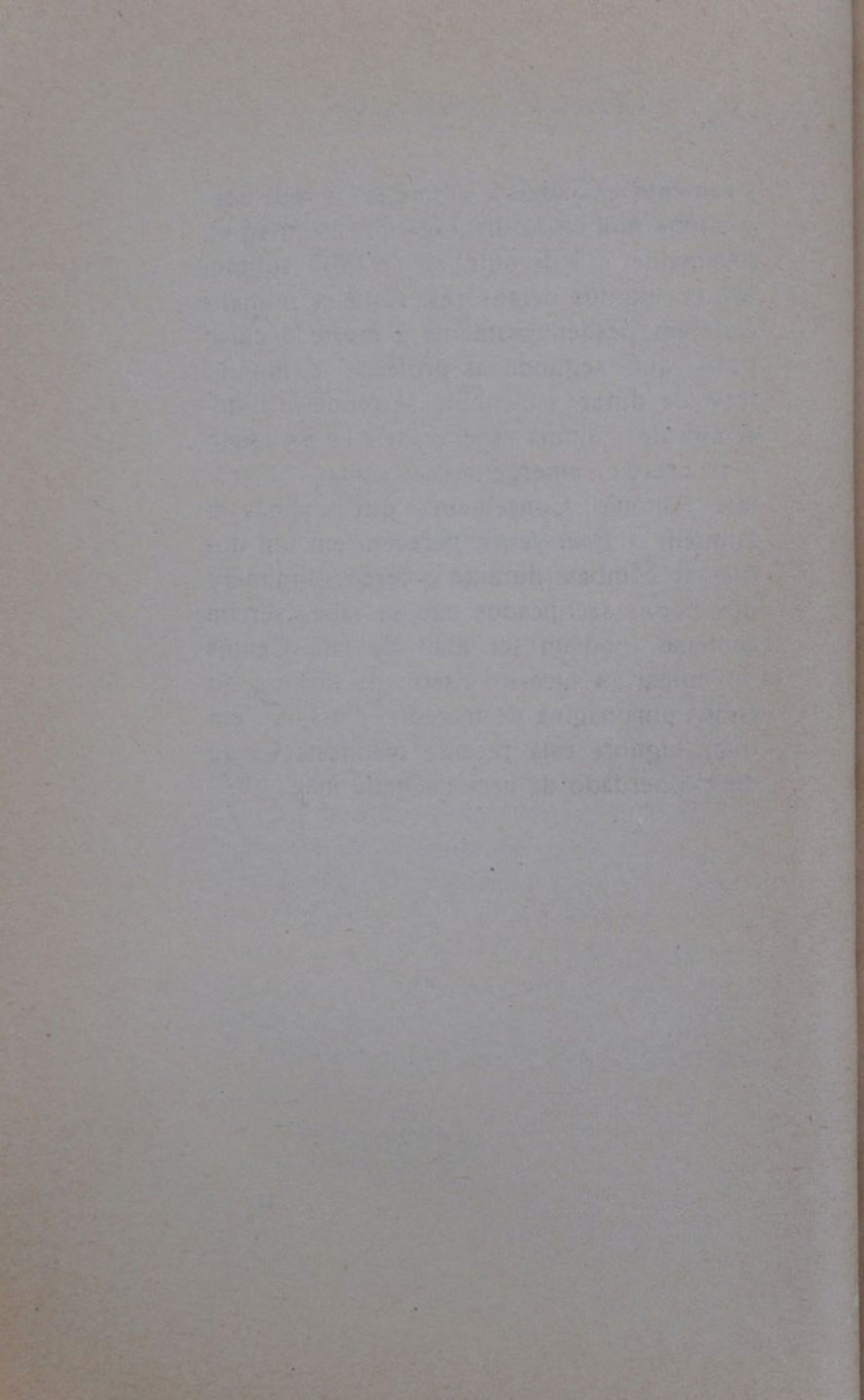
Quatro expedições militares foram suces-

¹ *Sertões*, pág. 208.

² *Id.*, pág. 171, 172.

sivamente enviadas a submeter os rebeldes; a última mobilizou um exército, e conseguiu finalmente, a 5 de outubro de 1897, submeter os últimos defensores. Aqueles homens cederam desdenhosamente à morte o curto prazo que, segundo as profecias, o mundo teria de durar, e nenhum se rendeu válido. Acaso até à última esperavam a D. Sebastião e ao exército emergente das ondas. O profeta António Conselheiro, que chamavam também o *Bom Jesus*, perecera em um dos dias de combate durante o cêrco. O número dos heróis sacrificados não se sabe; seriam centenas, podiam ser mais de mil. Centos ou milhar, o sucesso inseriu na história do Brasil uma página de tragédia, e assinala em traço lúgubre esta recente manifestação do delírio herdado da nacionalidade mãe.

Curioso



Documentos e Apensos

I

**Informação junta ao processo de
Gonçalo Anes Bandarra ¹**

Eminentissimo Senhor—Pela petição inclusa de Antonio Gomez pede a Vossa Eminencia lhe faça mercê mandar passar Certidão porque conste a causa da prisão de Gonçalo Annes Bandarra Çapateiro de Trancoso, e se foi ou não foi julgado no santo officio por christão novo ou parte delle: em Resão de querer livrarse da infamia, que por ser parente do sobredito se tem diuulgado na sua terra. E sobre o referido nos manda Vossa Eminencia informar.

E prouendo o seu processo, que somente se achou no secreto desta Inquisição, consta do theor da sentença, que he so o que delle se pode ler, haver sido sentenciado nella por fazer trouas sobre lugares da sagrada escritura, e mandouselhe se absteuesse de commetter mais esta culpa, como tudo mais largamente consta do processo, que para maior clareza inuiamos com esta informação.

¹ N.º 7197 da Inquisição de Lisboa. Arquivo Nacional.

E supposto o referido, como consta não hauer sido prezo por culpas de judaismo se nos não offerece duuida em se lhe passar a Certidão que o supplicante pede; mas como não consta nada acerca da sua qualidade, não tem lugar nesla parte a sua petição. Vossa Eminencia ordenará o que for seruido. Lisboa em Meza 28. de 8.^{bro} de 687. — *Esteuão de Britto Foyos — Sebastião Diniz Velho.*

Despacho: Os Inquisidores de Lisboa mandẽ passar certidão em como Gonçalo Annes Bandarra não foi preso por culpas de judaismo. Lisboa 29 de 9.^{bro} 687. (*Seis rubricas.*)

II

Processo de Gonçalo Annes Bandarra ¹

Preguntas de gonçalo Annes çapateiro de trancoso

Anno do nascimento de noso senhor Jesus christo de mil b^oRj Annos Aos xbiiij dias do mes de setembro em lixboa em as casas do despacho da samta

¹ Extractos. Este processo foi publicado pelo sr. dr. Teófilo Braga, na *Historia de Camões*, T. 1.^o, e já antes o tinha sido por Silva Túlio na revista literária *A Semana*, de que saíram à luz três volumes de 1851 em diante. A primeira obra não é vulgar, e da outra, que existe na Biblioteca Nacional, desapareceu o volume segundo, onde está o processo. Por isso não pareceu de todo escusado transcrever aqui as partes mais em relação com o texto.

Jmquisyção estando hy o doutor Joam de melo Jmquisydor per elle foy mandado vyr perante sy huũ homem que veyo preso de trancoso e nas ditas casas estaua preso, e per elle Jmquisydor lhe forão feitas as perguntas seguintes per o Juramento dos avamgelhos que lhe per elle Jmquisydor ffoy dado em que elle gonçalo Annes pos a mão e per o dito Juramento elle prometeo de dizer a verdade, Asy do que lhe fose perguntado como o que elle soubese que o deria, E per elle foy dito que era verdade que avera tres Annos pouco majs ou menos que elle gonçalo Annes viera a esta Çidade negoçar alguũas cousas e pousara em casa de Joam camsado ourivez da Rainha nosa senhora, E que muitos christãos novos souberão como elle era em esta Çidade, E que estando elle gonçalo Annes huũ dia em casa de huũ alfayate seu Amigo que se chama Luis do vale que viue defronte de nosa senhora da Conceição vierão huũs christãos novos — a saber Joam Lopez o caixeiro que mora na Rua noua e o convidara que fose la çear com elle e elle fora e acabado de comer que era jaa de noyte trouuera elle Joam lopez huũ liuro que parecia briuia em lingoagem o qual liuro tocava as vezes em cousas da briuia e as vezes em outra cousa que elle non entendia. E que elle disera logo que lhe parecia aquelo grosa de thalamu¹ e que aquelo nõ tinha Autoridade nhuã porque nõ estaua na sagrada escriptura, E que então elle Joam lopez nõ disera nada e se calara. E que sua molher disera nõ fales nesas cousas que bem sabes que vos pode vjr mal diso. E que então elle gonçalo Annes lhe começara a dizer alguũas trouas graçiosas delRey noso senhor que elle fizera em louuor do senhor deos e delRey

¹ Talmude.

....dise que haverá dez annos pouco mais ou menos que elle gonçalo Annes viera a esta Cidade e pousara com huñ Joam de bilbiz mercador que pousava na Rua noua dos mercadores christão uouo. e que estiuera em sua casa bem trimta e tamtos dias ate que se fora e que trazia comsygo huñ liuro que esta em poder delle jmquisydor e que daly o dito Joam lopez o conhecia por aquele tempo lhe vjr ver aquele liuro e lhe vinha preguntar a declaração das trouas—a saber—dalguñas dellas, que lhe dezião que queria dizer

huñ grande lyão se erguerá
 E dará grãde bramido,
 seu brado será ouvjdo
 a todos asombrará,
 corerá e morderá,
 e fará muy grãdes danos,
 grãdes Reys dos aRianos
 a todos sojugará.

E que lhe preguntauão por a declaração desta troua a qual lhe declarou segundo esta no dito liuro declarado o qual liuro esta em poder delle Jmquisydor, E que asy o dito Joam lopez e asy huñ francisco mendez de setuuel como outras pesoas christãos novos que nõ conhece nem lhe sabe os nomes lhe preguntauão por a declaração desta e das outras trouas, que elle fez que vão adiante desta que tem dito que he a primeira da obra que fez del Rey noso senhor..... E que era verdade que era mais lembrado que os sobreditos Joam lopez e francisco mendez lhe preguntarão se lera na sagrada escriptura que os tribos avyão de vyr e que elle gonçalo Annes lhe Respondera que estaua huñ dito de Jacob. e que ouuira pregar a huñ mestre gaspar alegando com esta autoridade de Jacob,

que avya de vyr o amte christo do tribo de dam e que estes estauão emcerrados ate que o senhor os soltase pera dahy vir o Ante christo.

. . . . E dise mais que avera huū anno pouco majs ou menos que estando elle testemunha em casa de manuel alvarez christão nouo morador em trancoso com outras muitas pessoas vierão a falar em noso senhor e que a molher do dito manuel alvarez disera dizej ro-gouolo ha ajnda de vyr o mexias porque dizem que ha de vyr ou veyo jaa E que então Respondera o dito manuel alvarez mercador jaa veyo e vos soes douda em falar jso. e que sua molher disera que em tempo dos judeus ouvia dizer que avya de vyr o mexias E dise que era verdade que todos os christãos novos de trancoso lhe preguntauão pella declaração de suas trouas e elle lhas declaraua e amostraua e as grosas dellas e que quãodo vyão a grosa nō curauão majs de lhe preguntar dellas nada.

. . . . Item preguntado donde alcançara elle este saber e entender a briuia e as cousas da sagrada escriptura e da briuia dise que elle tinha huña veyo de fazer trouas, e que tem grande memoria e lera muitas vezes per huña briuia em lingoagem a qual lera per oyto ou noue annos pouco majs ou menos e esta briuia era de huū João gomez de grão escudeiro natural de trancoso a qual briuia agora tem o marichal e por elle ter grande memoria asy lhe ficou as principaes partes na cabeça, E quando lhe mandam preguntar alguña pergunta e lhe esqueçe vay a casa do doutor alvaro cardoso e asy a casa de bertolameo Rodriguez clerigo de trancoso, e que estes lha lem per latin na briuia e lha declarão em lingoagem, e que desta maneira sabe o que dito tem.

Culpas do Çapateiro de trancoso

Anno do nasçimento de noso senhor Jesus christo de mil bº Rj (mil quinhentos quarenta e um) Annos aos xxxj dias do mes de mayo do dito anno em lixboa dentro no Carçere da samta Jmquisção perante elle pareceo Jorge fernandez christão nouo que hy esta preso e per ho juramento dos avangelhos antre outras cousas dise que era verdade que elle ouuira praticar a pedre alvarez mercador em evora nas cousas do çapateiro de trancoso falando niso a mestre grauiel como pessoa muito accepto as cousas do dito çapateiro o qual viera a esta Çidade a alguũs negoçoos que lhe comprião e o dito pedre alvarez falara com elle e lhe ouuira falar muitas cousas de que ficara muito contente e as praticara ao dito mestre grauiel o qual lhe Respomdera que não sabya donde ese homem sabya tanto porque nõ era pessoa de que se podese presumir nhuũ saber

. . . a qual pratica em que asy falara o dito pedre alvarez e disera que ouuira ao dito çapateiro de trancoso era no ser de deos todo poderoso e da sua potencia e do que era antes que o mundo fose criado e que isto falara o dito Çapateiro per termos e Rezões tam grandes e alegantes que nõ parecião ser ditas de quem as dezia senão dalguũ grandisymo theologo e mais alto ajnda em çiençia que jso, e que diso estaua muy marauilhado o dito pedre alvarez e que nõ sabya o que disese a taes cousas como ouvira e se achauão na boca de huũ homem que parecia mais pera ser ove-lheiro que pera falar palaura alguũa de Rezão natural do qual çapateiro huũ Joaõ fernandez devora sabe alguũas cousas e trouas suas que tinha. e elle Jorge fernandez lhe ouuira jaa dizer alguũas dellas as quaes

elle sabe de cor e as pode dizer se quiser nas quaes daua a entender a vinda do mexias pelos judeus esperado e que pello tom das ditas trouas se pode bem entender o que asy dezia E que esa era sua tenção e que era muy jnclinado aos christãos nouos pela dita causa.

Aos xix dias do mes de mayo de mil b^o Rj. annos em lixboa o senhor doutor Joam de melo Jmquisydor em suas pousadas deu juramento dos santos avangelhos a Joam fernandez çapateiro preso e antre as outras cousas que dise he o seguinte per o dito juramentô . . . que era verdade que elle vira huã carta que mandarão a luiz diaz e que lha amostrara huã manuel ferreira christão nouo que viuia em esta çidade a quai carta dezia que viera ao dito luiz diaz della de Riba da beira a qual carta vinha em copras e a carta nã vinha asynada per ninguem e que huã homem da beira dera aquela carta ao dito manuel ferreira e que asy vira elle Joam fernandez mais huãs trouas que fizera huã bandarria dalcunha o çapateiro de trancoso e que o dito manuel ferreira lhe amostrara estas trouas as quaes trouas elle sabe alguãs dellas de cor que dyria e al nã dise e do costume dise nihil.

Aos xiiij dias do mes de janeiro de mil b^o xxxbiiij annos em a çidade de lixboa dentro nos estaos perante o doutor Joam de melo pareceo diogo de montenegro preso pellos casos da samta Jmquisyção e per o juramento dos avangelhos antre outras cousas dise que huã çapateiro de trancoso aluoroçara muito e fizera grande mal nesta Çidade com trouas e perguntas que fez da sagrada escpitura e al nã dise do costume dise nihil.

Sentença ¹

Acordam os deputados da santa inquisição etc. que vistos estes autos e como por elles se mostra gonçalo anes . R: ser amjguo de noujdades e cõ ellas causar aluoroço em christãos nouos, escreuendo trouas que por falta de declaração se entendião e outra maneira e nã segũdo sua tenção dando outrosi declaraçoẽs a muitas autoridades da sagrada escriptura e repostas de semelhantes cousas sã letras, o que nã careçe de sospeita cõ o mais que pellos autos se mostra. avendose porẽ respeito a qualidade de sua pesoa. vida e costumes, mãdam que pubricamente declare sua tenção açerqua das trouas que tem feito segũdo se lhe dara por apõtamento, e que daquj por diãte se não ãtremeta mais a responder nẽ escreuer e njnhũa cousa da sagrada escriptura nẽ tenha njnhũs liuros dessa mesma saluo sendo o flos santorum ou euangeliorum somente, e fazẽdo o cõtrairo sera castigado como o caso mereçer e se pubricara que qualquer pesoa que teuer as ditas trouas as apresente a santa inquisição dentro de tres dias que vier a sua notiçia e o poder fazer.

o bispo dãgra

fr. georgius de sancto jacobo

Didacus

Antonius

*Jº de mello
Mendus*

¹ Já foi publicada por Teixeira de Aragão no livro *Diaburras, Santidades e Prophecias*, pág. 138.

III

**Sentença de João Fernandes,
cristão novo ¹**

Acordam os deputados da santa inquisição que vistos estes autos e como por elles e per confisam do R: se mostra o dito R: Joam fernandez sendo cristão nouo depois do perdam gerall judaizar e se apartar da nosa santa fee catholica comunjando cõ grandes herejes jmigos da nosa santa fee hindo ouujr as pregações e doutrinas de mestre graujell e orações judaicas que ensinava em casa de mjuell lopez crjstão nouo que ora esta preso e sentençado por hereje, e asi hir ouujr e rezar as orações judaicas que ensinava e rezava huñ filipe guomez outrosi cristão nouo em sua casa o quall he conde-nado por hereje, e asi buscar trigo e o majs neçesarjo por mandado do dito mestre graujell pera delle se fazer o pão asmo pera a pasqcoa do pão asmo que gardauã e çelebrauão, e asi crer que huñ luz diaz de setuuell cristão nouo era o mjsias que ho avia de salvar, deixando de crer por amoestações dos ditos herejes noso redemptor e salvador Jesu cristo ser o verdadeiro mjsias: com o majs que pellos autos se proua, e porem visto como o R: moujdo de boõ e verdadeiro conselho se quis jncorporar na santa madre jgreja pidindo reconçiliação e mjsericordia de suas culpas, usandose com elle da mjsericordia que

¹ Arquivo Nacional. Processo n.º 1862 da Inquisição de Lisboa.

pede recebem o R: a recõçiliação da santa madre Igreja e lhe dam em penjtença que faça abjuração pubrica dos ditos seus erros e culpas e carçer perpetu e que tragua sambenjo e mandam que seja absoluto da excomunhão em que encorreo in forma eclesie. fiquando reseruado a comutação da dita penjtença quando parecer seruiço de noso senhor.— *o bispo dãgra—Didacus—fr. georgius de sancto Jacobo—Antonius—Mendus.*

foy publicada esta sentença em lixboa no auto publico que se fez a xxviiij dias doutubro de mil bº Rj (1541) annos—Antonio Rodrigues ho escrevy.

IV

Processo de Luís Dias, cristão novo, denominado o Messias de Setubal¹

Libelo

Perante vos senhor doctor Joam de melo do conselho da santa jnquiscam com has vezes de jnquisidor moor pelo muito Reuerendo senhor dom dioguo da silua bispo de Cepta primas dafrica inquisidor moor dos casos e crimes de heresia em estes Reinos e senhorios de portugual per autoridade apostolica etc. diz ho promotor da Justica como Autor contra luis diaz cristão nouo alfaiate morador em setuual Reo preso e se cumprir

¹ Extractos dos processos n.ºs 3734 e 16905 da Inquisição de Lisboa. Arquivo Nacional.

Entende prouar que sendo ho dito Reo cristão e sendo obriguado a teer e creer ha santa fee catholica asi como tem e cree ha santa madre Jgreia de Roma ele dito Reo determinando da dita fee que pelo bautismo Recebida tinha se apartar e aposthatar de dous anos e meio a esta parte em ha uila de setuual honde era morador e em esta cidade de lixboa honde algũas uezes uinha com palauras e outros geitos e maneiras que pera iso tinha persuadia a muitos outros cristãos nouos ser ele grande profeta e ho uerdadeiro mesias prometido na lei causando com ho dito fingimento e modos que pera iso tinha antre hos cristãos nouos grande desaseguo e inquietacam por hos fazer creer como dito he ho sobredito e em hos uerdadeiros e catolicos cristãos graue escandalo por uerem e saberem ho grande desaseguo e inquietacam por hos fazer creer como dito he ho sobredito e em hos uerdadeiros e catolicos cristãos graue encandalo por uerem e saberem ho grande desaseguo e aluoroco que o dito Reo antre hos sobreditos com sua fingida santidade e saber causaua.

Prouar entende que ao tempo que ho dito Reo foi preso em ha uila de setuual foi achada em hũa arca dele Reo dentro em sua casa em hũa bolsa grande hũa carta com ho sobrescrito que dezia «a pedra do forte ficamento do cantom precioso» e ao pee do sobrescrito dezia «de seu seruo» ha qual carta parecia ser enuiada por algũa pessoa a ele dito Reo e has palauras de dentro eram de grande ueneracam e taes que pareciam mais escreueremse a pessoa diuina mais que humana com outras letras na soscrição ao pee que deziã «seruo de sua mahala» yz ha. pelo que esta claro ele Reo teer encorrido em crime de heresia e aposthasia e por hereje deue ser auido e declarado

Do que todo he publica voz e fama

Pede ha justica Autora a vossa mercê constando-lhe ho sobredito ser asi aja ʝo dito Reo por hereje e apostata e por tal per sua defenitiua sentenca ho declare e pronuncie e ho entregue aa justica secular ha qual com ele se auera benina e misericordiosamente

De quibus omnibus et singulis etc.

Non se astringens etc ¹.

Carta achada em poder do Reo.

ao senhor meu paz e a toda famjlya sua.

asy como alexandre partyo cõ ho prove que lhe pidjo esmola, nõ catando a quẽ dava se nõ avêdo Respeyto a seu senhorio, asy ho senhor meu partyo cõ seu servo merçes grãdes, como sua grãdeza, e não como meu pouco mereçymêto, daudo me auga da sua fomite pera mjnha cõsolação, e de todos hos sequyhosos da quall manã çertos Rybeyros e pelo sabor deles conheçy serẽ da fomite primçypall, por synall que todas as houtras sam salobras djãte da sua, mujto follgara que tevera neçesydade de cõprar algũas cousas para sna tẽda que ho fezerã vijr a esta tera pera fazer merçe cõ seu seruo ẽ vyr a pousar cõ ele pois sabe a vontade que tẽ pera ho Reçeber, hou mandar lhe leçẽça pera yr la, porque se deyxou de a tomar foy por lhe parecer empedjmêto a fremosura seja çedo descuberta pera servyço do sãto que seja bẽto pera sẽpre dos sempre, amen.

servó de sua mahala
yz ha

No verso da folha, em cima:

a pedra do forte fycamêto do camtom preçioso.

de seu servo ²

¹ Processo 3734, fl. 2.

² Processo 3754, fl. 21.

Relatorio

Domine Inquisitor—larguamente esta prouado pelas testemunhas da deuasa que comecam aas folhas xxix e acabam aas xxxj ha jnfamia deste Reo de como se fazia grande profeta e dezia ser ho uerdadeiro messias prometido na lei aas quaes testemunhas se deue dar mui jnteiro credito por serem cristãos nouos como ho Reo he e bem se pode a este dizer «gens tua et pontifices tui tradiderunt te mihi»

alem desta mui grande jnfamia ha qual também esta prouada pelas testemunhas que se tirarom em setuual que comecam aas folhas xxxbj dizem bastiam aluarez folhas 37 e uiolante gomez sua molher folhas 41 ambos contestes que hiam sempre continuamente a casa do Reo em anoitecendo quatro cristãos nouos de setuual e estauam com ele ate has onze oras e ate meia noite e falavam paso por que hos nō ouuissem has mesmas testemunhas que emçima dele uiuiam e loguo como estes cristãos nouos entrauam cerrauam ha porta sobre si e ha nom queriam mais abrir a ninguem e alem destes quatro de setuual hiam muitas uezes outros desta cidade e todos pelo mesmo modo se punham em grande consulta e faluam em sabedoria e ho Reo dezia que achariam nele mais sabedoria do que cuidauam e ele nas perguntas e contrariedade faz se muito neicio e jdiota e ho mesmo que dizem estas duas testemunhas afirmão tambem Joam martinz folhas 43 aluoro santo 46 lianor gomez 49 de maneira que este jndicio e presumcam junto com ha jnfamia he tam grande que mui bem abastam pera ho Reo ser metido a tormento quando de todo ho nom determinase declarar por heretico

quanto mais que diz lianor aluarez folhas 36 que to-

paua sempre aos sabados ao Reo no Rosio de setuual paseando muito maginatiuo e pensatiuo e ho mesmo diz fernam uaz folhas 42 e esteuam aluarez folhas 48 e francisquo aluarez folhas 54 nom se acorda uer em algũ tempo ho Reo na jgreia e muitas outras testemunhas depoem da fama nesta parte que acostumaua quando queriam aleuantar a deus hir se ao Rosio e depois da missa acabada se uinha na enuolta da gente pera sua casa

It diz vecente fernandez carpinteiro folhas 57 que era fama publica que ho Reo tinha esnoga em casa e a iso hiam laa hos cristãos nouos que ha acotiauam de maneira que ex hijs omnibus Resultant inditia indubitata contra Reum ex quibus potest in totum damnari ut inquit tex et ibi acur. in l. fi. C. de procurat. bart. in l. 2. ff. de furt. et bal. in l. milites C. de quest. et alij quos Refert angel. de aret. in suo trac. malef. in uerbo comparuerunt nu. 5. et gand. sub. Rub. de presum. et ind. e quando a uosa merce hos indícios de todo em todo nom parecerem jndubitados quod non credo peto quod Reus subjiciatur torture a qua nultenus potest se excusare ut inquit joan. aud. in addit. ad spec. t.º de probat. in fine et in t.º de not. crim. et sequitur uilhadie in suo trac. q. 13 in prin. et peto etiam interrogetur de socijs quod cum expensis ¹.

Sentença

Vistos estes autos, a saber o libello da justiça e defesa do Reo, e mais artigos e como se prouã urgentes jndícios de suspeita contra o Reo, a saber sendo cristão nouo de doze de outubro de mjl e qujnhentos e trinta e cinco conuersarem em sua casa

¹ Processo 3734, fl. 112.

certos cristãos novos asi da villa de setuvell como de lixboa de noite fora de tempo e oras acostumadas e por hũa testemunha se proua ouujrse ao Reo em pratica com elles de noite que nelle acharjam majs sciencia do que cujdauam e por outra testemunha se proua gabarse sua molher dizendo que hũ cristão nouo de lixboa que vinha a sua casa lhe dera dinheiro com que pagara o aluguer de sua casa e outras cousas, e asi se proua o Reo ser achado paseando no resio da villa de setuuell muito pensatiuo por mujtas vezes asi em dias e tempos de trabalho como em dias de festa em que os fieis e verdadeiros cristãos vão ouujr mjsa as igrejas, e visto como se proua ao tempo de sua prisam serlhe achado em sua casa hũa carta em hũa bolsa metida em hũa arca cerrada a qual parece ser feita por pessoa mujto sospeita na fee honde se diz antre outras cousas, no fim «a fermusura seja cedo descuberta» por honde se mostra acerqua da tal pessoa a vinda de noso redemptor nam se ter por muy çerta da qual sospeita o Reo nam careçe tendo gardada a tall carta e sendo cristão nouo e nam sendo verissimjll que mj-njnos posessem a tal carta em bolsa estando em hũa arca fechada e nam avendo na tal bolsa papeis de outra qualidade, e visto como se proua tambem o Reo ser reputado geralmente por homem sabedor e profeta e mjsias antre os cristãos novos: e cõ tudo isto jnfamado de mao cristão no lugar e vizinhança honde ujuja. o qual todo consjderado com ho majs que pellos autos se mostra, Condeno o Reo por sospeito na fee das culpas de que he acusado, e que faça abjuracão em forma, e em quatro meses de carçer homde fara penjtencia de seus pecados, e que nam ujua em qualquer lugar que estiuer senam antre cristãos ue-lhos homens de bem e nam entrẽ em sua casa majs cristãos novos do mesmo lugar honde ujuer de noite

e fora de oras. e isto ate que com sua vida dee tam boõ exemplo que pareça a santa jnquisição serujco de noso senhor ser releuado da tall penjtença. e nas custas: *João de mello*.

Aos xj dias do mes de setembro de mjl e be xxxbiiij ãnos ã lixboa foy publicada a sētença atras escripta per ho doutor Joham de mello jnquisidor ¹

Abjuratio

Eu luyz diaz cristão nouo morador na villa de setuall arcebispado de lixboa na freguesia de sam gyam, preso Ao presentemte no aljube desta cidade de lixboa pellos casos da sancta jnquisição de mjnha propria e liure vomtade abjuro Renuncio e aparto de mym toda e quallquer sospeita da sancta fee Catholica. Em especiall esta que de mym foy testemunhado. e prouado, pello quall fuy condemnado por sospeito na fee catholica de noso senhor Jesus cristo. a saber. por cōversarem em mjnha casa de noyte fora doras acostumbradas, cristãos novos asy da dita villa de setuall como desta cidade e doutras partes E eu dizer que se acharja em mym mais sçiença do que cujda-uam, mostrandome sabedor propheta e missyas aos cristãos novos, e por tall me denunciava per cartas. E por me hũa Carta ser achada em meu poder dentro em hũa casa mjnha honde viuja na dita villa de setuall dentro em hũa arca fechada e metida em hũa bolsa. A quall carta ho sobre escripto della diz. a pēdra do fortificamento do canton precioso. E dentro della diz antre outras cousas e palauras de sospeita e emcubertas «a fermosura seia çedo descuberta» E no fym da dita carta diz em abraico «seruo de sua mahalla»

¹ P-ocesso 3734, fl. 115 v.

yzha, E bem asy sendo visto per mujtas vezes assy nos dias da somana como outros de guarda em que avia de estar na egreja Eu andaar maginando e contemplando pello ressyo da dita villa de setuall pera fazer em meu partido e me mostrar assy sabedor como dito tenho aos cristãos novos, de que era visitado e me pagauam ho aluguer da casa em que viuja etc, e pellas quaes cousas e outras assy na dita carta contheudas que me foy achada em poder, como que se per testemunhas contra mym prouou, fuy e são avido por sospeito na fee e por tall condemnado, e por tanto confeso verdadeiramente a sancta fee catholica de noso senhor Jesu cristo e juro a estes samtos evangelhos em que tenho minhas mãos postas diante de uos muito Reverendo senhor bispo de cepta inquisidor mor que nunca me apartarey da nosa samcta fee nem terey, crerey nem seguirey nem falarey ho contrairo dela, e que sempre serey obidiente ao noso muy samto padre paulo papa terceiro que ora rege e gouerna a egreja de deus e a seus soccesores, e de nunca me apartar desta fee e obediência por ninhũa amoestação nem causa que seja. E que nunca mais vsarei das sobreditas cousas, nem seram achadas em meu poder as taees e semelhantes cartas nem cousas por honde me asy vosa senhoria comndenou e ouve por sospeito na fee, antes de tudo me apartarey e nam conversarey nem cõmunicarey senam com os bons verdadeiros e catholicos cristãos e quando dalgũ ho contrairo souber ho denunciarey como fiell e verdadeiro cristão. e prometo de cumprir e guardar ho comtheudo na sentença que neste caso contra mym foy dada como se nella conthem, segumdo mjnhas forças e possibilidade. E sendo caso que ho asj nam cumpra como me he mandado e nesta mjnha abjuração tenho declarado o que deus nam permjta que tall

seja que caya naquella pena que pollo tall caso segundo direito mereçer e etc. E peço ao notairo da sancta jnquição que esta presentemte que desta minha abjuração que assy aquj faço como dito he dee testemunho asinado em modo que faça fee e roguo aos que estão presentes que dello me seiam todos testemunhas e assignem aquy comjgo, e foram testemunhas francisco gill solicitador da sancta jnquição e paulo falcão porteiro da sancta jnquição que aquj assignaram em lixboa oje xxij dias do mes de dezembro dioguo trauaços notairo apostolico a fez de mil qujnhetos trinta e oyto annos. Rogado e requerido ē o dia mes e era sobrescripta — *Luys dyaz — francisco gill — paulo falcão.*

No alto da abjuração: esta abjuração nõ foi lida ao R¹.

*Culpas de luis dias alfay[a]te de setuuall
Reo preso na cadea*

Anno do nascimento de noso senhor Jesu cristo de mil b^exxxix (1539) ãnos Aos xiiij dias do mes de dezembro do dito anno na cidade de lixboa dentro na cadea da sancta jnquição homde ora esta preso bras afomso bolseiro cristão nouo. Nos notairos ao diante nomeados per mandado do doctor Joham de mello jnqujsidor fomos a dita cadea e lhe demos juramento dos samtos evangelhos em que pos sa mão e pelo dito juramento prometeo de dizer a verdade do que lhe fose preguntado e elle soubese. E llogo fisemos pregumta se sabja algũa cousa asy de vista como douvyda de hũ lujs diaz alfayate da villa de setuuall que outro sj na dita cadea e pellos casos da samta jn-

¹ Processo 16905, fl. 15.

quisição estaua preso. dise o dito bras afonso que era verdade que ante que ele fosse preso tres ou quatro ãnos ate o tempo que foy preso ouujo dizer e nam he lembrado a quem per muitas vezes e a muitas pessoas os quaees eram cristãos novos e disiam «vedes que se nos ha aleuantado hũ mjssias» nomeando ao dito lujs diaz de setuall e que diziam que ho dito luis diaz dizia que vinha ho senhor a fallar com elle de maneira que se denunciaua per mesias e que falaua com deus e que hiam cristãos novos desta cidade a dita villa de setuall a o buscar e a fallar com elle e que ho dito luis dias lhe affirmaua como falaua com deus e porem que se tall era ou nam que elle bras afonso ho nam sabe nem menos sabe nem conhece pessoa que a dita villa de setuall fosse fallar com ho dito luis diaz nem elle ho conhece senam desta cadea e prisam, e preguntado se era acordado honde e em que lugar ouvira o que dito tem pois nam he acordado das pessoas a quem ho sobredito ouujo, dise que nam he lembrado de mais do que dito tem. e all nom dise e do costume dise njchill e eu diogo trauaços notairo da santa jnquisição que esto escrepvo e ho dito bras afonso assignou com jorge coelho outrosj notairo que era presente — *bras afonso — Jorge coelho — trauaços.*

It Ines pirez molher do dito bras afonso cristã noua que outrosj estaa presa a que foi dado juramento dos santos evangelhos e preguntada se sabija algũa cousa que disese ou fisesse hũ luis diaz de setuall que outro sy estaua preso na dita cadea da samta jnquisição dise que he verdade que antes que ella fosse presa dous meses ou tres pouco mais ou menos ouujo ella diser como hũ homem estaua em setuall que se disia ser grande sabedor, e que sabija muito. It preguntada a quem ouvjo o que dito tem e se eram

pessoas cristãos novos se velhos dise que nam sabija se eram cristãos novos se velhos e que era na Rebeira hyndo ella testemunha a comprar pão e o que lhe era neçessarjo It preguntada se o que dito tem se o ouuyo a muitas pessoas e per muitas vezes, se como ho ou-ujra, dise que per veses ho ovyo o que dito tem as pessoas de que nam he lembrada nem menos ouvjo nomear ho nome daquele homem de setuall sabedor nem quem era, somente agora des que ho vyo nesta cadea tem ella testemunha que sera aquele de quem ouuyo dizer o que dito tem, e porem se ho elle he ou nam que ella testemunha ho nam sabe e all nō dise e do custume dise njhill e por certeza rogou a testemunha a Jorge coelho notairo da santa jnquisiçã que estaua presente que sinase este testemunho por ella como assignou e eu diogo trauaços que ho escrepvj. — *Jorge coelho — trauaços.*

ponhase aquj tambem os ditos de bras afomso e sua molher acerqua deste negocio e asi has perguntas e asi o proceso e penjtença que lhe foy dada quando foy preso outra vez e seja loguo ¹.

*Pregumtas a luis diaz alfayate morador
na villa de setuual preso*

Anno do nascimemto de noso senhor Jesu christo de mill quinhentos e quaremta ânos aos dez dias do mes de Janeiro do dito âno em lixboa dentro na cadea da sancta jnquisição honde estaa preso luis diaz alfayate christão nouo morador na villa de setuual ao qual fez as pregumtas sigujntes o doctor Joham de mello jnquisidor etc. primeiramente fez pregumta ao dito luis diaz que donde era naturall dise que elle

¹ Processo n.º 3734, fl. 1 do apenso.

nasçera na villa de viana de junto dalvjto. e dahj casara em montemor o nouo. onde viueo per muitos ãnos. e dahy se foy a setuall a morar. it preguntado porque se fora de montemor pera setuall dise que pera gajnar mjlor sua vjda e mais porque anrrique vaz seu pay que agora vende vinho a porta do mar nesta cidade viuia aquele tempo em setuall, e que depois o dito seu pay se viera a esta cidade a viuer e elle luis diaz ficara com sua molher na dita villa de setuall, e preguntado como se nam viera com seu pay e porque ficara antes em setuall pois por amor delle ja se viera de montemor pera homde estaua, dise que por nam querer e se achar bem e gainhaua sua vjda com seu officio e tenda que tinha e vendia total-las cousas em sua casa. E preguntado se vinha algũas oras a esta cidade dise que sy, e preguntado em que tempos dise que quando lhe era neçessairo vir comprar algũas cousas de tendas, e preguntando em que partes e a que pessoas compraua o que asj vinha buscar que as nomease, dise que as nam conhece nem sabe os nomes porque compraua aly dez e aquola çento a molheres que vendem estando pelas tendas suas mercadorias e portanto lhes nam sabe os nomes. E preguntado se estaua muitos dias nesta cidade quando asy vinha a comprar e arrecadar o que lhe compria, dise que lhe nam alembra estaar mais nesta cidade que ate dous dias e que neste tempo nam fazia mais outra cousa que comprar o que lhe era neçessairo pera sua tenda, a saber, cousas de espeçearja adubo acafram crauo e canela, e pimenta e cousas neçessairas pera hũa tenda. E preguntado quando vinha a esta cidade da dita villa de setuall honde pou-saua, dise que em casa do dito seu pay e nam em outra parte. it preguntado se emtraua em outras casas mais que naquellas honde compraua o que dito

tem, dise que nam. It o dito doutor lhe deu juramento dos santos evangelhos ao dito luis diaz disese a verdade do que lhe daquy em diante preguntar e asj ho prometeo o dito luis diaz pelo dito juramento dos santos evangelhos que corporallmente Recebeo e preguntado se conhecia mestre graujell ou se falara algũa ora com elle em aigũa parte, dise que nam o conhecia nem falara com elle, e que bem podia ver pasar ao dito mestre graujell e o nam conhecer como nam conhece. it preguntado se conhecia manuel ferreira alfayate morador nesta cidade dise que nam e que bem o podia ver e nam o conhecer. it preguntado se conhecia felipe gomez cristão nouo dise que ho nam conhece nem sabe quem he. It preguntado se conhecia algũas pessoas cristãos nouos nesta cidade com quem tiuesse algũa ora fala ou conversação com elles ou com ellas, dise que conversação nem pratica nam tinha nem teue com ninhũs cristãos nouos nesta cidade e que de vista bem pode conhecer algũs, mas de pratica nem conversação njnhuns nam conhece It preguntado se algũas pessoas cristãos nouos foram algũa ora desta cidade a setuual homde viuja e pou-sauã com elle dise que nam. It preguntando se conhecia João lopez o caixeiro morador nesta cidade, dise que nam e que de vista o podia ver mãis conversação nem pratica nem entrar em sua casa que nam. It preguntado pois nam tiuha com elle pratica nem conversação porque lhe mandaua de comer quando estaua preso, dise que tall nam se acharia nem nunca lhe mandara de comer a elle luis diaz o dito caixeiro. It preguntado se entrara algũa ora em casa do Licenciado francisco mendez ou se o conhecia dise que nem entrara em sua casa nem ho conhecia ao dito Licenciado. It preguntado se conhecia antonio fernandez filho do ferreiro delRej noso senhor, dise que

nam, e se o vira algũa ora dise que bem o poderia ver algũa ora mas nam que o conheça E preguntado se conheçia gonçalo fernandez esparaueleiro, dise que nam. It preguntado se conhecia hũ luis lopez cristão nouo, dise que nam ho conheçia somente que ouvira dizer que aconteçera hũ milagre a hũ homem que se chamaua luis lopez e porem que ho nam conhecia. It preguntado se conecia a hũ manuel lopez filho de gonçalo fernandez esparaueleiro, dise que desta cadea onde ora estaua preso ho conheçe e nam doutra parte e que esta foj a primeira vez que ho ujo segundo seu accordo. It se conhecia francisco mendez alfayate morador nesta cidade, dise que nam. It preguntado se sabya ler abraico dise que nam. It preguntado de que ydade era dise que xxxb ânos pouco mais on menos, e que ho baptizarão mjnjno, em viana de junto dalvito. It preguntado como tinha os filhos fanados, dise que lhe nasceram asj do quall tinha hũa sentença e hũ jns-tromento. It preguntado se depois de ser solto a primeira vez pela samta jnquisição viera mais a esta cidade, dise que sj vyera duas ou tres vezes e que pousara com seu pai. E preguntado honde pousaua agora em setuual dise que a porta noua e sempre pousara aly. It preguntado que vizinhança tinha, dise que hũ Joam vaz castelo, e a neta, e diogo de lucena comprador do mestre, e o guarda reposte, e bras alvarez veador das obras delRej e outros muitos cristãos velhos. It preguntado se a boca da noute emtrauam alguns cristãos nouos em sua casa dise que nam, se nã cristãos velhos homens e molheres que hiam a comprar o que lhe era neçessairo a sua casa. It preguntado se algũas das vezes que vinha a esta cidade comya e bebya ou dormja fora da casa do dito seu pay dise que nam. de maneira que pello juramento dos samtos evangelhos que asj Recebido tinha ele luiz diaz nam

eonheçia nem tinha conversação com njnhūs cristãos novos desta cidade e que bem poderia elle luis diaz saber os nomes de algūs porem que os nam conhecia. It preguntado pelo dito juramento se ouvira algũa ora nomear por seus nomes aos que acima e atras neste auto lhe tinha nomeados, dise que bem os poderia ouujr nomear, mas que lhe nam alembra. It preguntado se no tempo que ha que estaa preso asj no aljube como ora nesta cadea se o mandauam visitar, ou hyam algũas pessoas cristãos novos desta çidade, dise que cristãos novos lhe nam mandaram njnhuns recados que elle sayba e que de hirem hj poderia ser que hiam a ver a outrem e poderiam ver a elle luis diaz tambem. It preguntado se tinha algũa pessoa ou pessoas que lhe quizessem mall e teuesem maa vontade que ho disese. dise que todos hos cristãos novos lhe queriam mall como foy pubrica voz e fama de virem com ho libelo dizendo que elle era mjssias ou se fazia mjssias, e com este aborrimto todos desejauam de o estruyr e punjr e em especiall mestre Diogo de monte negro se queixa porque he muito grande seu jnjmjgo ao que conheçia nelle estamdo em casa do meirinho e pelejara com elle e o repelara e tomara hũa tisoura pera ho matar e que lhe dissera o dito montenegro que elle lujs diaz lhe bebera o vinho de hũ seu pychell e por lhe elle dizer que tall nã era verdade ho arepelara e abofeteara o dito montenegro, e que eom hũa tisoura ho qujsera matar, se lhe nã acudiram os de casa do meirinho. E que elle nunca conheçera ao dito monte negro senam da casa do meirinho, nem teuera com elle conversação senam da casa do dito meirinho e que segundo as suas Rezões que elle luis dias alcançou do dito monte negro elle foy o que dejtara a fama delle. porque hũ dia lhe começara de dizer cousas o quall lhe Requereo da

parte do santo padre e da sancta Inquisição que elle nã teuesse de ver com elle porque era muito boom cristão E que llogo lhe disera que era muito suspeito. E que ho dito diogo de montenegro disera a elle lujs diaz como o meirinho aires botelho lhe mandaua dizer çertas cousas, as quaes elle luis diaz nã qujs ouvir E pregumtado se as Rezoes que elle dissera ouvir a montenegro, por honde comprehendeo ser elle o que deitara a fama sua foram e passaram antes de pelejarem, se depois, dise que se nam alembraua nem se affirmaua, ser antes ou depois, porem que lhe parece que foj antes da peleja e all nom disse. It pregumtado se elle lujs diaz era cristão nouo, e se seu pay e sua may se fizeram cristãos ao tempo dos judeus, dise que elle he cristão nouo e dos feitos de seus pais que ho nã sabya, e pregumtado de que ydade sayo de casa de seu pay dise que de xb. ou dezaseis ãnos e por certeza assignou aquj e eu diogo trauaços notairo da sancta jnquisição que este escprevj com os Rescados que dizem nem sabja os nomes, e antrelinha que diz hos, e o rescado quantos porque tudo se fez por verdade por mim diogo trauaços e se Rescou e concertou antes dos sinaes do dito jnquisidor e lujs dias Reo preso—*Joao de mello—luys dias*¹.

Libelo

Perante vos senhor doctor João de melo do conselho da santa jnquisicam e comisario nas causas dela pelo muito excelente princepe e serenissimo senhor ho senhor Iffante dom anrique arcebispo e senhor de bragua primas da espanha Jnquisidor geeral em estes

¹ Processo n.º 3734, fl. 3 do apenso.

Reinos e senhorios de portugual dos crimes e crimes de heresia e apostasia per autoridade apostolica etc. diz ho promotor da dita inquisicam contra luis diaz alfaiate cristão nouo morador em setuual e ora preso na cadea da sancta inquisicam e se comprir

1.º Entende prouar que sendo ho dito Reo preso ho ano de quinhentos e trinta e oito e acusado por herege por se fazer profeta e ho mesias prometido na lei ele dito Reo foi per final sentenca condenado per sospeito na fee e em quatro meses de carcere e que fizesse abiuração em forma ha qual abiuracam ho dito Reo fez a xxij dias do mes de dezembro do difo ano de quinhentos e trinta e oito e jurou e prometeo nõ tornar a cometer has semelhantes heresias nem outras de outra algũa qualidade como todo pelos autos que comtra ele dito Reo se procesarom e sentencas e abiuracam a ele acostadas consta

2.º Prouar entende que dispois de ho dito Reo asi ter feita ha dita abiuracam e determinando outra vez da fee catholica que pelo bautismo Recebido tinha se aparthar e aposthatar em todos hos dias e meses do ano pasado de quinhentos e trinta e noue em setuual honde era morador e asi nesta cidade honde muitas uezes uinha até ho tempo que foi preso tornou a dizer e afirmar que ele era mesias e profeta enuiado de deos fazendose grande sabedor na lei de moises e mostrando que falaua cousas muito altas e sobidas dizendo e afirmando que muitas uezes falaua com deos e por tal se fazia ter adorar e uenerar e tal era ha uoz e fama persuadindo outrosi a muitos cristãos nouos que se circuncidasem como de feito por ho ele dizer e amostrar se circuncidauam e todo ho sobre dito fazia e dezia asi dispois de ele ser solto como antes da primeira prisam e ho dito Reo he geral e comũmente das taes heresias infamado pelo que esta

claro ter encorrido em crime de heresia e por herege deve ser auido.

Do que tudo he publica voz e fama.

Pede ho dito promotor a vossa merce constando lhe ho sobredito ser asi aja ho dito Reo por herege e por tal per sua defenitiua sentenca ho declare e pronuncie e ho entregue aa justica secular ha qual com ele se auera benina e mesericordiosamente.

De quibus omnibus et singulis etc.

Non se astringens etc. ¹

Suplemento ao segundo libelo

Senhor — per uia de artigos de noua Rezam ou como melhor em direito se possa e deua dizer, diz ho doctor esteuam preto promotor da iustica da santa inquisiça contra luis diaz cristão nouo Reo presso contra ho qual diz e se cõprir:

1.º Emtende prouar que uiuendo elle Reo em nome e face de cristão na uilla de setuuel, em os meses do ãno de 1536 e de 1537, foi ho Reo uisto per muitas vezes Judaizar e gardar os Ritos e cirimonias e costumes dos Judeus gardando em todo os sabados dos ditos dous ãnos asi como gardauam os iudeus na lei velha e nos ditos sabados elle Reo nom trabalhaua em seu ofiço dalfaiate nem fazia outra cousa algũa e os gardaua como propriamente domingo e dia de festa, e ho mesmo fazia e gardaua os sabados, no ãno de 1539, assim como os gardaua nos ditos dous ãnos, de 1536 e de 1537, que foi antes de elle Reo ser presso, e despois de solto.

2.º Emtende prouar que ho dito Reo luis diaz, em todos os ditos dous ãnos de 1536 e de 1537, e

¹ Processo n.º 16905, fl. 3.

no ãno de 1539, aos sabados e aos domingos pella manhã e outras oras do dia, se hia pasear soo ao Rosio que esta fora da uilla de setuual, e ali oulhaua pera ho çeo e pera as estrellas, e deixaua de pasear e estaua quedo, e fazia que contemplaua, e fallaua consigo mesmo, dando ha emtender que fallaua com deos, sendo uisto per muitas pessoas da dita villa andar paseando. e fazer ao sobre dito.

3.º Emtende prouar que nos ditos dous ãnos de 1536 e de 1537, e no ãno de 1539, muitos cristãos nouos da dita villa de setuual e desta çidade e doutras partes conuersauam e comunicauam com ho Reo e depois de solto hiam de noute a sua casa a conuersar com elle e ouuirhe suas pregações.

4.º Emtende prouar que ho dito Reo luis diaz he pubricamente infamado na dita uilla de setuual de muito mau christão e ho tem por Judeu, e asi ho tem e crem muitas pessoas pera assi e ho juraram e afirmaram que he mao cristão e Judeu pelo que lhe uem fazer, e bem asi he pubricamente infamado na dita villa, que gardaua aos sabados e que ussua das cirimonias dos Judeus e tal he ha publica uoz e fama na dita villa.

5.º Emtende prouar que persuadindo ho Reo luis dias a muitos cristãos nouos que se circumçidassem pollos mais atraher a si e lhe serem ho que dizia çircũçidou dous seus proprios filhos, hũ delles se chama anrique e outro manuel ho que elle Reo luis dias nõ nega antes ho confessa, e por mais trazer os cristãos nouos a si anda lançando fama, e asi ho diz pubricamente ha quem o quer ouuir que os ditos seus filhos lhe naçeram asi circũçidados e que por tanto elles se diuiam tanbem de circũcidar.

pelo que esta claro elle Reo ser herege apostata, da nosa santa fee catholica e posto que per muitas

uezes fosse amoestado todauia persiste em sua pertinacia sem se querer Reconsilliar com ha santa madre igreja. pede de todo ho sobre dito comprimento de Justiça. prouara ho neçesario somente ¹.

Relatório sôbre a apelação

Senhor — Ha appellaçã he iuridica e de Reçeber porque pellos erros contheudos no 2.º 3.º e 4.º artigos foy ho reo acusado neste feito velho e condenado e isto se mostra ser verdade pello dito feito e sentença e por tanto nom pode mais ser acusado destes casos cap. de his de acusation. et. l. qui de crimine eod. t.º.

E pello final artigo da circūçisam dos filhos similiter nom pode ser acusado por que pellos estormentos Juntos se mostra ho caso acontecer antes do mes de outubro de mil e bexxb (1535) ãnos nom pode ja ser acusado porque foy em ho tempo de que sua Santidade deu perdam igitur debet Judicari bene appellatum et apellationi fore deferendum quod cum expensis.

Com os quaes o feito foy concruso — *Antonio Rodrigues escrevy.*

Reçebo ha apellaçom por parte do apellamte jam posta pera o Jlustrissimo senhor ifante inquisidor geral e pera os deputados que com sua alteza despachom os cassos da santa inquisiçom e dou ao apelamte por apostollos penitenciaes estes autos no-uos e velhos e xx dias pera prosegujr. *Georgius Licentiatus* ².

¹ Processo n.º 16905, fl. 59.

² Id. n.º 16905, fl. 72.

V

Carta do Inquisidor Selaya a D. João III¹

Muy alto e muy poderoso Principe. rey. e Señor— muchas vezes e tenjdo pensamiento de dar cuenta a v. alteza de los negoçios desta çiuudad que tocan al santo ofiçio de la ynquisiçion contra la heretica prauedad. y. avn que algunas causas me movian. otras me an estoruado, hasta agora, por ser muy ofendida la dicha çiuudad por vasallos de. v. alteza, por que a lo que parece. segun el moujmjento de las personas que hizieron el ynsulto. avn que açertaron a hazer otra cosa de lo que pensaron, afrentaron al dicho ofiçio cuyo cargo a mj es cometido en estas partes, y asi me a seydo forçado de poner en obra en lo que estaua dudoso y de hazer saber la causa de mj estada en esta çiuudad a v. alteza y del agraujo que a ella e a mj se a hecho por vuestros vasallos.

Avra dos o tres años muy Poderoso Señor. que llego vn judio a vuestros reynos de estrañas tierras. Segun el publico, el qual fue tan cauteloso que en poco tiempo hizo mucho daño. y segun puedo çerteficar convertio a la perfidia judayca. y a las novelas que Senbro ynfinitas gentes de vuestros Reynos, y a creer que nuestro señor y redentor Jesu Christo no es Dios nj el mexias prometido, y que el dicho judio venja a dar buenas nuevas a los creyentes. y para dezir les que estoujesen aperçebidos para yr a reçebir al falso mexias que el pedrico. Porque vn rey hermano

¹ Arquivo Nac. da Torre do Tombo, *Gaveta* 2, maç. 1 n.º 46.

suyo los avia de leuar a tierra De promjssion. Sacandolos de vuestros reynos. y de otras partes. esta pres-tifera ponçoña Se a tendido tanto. que a llegado a estos Reynos, y como los malos que estan en la capi-tanja de luçifer por otros que ganan el mesmo Sueldo. Son sienpre fauorecidos, çiertos fugitiuos destes rey-nos culpados en esta nueva eregia, y con gente armada vasallos de .v. alteza. Salieron de la vuestra villa de campo mayor y entraron en esta çiudad. y forçosamente leuarou la hazienda que avian dexado y a vna muger que yo tenia mandado que nadie la pasase a vuestros Reynos por que asi satisfaziã, y con mucho menos preçio destes reinos, se tornaron a rēcoger a la mesma villa, tambien tengo ynformaçion que antes desto an lleuado haziendas, saliendo de vuestros reynos de la manera que tengo dicho. Suplico a vuestra alteza mande a sus justiçias hagan pesquisa destes ynultos pues no querran darse a la ynforma-cion que tomado tenemos, y que por las capitulaçio-nes hechas antre vuestros catolicos progenitores, mande vuestra alteza entregar los delinquentes. para ser punidos en este reyno donde cometieron el delito, para lo qual Suplico a vuestra alteza tenga ante los ojos de Su real conçiencia quan grauemente es des-seruido nuestro Señor dios quando es fauoresçido el pecado de la ynfedilidad, Segun se manifiesta en la Sagrada escritura cuyos exeuplos a prinçipe de tan alto entendimiento, es escusado referir, mas vna sola cosa quiero traer a la memoria a vuestra alteza que el Santo Job afirmo. que no avia pecado. y dixo verdad pues se lo mando asi publicar el spirito santo. Sabe-mos que por dispensaçion diujna siendo rey poderoso entre los orientales. vino a extrema pobreza y a ser desanparado de sus amigos. y en otras afliçiones gra-ues. Si siendo justo fue asi tentado de dios. rey muy

poderoso que deuen temer los que no cunplen Sus mandamientos y dan pernicioso consejo. y ponen por obra para fauoreçer a los culpados de ereges por que no sea executada la vengança del delito tan abominable como es el pecado de la eregia, y si para escusar su dañada yntinçion, oponen que los ereges a quien fauoreçen fueron bueltos del judaysmo. a la santa fee catolica contra su voluntad y que por eso nj los delinquentes. nj los que los fauoreçen no deuen ser castigados, no tienen razon justa a parecer de discretos. Por que los delinquentes avnque forçados reçibieron gran beneficio en reçeibir el Sacro Bautismo, y a quien fuerçan con su bien. no se puede dezir forçado, y segun doctrina de catolicos. no se puede consentir que ninguno aya de apostotar. avnque sea bautizado por fuerça. si la fuerça. es condiçional. Porque el que se tiene por buen Judio y tiene por buena su ley. pase lo que pasaron los macabeos. Sus fautores no tienen excusa. Pues no ay causa en el mundo. que escuse a los que de çierta çiençia fauoreçen sus delitos, y de los ereges de quien hablo. muchos reçibieron el santo bautismo antes que supiesen hablar, y si esta pestilençia no se cura Serenissimo Señor en vuestros reynos subçedera de generaçion en generaçion hasta la fin del mundo, y puesto que fuesen Judios sin bautisar estas nuevas ofensas que contra dios se cometen. Se devrian en personas de Judios castigar, que entre verdaderos judios semejantes delinquentes se tienen por ereges como personas que contradizen el seso literal de la blibia y cometen delicto en la misma ley de moysen. Porque muy poderoso Señor, ay tres maneras de Judios, los vnos se llaman carrynes, y otros Saduceos que niegan la resureçion de los muertos y otros talmudistas que subçeden a los fari-seos. cuya apostasia en otro tiempo ynfiçiono a castilla.

y agora ynfiçiona vuestros reynos catolicos, y los car-
raynes que son los que guardan la ley al pie de la
letra. llaman a los otros hereges de la ley de moysen
como a malos espedores del testo de la biblia, y la
santa yglesia a condenado el talmud como cosa escrita
en ofensa de Dios. y como glosas que no se pueden
premitir entre los que quieren guardar la ley de moy-
sen, los diçipulos deste Judio. y el con ellos an dado
falsos entendimientos a las profeçias que hablan del
verdadero mexias, aplicandolas con mucha osadia a
las vanidades que el dicho judio a dado a entender,
aprovando sacriligamente escrituras que la madre
santa yglesia tiene reprobadas, y por esto avnque no
fuesen bautizados los ereges de vuestro reyno. los
quales muy mas que publico profanan el nonbre de
iesus christo nuestro Saluador y redentor devrian ser
castigados comoviendose contra ellos los catolicos
pues del çielo a su causa el eterno Dios enbia muchas
adversidades, e ynfortunios al mundo, nuestro Señor
Jesus christo Dios verdadero y saluador nuestro cuya
Deydad estos nuevos hereges ofenden ensalçe vuestro
real estado por muchos Años y de vitoria contra yn-
fieles y mueva en este Santo tienpo el coraçon de
vuestra real alteza a castigar sus ynjurias. De la çiu-
dad de badajoz. a treynta del mes de março de mjll e
quinientos e veynte e ocho años. — muy alto y muy
poderoso prjnçipe Rey Señor — Vuestras reales ma-
nos, y pjes besa este humjlde Cappellã y sjervo de
vuestra alteza — *El Doctor Selaya* — *inquisidor*.

Sobrescrito: Al muy alto. y muy poderoso prin-
çipe. y Señor el rey De portogal.

VI

**Carta de D. João de Castro aos Lords
do Conselho Privado**¹

Excellentissimos Millores

A Vossas Excellencias tinha escrito o estado das cousas delRey Dom Sebastiam, preso nesta Senhoria e tratado como homẽ vil e sedicioso: com os argumentos e rezoens clarissimas que avia por elle. pedindolhes a assistencia da Serenissima Raynha; para que o Preso fosse visto e reconhecido por quem quer que fosse. Depois de ter queixado disto a V. Ex.^{as} os Senhores deste Governo constrangidos de Principes e Potentados por seus requerimentos e dos Portuguezes juntamente, que fizessem justiça, começaram caldamente a entender nesta causa: não se falando nesta terra em outra cousa. Ouve entre elles por rezøens dEstado tres opiniões differentes. Huma, que se não tratasse pollo presente da causa, mas que sobrestivesse até seu tempo. A segunda que fosse o preso despedido secretamente sem que se entremettessem no conhecimento de quem era. A terceira foy que fosse visto e reconhecido publicamente por quem quer que era. Occupados elles muito em resolução de tanta importancia, nacia grande moto nesta cidade: estando muy embaraçados e divisos pollos pontos

¹ Cópia do original existente no Record Office de Londres, *State Papers, Portugal*, vol. 3.º. (1599-1633). Acompanha o documento a tradução inglesa.

dEstado que se lhe representavam em qualquer opinião das trez que elegessem. Emfim prevaleceu a dos que o expedissem por hũ homem particular: mostrando que o não tinhã noutra conta. E assi mandarã ir o dito Preso diante dos Juizes a 15 deste e as 10 horas da noite: os quaes lhe notificaram que no termo de hũ dia se saisse desta Cidade, e dentro em tres de todo o Estado: so pena de gales e não prestando para ellas, de carcere perpetuo. A que entre outras cousas respondeu: que ao cabo de vinte cinco mezes de prisão o despediam daquella maneira: que aquellas palavras não se deziã a quem elle era: mas que elles o podião fazer pollo lugar onde estavão; que algũ tempo se arrependerião. Com isto o soltarão, vindo naquella mesma noite aas mãos dos Portuguezes que aqui faziamos por elle, dissenos que se punha em nosso poder, que o vissemos bem todo: que não o achando quem se elle fazia, que fizessemos delle justiça. Foy visto e conhecido de alguns de nos pollo verdadeiro Rey Dom Sebastian que em Africa se perdeu no anno de 1578. Dos quaes eu fuy hũ que o conheci, e assi o affirmo por tal a Vossas Excellencias debaixo da minha verdade e honrra. Elle esta tam demudado do que era quando desapareceu, que embaraçava muito toda a pessoa que o conhecia. Todavia tem todas as suas feiçoens naturaes, sinaes e proporção de membros, sem lhe faltar nada. falla e escreve portuguez correcto, pronunciando algũas palavras propriamente procedendo a corrução do costume de o fallar e do uso das outras linguas. Obedecendo ao breve termo se partiu com deliberação de ir a esse Reyno e a França. He hũ Rey Santissimo ornado de todas as virtudes merecedor por si; pollo sangue que tem da Serenissima Raynha; por enemigo capital do enemigo comum, a quẽ deseja reduzir em

cinza, de Sua Magestade Serenissima lhe dar sua mão real como a Principe saído de taes fortunas, e que sera instrumento de muyta paz e prosperidade desse Reyno e de toda a Christandade: pondo no cume Sua Magestade com tal obra todas as suas felicidades. Cuja gloria se devera a Vossas Excellencias que com seus conselhos e guovernos lhe acabaram gloriosamente sua Coroa com joya tam preciosa e eterna. Nosso Senhor as Excellentissimas Pessoas de Vossas Excellencias guarde e lhes de o seu mesmo coração para esta obra.

De Veneza 20 de Dezembro de 1600.

De Vossas Excellencias
Afeiçoadissimo servidor
Dom J.º de Castro

VII

**Dos noue Portugueses, que procuraram
em Veneza polla liberdade d'El Rei
Dom Sebastiam nosso Senhor ¹**

*Sobre Dom Joam de Castro, Author da Obra.
Livro Quinto.*

.....
*Da o Author conta de si ate o tempo em que
começou a ser estudante em Euora.*

Capitulo Terçoero

Saibam portanto os que isto lerem, que a mī me chamã Dom Joam de Castro: sou filho bastardo de Dom Aluaro de Castro, que foy do Conselho do Estado D'el Rey Dom Sebastiam, & Veador da sua fazenda: assaz conhecido no Reyno.

De minha mãy não faço mençam, porque nunca soube, nem quis saber quem foy, nam por me desprezar della, contra a ordenaçam de Deos: mas por entender que me não conuinha dar-me por achado dessa parte, senão da de meu pay, pera fazer o que deuia. E assi te o dia dhoje não sei nenhū parente da parte della.

Sendo de oyto annos pouco mais, ou menos (cau-

¹ *Obras de D. João de Castro*, tom. 18.º, Ms. da Biblioteca Nacional, cod. 4388 do fundo geral. A esta obra original antepuseram posteriormente, em folha de rôsto, este titulo: *Tratado dos Portuguezes de Veneza, ou Ternario, Senario e Novenario dos Portuguezes que em Veneza solicitarão a liberdade del Rey D. Sebastião.*

tella com q̄ sempre irei fallando & entendendo na minha idade, por não saber de certo, ao tempo que isto escrevi, o anno em que naçi: inda q̄ me parece que foy no de çincoenta, ou ao redor d'elle) fuy tirado do poder de minha Ama, & leuado pera casa da Senhora Dona Lianor Coutinho, minha Auoo, molher que foy do Senhor Dom Joam de Castro, Governador, & Visorrey da India, o primeiro do nome. Nella me criei te idade de algũs treze, ou quatorze annos, em a çidade de Lisboa. Da hy, me poseram no mosteyro de Nossa Senhora da Pera-longua, da Ordem de Sam Hieronimo, que esta ao pe da Serra de Sintra, çinco leguas de Lisboa: onde estaria algũs quatro, aprendendo, & ajudando aas Missas, vestido nũa roupetta comprida, da cor dos mantos dos Religiosos, mas sem capello: em lugar do qual trazia hũa gualteira do mesmo pano.

Indome eu ally fazendo homem, desejaua muyto que me posessem nalgũa Uniuersidade: pera o que nam achando eu nenhũ meo: aconselheime com hũ moço honrrado de Sintra, quasi da minha idade, que continuaua no mosteyro, por ser filho do Mestre das Obras do Infante Cardeal Dom Anrrique, chamado Manoel Carreira, pollo muyto que desejaua de ser Capucho, inda que aprendia o officio de Ourivez. Tam virtuoso, & deuoto: que o não sei encareçer. Como o qual, prouuera a Deos, que fora eu então, depois & agora: & bastauame.

Conçertados ambos de dous, fiz eu por sua via das minhas roupetas hũ pellote, & calções, & feytas duas trouxinhas de duas cubertas brancas em que eu dormia, com algũas cousas de linho, & nossos liurinhos: fogimos hũa noyte do dito mosteyro em o principio do verão do anno de sessenta & sete, se me bem lembra: com determinaçam de nos irmos a Sala-

manca. No dia seguinte não podendo nos com as trouxas, deixamos hũa no caminho, & torçemos muyto do nosso, por não sermos achados se nos buscassem: indonos embarcar a Sacauem pera Aldea Gallega. Nom se espantem de quam mal guiados hyamos quãto a nos, que auendo de ir pera Salamanca, tomamos pera Allem-Tejo. Porque como não fiamos nosso segredo de ninguẽ, & eramos dous moços sem sabermos nada do mundo: hyamos como dous passarinhos, saídos das gayollas, voando por i. Mas o Espirito Santo que nos guiava pera a sua Uniuersidade da sua inuo[ca]çam: feznos tomar direito pera ella, desuiandonos da outra pera onde cuydauamos que o hyamos.

De Aldea Gallega nos fomos a Monte Mor o Nouo, & delle partimos pera Euora, em o qual dia ouue hũ sol criz, se me não engano. Indonos ja muyto cansados por irmos a pé: achamos hũ arrieyro Castelhana q̃ se tornava com a sua recoua de vasio por ter ja vendido o seu trigo: o qual nos deu dous borrhinhos baratos, em que nos posemos. Mas elles segundo seu costume hyamse meter pelo meo dos outros, com não pequena vergonha minha, inda que ninguem me conheçia, nem hya em feiçam pera mo alguem mo estranhar.

Passando nos por Euora bem Norte Sul do nosso intento: pousamos em casa de hũ estudante, conhecido de meu Conpanheyro (o como Deos traça, & faz as merçes aos homês) chamado Iam Pinto, homem preto, natural de Congo, ou de Angola: mas bem branco nas partes por sua virtude, & prudenciã: o qual depois ordenado Saçerdote, se foy pera os seus naturaes. Elle nos aconselhou que não passassemos auante, porque naquellas Escollas aprenderiamos. Pareçendonos bem o conselho, começamos ambos de ir

ao estudo, pousando por algũs dias de graça na casa do dito estudante, onde dormiamos nũa esteyra, cobrindonos com a nossa cuberta, & sustentandonos com o dinheiro que meu Companheyro leuaua: depois delle usar com nosco em quanto hospedes, da cortezia com que podia.

Passados algũs dias, foy forçado allugarmos hũa camara, onde não auia mais que duas arcas muy grandes vazias, sobre que dormiamos com a nossa cuberta. Achamos no meo da casa hũa Cruz em pe, muy grande, tam alta como ella, & tam atochada por baixo, & por çima nos sobrados: que não a podiamos mouer. Disseramnos que hũ Disciplinante, o Penitente, a leuara na proçessam de Quinta Feyra de Endoenças; & que a deixara ally. Por certo que me quis Nosso Senhor mostrar a que eu auia de ter, & passar, & como a sua me auia de valer.

Passados algũs meses depois de estarmos em Euora, estando nos ainda na dita camara da Cruz: determinou meu Companheyro de se tornar pera casa de seu pay, como fez, metendose ao diante Capucho, ou Descalço, como desejava; de que não sei mais. Deixoume o dinheiro que tinha, (que não era muyto) tirando o que lhe era neçessario pera o caminho: & hũ pellote de sarja preta, forrado de bocaxim. Parece que se seruiu Deos delle, como de boy de iugo, pera me levar ally. E se eu quisera contar todas as minhas particularidades: não ouuera quem mo não acordara. Ca os iuizos de Deos foram muy grandes em mĩ des da minha mininiçe, até esta hora presente.

Fim
do 3. cap. do 5. liv.

*De como o Author foy estudante pobre em Euora:
& dos meos por onde o Deos tirou desta for-
tuna, & o fez Collegial, & do Cardeal.*

Capitulo quarto

Fiquei eu so, & sem nenhũ amparo, nem remedio de vida, sustentandome com o que me deixou o Companheiro, te se me ir acabando. Vendome naquelle estado, que ou auia de seruir a algum estudante, ou pedir poll'amor de Deos, não podendo acabar comigo que fosse criado de alguém: resoluime de ser Estudante pobre dos que pediam pellas portas. Todauia repunhandome tambem muyto isto a natureza: fuyme sustentando (por não poder acabar comigo chegar a isso) com hũ pão de rralla de cinco reis hũa somana: que eram os derradeiros que tinha.

No fim da qual não tendo ja com que uiuer: fuy constringido a começar de pedir, sem me poder ainda dobrar de todo: porque não pedia senão pellas portas dos mosteyros, & não pollas outras: nem de noyte como faziam outros estudantes pobres. Tinha eu isto por opinião de honra: & antes me deixara morrer, que fazello: por onde padeçia mais que os que o faziam. De maneira que nunca pedi a secular, nem inda a Ecclesiastico: porem recebia a esmolla que o Arçebispo de Euora, Dom Joam de Mello, costumaua dar cada semana aos estudantes pobres.

Fazendo esta vida algũs meses, & tam pobre como o diz o nome: hiame aa praça de Euora no tempo das Férias, lançar de noyte, ou muyto de madrugada, entre os ratinhos, & trabalhadores, com meu çesto, & faça nelle, pera me allugar pera as vindimas: donde fuy levado a primeira vez pera vindimar com os Reue-

rendos Padres da Companhia. Ora eu, por se me não gastar, e romper de todo o pellote, que me deixou meu compauheiro: & tambem porque vendome vestido de preto, me deixassem de allugar: virauao com o bocaxim pera fora por ser ja muy esbranquiçado. E ainda com tudo isto, depois de me leuarem, & esclareçer de todo o dia, em que me notauam o rosto, feições, & vestido: entendia em algũs que se arrependiam de me auerem tomado.

Andei nisto em quanto duraram as vindimas, ate se abrirem os Estudos no principio do anno seguinte das Escollas, onde esfarrapado, & remendado por mĩ; continuaua como dantes: andando pellos monturos buscando pedaços de sollas velhas com que remediaua as das botas, com algũs pontos que lhe daua ao meu modo. Por que como não pedia a ninguem, nem auia quem me desse dinheiro: & nos mosteyros, se não desse senão somente pão, & caldo com algũs sobejos de carne, & de peixe: não tinha com que comprar cousas nouas. Todauia os Padres da Companhia, repartião aas vezes, por nos os estudantes pobres, algũ dinheiro das multas dos de partido. O que me ajudou muyto a sustentar com pão & conduto, cousa boa, & limpa: foy hũ estudante criado do Inquisidor Frey Manoel da Veiga, cujo nome me não lembra.

Andando eu nesta vida, & sendo cada uez mais pobre, de maneira que não podia ja por mĩ allugar onde pousasse: me tornou agasalhar em sua casa o dito Iam Pinto, a quem eu fazia algũs mandados. Hũ dia dentro da Universidade deu comigo hũ Religioso de Pera-Longua, chamado Frey Luys de Lisboa, que me conheço: & foy logo auisar do que passaua, a Janne Mendez de Mendonça, Morgado da Oliueyra, que morreo na batalha de Africa: & a sua molher

Dona Britiz de Vilhena; se a memoria me não mente nos seus appellidos ¹. Os quaes deram logo ordem pera que hũ estudante seu criado me leuasse enganadamente a sua casa, como fez. Era elle condiscipulo de Ioam Pinto em cuja casa eu eutão moraua por amor de Deos; o qual estaua doente. Da qual occasiam aproueitandose o condiscipulo, disseme, que fosse com elle, porque queria mandar por mĩ algũs mimos ao doente. Fillo eu assi, indome com elle, sem sabeaonde hya. Como estiue na salla, saíram os ditos fidalgos da sua camara, & perguntarãme quem era, & como me chamaua; aos quaes encobrindome eu, & não lhes dizendo mais que o meu nome da Pia, com o sobrenome com que então me nomeaua: lançaram mão de mĩ, não consentindo que saísse mais de sna casa: tratandome conforme aa sua fidalguia, & virtudes. E logo apos isto, me meteram no Collegio dos Collegiaes aa sua custa: tam bem auiado, & prouido de vestido de Estudante, cama, & roupa de linho: como o melhor do Collegio: posto na primeira mesa, que era de quinze mil reis por anno, de que se pagaua logo no prinçipio, a metade. Enfim, que por este fidalgo, & fidalga, me tirou Deos da vida misera, & pedinta. Elle lho pague, & a todas as suas cousas.

Sendo o Infante Cardeal Dom Anrrique, que depois foy Rey, aduertido pellos Reuerendos Padres da Companhia de Jesu, do que passaua acerca de mĩ: tomoume por contemplaçam delles, por seu Collegial, no numero dos que elle sustentaua com opas em o dito Collegio. Da hy por diante fiquei Collegial do Cardeal da primeira mesa, sustentado como cada hũ do cõmũ dos seus: cujo ordenado era muy jizado, &

¹ O Morgado de Oliveira chamava-se Joane Mendes de Oliveira.

dependia de outras achegas, & extraordinarios, pera se poder de algũa maneira passar a vida de estudante sem se estar hũa pessoa reuoluendo sempre com comichões de neçessidades. Porque o Cardeal não daua mais cada anno, que hũa opa de Niorte, & hũs calções, & iaqueta do mesmo pano, sem nenhũ feytio, como eu trouxe muyto tempo. Algũs afeiçoauã isto segundo podiam. Daua mais de seis em seis meses hũ barrete, ou hũ tanto pera elle, que me agora não lembra: & hũas meas de estamenha, ou dous tostões pera ellas: tres camisas cada anno; & quatro vintens cada mes pera çapatos. Quando se abriam as Escollas, daua dous tostoens pera papel, tinta, & pennas, & algũs liurinhos de humanidade, de pouco preço, & poucos. Daua tambem botica aos doentes; mas não pagaua a despesa das doenças, que exçedia a contia da porçam de cada dia de cada hũ. Por aquy podem todos iulgar o que padeçeria quẽ não tiuesse mais abrigo que este, como fuy eu durante algũs annos.

Fim

do cap. 4 do 5. liu.

*Quam neçessitado, & deseparado foy no Collegio:
& de tudo quanto nelle veo a sobir.*

Capitulo quinto

Ora eu nalgũs seis, ou sete annos, nenhũa aiuda tiue de nenhũa parte: nem ainda quem por algũa festa se lembrasse de mĩ, como tinham todos os mais Collegiaes. No qual estado não padeçi pouco de vergonha, & incomodidades: sendo todauia sempre entretido, & ajudado por Deos, por meo de algũs fidalgos, & no-

bres do Collegio, com os mimos, & refrescos que tinhã, & extraordinario que faziam: conuiuandome sempre pera qualquer cousa que tiuessem. Foy o principal de todos Dom Fernam Martins Mascarenhas, que segundo ouui dizer, he hoje Inquisidor Mor do Reyno de Portugal, & Bispo do Algarue: dignissimo por seus mereçimentos, & partes em virtudes, letras, & fidalguia, de todo o Governo da Igreja. Coubeme em ventura ser seu companheiro algũs annos no Collegio; o que parece fizera de proposito os Padres da Companhia, pera meu remedio. Do qual não recebi somente muyta honrra, mas muytas merçes: ajudandome a passar a vida collegial, muyto melhor, que muytos abastados. Finalmente, viuia eu, (quanto de mĩ) tam neçessitado, & tam desabrigado: que estiuve muytas vezes pera deixar o estudo, & ir prouar fortuna pello mundo. E quando me ouue de fazer Bacharel em Artes, o dito fidalgo me fez o gasto pera o Grao: sem o qual não o podia tomar por minha grande pobresa.

Nam folgam muyto meus inimigos, viuos, & mortos, de me ouuir isto, pera lhes escusar o trabalho que tomaram em apregoarem, & imprimirem algũa pequenina da minha miseria, & pouquidade: nam sabendo elles, nem dizendo nada em comparaçam do que eu mesmo lhes estou contando. Pois ainda saberam muyto mais; estando eu tam longe de me enuergonhar agora disso como quando o passei: que me glorio muyto, & o escreuo aquy pera memoria das memorias.

Em quanto me durou a prouisam com que me meteram no Collegio, o fidalgo, & fidalga nomeados acima, não chegei aas neçessi[da]des que depois. Mas gastada pello tempo: vim a não ter hũ lenço em que me açoasse, nẽ lançois em que dormisse. Ca em algũs

quatro meses que estive em cama, no começo do segundo curso das Artes: hū famulo do Collegio me emprestava os seus, por estarem os meus todos rotos, & espedaçados: sem ter outra cousa de linho, que as tres camisas do Cardeal.

Roupão, não tinha outro, q̄ o que eu fazia da minha opa velha: nem mais vestido que a opa. E por isto, & por não¹ ter que gastar, nam me desfadava como os demais Collegiaes, dos quaes o seu ordinario exerciçio era a pella, iugando as chachas, & a barreira: iogos que nunca iugei, nem aprendi, por não ter com que poder aparecer em corpo, nem isso que se iugava. E o que mais he, milhares de vezes deixava de me desfadar a françar, por se me não romperem as sollas. Ao campo por hū, & mais dias, como faziam outros, deixava de ir por falta de vestido, & de despesa. Ate, quando o Reytor leuava todos os Collegiaes a esperecer pellas hortas de Euora: as mais das vezes eu me deixava ficar no Collegio, por não ter que despender, & por escusar a vergonha. O que eu não sentia pouco, nem me custava pequena dor, nem poucos pensamentos.

No Collegio estaria algūs onze annos, pouco mais ou menos, ate o terceiro de Theologia; tendome agraduado em Mestre em Artes aa custa de meu pay. Depois de andar nella, me mudou o Cardeal por parecer dos Padres da Companhia a opa em manteo & roupetta, sendo já meu pay morto; & me deu hū beneficio simples em Sam Giam da Silua, termo de Valença do Minho, a que lá chamam Abbadia sem Cura: & iuntamente hūa Conegia na Igreja Collegiada da dita

¹ Neste ponto termina a página e no alto da seguinte lê-se: *Quaderno Vinte e tres em borrão, dos Portugueses de Veneza. Análogos dizeres se repetem no fim de cada caderno.*

Villa, que por ser cousa muyto pouca, não tomei posse della. O beneção me rendia çem cruzados dante mão: as letras do qual foram expedidas em Roma por ordem do Cardeal, & aa sua despesa: despendando elle comigo com os mayores faoures dos seus Indultos, pera eu poder ter bens da Igreja, por causa da minha bastardia.

Tambem Dom Joam de Castro, Capellam Mor D'El Rey Dom Sebastiam, me ouue hũa pensam de çincoenta cruzados, em hũa Igreja da sua apresentação, negociados por Dom Fernando de Castro seu sobrinho, & meu Condisçipulo nas Artes. De modo que quasi toda minha vida em Portngal, me sustentei aa custa de Deos, & com o patrimonio da sua Igreja: começando em Pera-Longua, & indo participar em Euora das rendas do seu Arcebispado: iuntamente com esse pouco que tinha dos bens da Igreja: Desejara muito saber se Sam Giam da Silua he sam Iulliam o Pobre: por q̃ me fica então ainda muyto maes mysterioso.

Por remate da minha pobreza collegial, contarei o que pode ser não tenha ainda aconteçido atégora em nenhũa Uniuersidade. E he que nos primeiros sete, ou oyto annos, não fuy nunca aas Ferias, nem dormi fora do Collegio em todo dito tempo, que algũas quatro noites; & mais ainda essas, interpoladas nesse largo espaço, não sendo duas iuntas. Naçendo este extremo escolar de miha rara pobreza, assi por não ter onde ir: como tambẽ nem comodidade pera o fazer.

Nam era esta pequena occasiam pera vir a ser muy grande estudante, & letrado, se continuara como começeí. Mas o amargor das minhas neçessidades, & o pouco fauor pera crescer nas Letras: me botaram de maneira o appetite dellas; que o vim de todo a perder, não auendo cousa que me mais enfadasse, que o seu

exercício, & continuaçam: não sabendo ja quando me veria livre. Tanto se muda a natureza humana; & mais na força da mancebia. E assi depois de sair do estudo, não se passaram poucos annos, em que não podia tomar hũ liuro nas mãos pera ler.

Todauia depois de andar algũs ca por estas partes: me amodoreço Deos o iuizo de maneira, & me deu tal vontade, & curiosidade dellas: que se as tornara a seguir, & a continuar: não somente recuperara o que perdi: mas ainda fizera hũ grande progresso.

Fim

Do 5. cap. do 5 liv.

Como sayo do Collegio de Euora

Capitulo Seisto

Crecendome no Collegio o fastio do estudo; determinei no anno de setenta & oyto, de o deixar, & de me ir com o achaque das Ferias, meterme secretamente Cartuxo em Castella. Por onde comecei a espalhar pellos Collegiaes que não auia de tornar mais ao Collegio: sem todauia descobrir a nenhũ delles o meu fim. Neste veram trabalharã muyto comigo os Padres da Companhia que fosse almotaçer dos estudantes, offiço que eu auia seruido por vezes. Os quaes chegaram a tanto: que o Padre Doutor Molina, Lente de Prima de Theologia, tam grande Letrado como Religioso: foy ter comigo algũas duas vezes ao Collegio, a me pedir muyto que quisesse azeitar, & servir o dito carrego. Mas eu como estaua resolutto comigo de fazer o que tenho dito: não poderam elle nem os de mais Padres acabar isso comigo.

Enfim, esperando eu pollo termo do tempo pera por ã effeyto minha resoluçam: visitoume Deos com

hũa doença grauissima de febres continuas, de que estiue aa morte: mostrando Deos claramente nisto não lhe ser açeito o meu intento, por me não ver disposto conforme aa vida que queria tomar. Como sarei, & conualeçi: vendo q̃ não podia fazer o meu caminho, determinei de me ir a Lisboa, & fazerme Religioso no reyno; o que tambem não pude executar por amor da desaventura de Africa, & por causa de hũa demanda sobre a minha pensam.

Chegada a hora de me partir do Collegio pera Lisboa, no mes de Agosto de setenta & oytto, tendo ja a encaualgadura aa porta, & despedido dos Collegiaes: fuy-me despedir do Padre Reytor que então era. O qual me disse da parte dos Padres, que não tornasse ao Collegio: mas que aa Uniuersidade podia tornar, & estudar nella se eu quisesse. Não me deu nenhũas culpas, nem me disse o porque, nẽ outra algũa mais palaura. Eu tambem nenhũa lhe respondi; nem fiz sobre isso nada depois, nem dei hũ passo, nẽ fallei a alguẽ pera algũ recurso, como quem não tornaria ao Collegio por nenhũ preço da vida, resolutissimo disto, muito antes.

Dos Padres me não quexei nunca a algũa pessoa, nẽ descobri isto a ninguẽ, ate dia d'hoje; nẽ fallara nisso agora, nem em algũ tempo, se os mesmos Padres o não publicaram. Quanto aos meus procedimentos em quanto estiue no Collegio: estou pollo que disseram de mĩ todos os collegiaes do meu tempo & todos os estudantes da Universidade que me conheciam, sem lhes por algũa sospeiçam. E se ouuer algũs ainda viuos desse tempo, quando isto apparecer: nelles me louuo sem mais iustificações. E protesto diante de Deos, que nunca fuy tam amigo dos ditos Padres, & de toda sua Religiam; como depois disso, & como o sou agora. De que não quero outras testemunhas que

os Portugueses, & estrangeiros, que me conhecerã, & conhecem ca por estas partes. Em tanto que não çedo a nenhũ Religioso da Companhia, no amor, desejos, & bons offiços pera com toda a sua Ordem.

E se o mundo me não crer isto: espere hũ pouco ate sair a luz hũ liuro que compuz de algũas Ordens, sendo a sua hũa dellas; & vera quam verdadeiro sou no que digo, nessas pequeninas mostras, & nesse pouco que fallo delles, sem chegar nada ao que lhes quero, & desejo. Confesso que em quanto estiue no Collegio, não lhes fazia muyto a vontade, nem os sabia ganhar como lhes deuia, & me conuinha. O que naçia de ser mançebo, & de ter a idade, & condição muyto verdes. Que se eu então fora maduro: não viera amodreçer ca por estas partes: nem a saber por mĩ, & aas minhas custas, o muyto que lhes deuo, & o muyto que elles mereçem sem termo nẽ conto.

Fim

Do cap. 6 do 5. liu.

*Continua com o progresso de sua vida, ate se perder
com o Senhor Dom Antonio em Portugal:
indo ho depois buscar,
& seguindo ho, te o deixar em Inglaterra.*

Capitulo Setimo

Quando cheguei a Lisboa, chegaram juntamente as nouas do desbarato de Africa, pousando em casa de meus irmãos, que tinham ido com El Rey Dom Sebastiam, dous dos quaes morrerã na batalha, escapando o mais moço, que depois se resgatou, soçedendo na casa de meu pay. Dos quaes, & de Dom Fernando de Castro seu irmão mais moço, & da Condessa de Mira sua irmãa, reçebi sempre muytas

honrras, & obras dinas delles. Detiueme ahy ate o fim do verão de setenta & noue, em que me parti pera a minha Abbadia sem Cura.

Nella dando ordem aas minhas cousas: me deliberei de nouo a me ir no anno de oytenta fazer Car-tuxo a Castella. Mas he muyto de notar: que estando firmissimo nisto, com muyto gosto, & vontade, sem algũa imaginaçam de poder tornar ally em algũ tempo. Fiz muy grande quantidade de versos em Portugnes, a que era dado, despedindome nelles do Minho: nos quaes me annunçei por muytas vezes, sem saber o que dizia; todos os trabalhos que me depois vieram i são particularizados, se não em grosso: mas muy grandes. E cheguei a dizer nelles: Que jamais teria gosto algũ, nẽ descanso, (cousa q̃ melhor me lembra, que o que hoje fiz) senão quando o tornasse a ver. Sendo o meu proposito tudo ao contrario disto, sem me passar por algũ cuydo, poder tornar a elle. Parece que quis Deos, que profetizasse eu mesmo contra mĩ. Dous versos sos me lembram dos q̃ fiz: hũ dos quaes he: (fallando com o rio Minho sobre as desauenturas que me estauam por vir) Calome por q̃ não digais que adiunho. O outro sobre o mesmo proposito dizia assi: Que quem não pode co bem: possa co mal.

Mas o mysterio não pequeno esta; que me parece por algũas apparencias de profeçias, que no tempo desejado hei de tornar por merçe de Deos a Portugal, & desembarcar em Entre-Douro-Minho, por onde tãbẽ El Rey Dom Sebastiam, parece que ha de começar a restaurar, & tomar posse do seu Reyno. O que se assi acontecer: por çerto que fallou Deos em mĩ naquelle tempo.

Prestes eu pera me ir aa vida Religiosa: começarõ a correr nouas como El Rey de Castella vinha com grande exercito pera se fazer senhor de Portugal. O

que entendendo; determinei de me ir achar na sua deffensão, inda que não eram as armas de minha proffissam, & hya contra a minha resoluçam. Fazendo conta que dandonos Deos vitoria: a iria por obra. Depois que andei nos estudos, acenderamseme tanto os desejos da guerra com as historias dos Romanos, & das outras nações, & em espeçial com os feytos e armas dos nossos Portugueses: que deixaua muytas vezes de estudar, por me por a cuydar nella fingindo mil venturas vans de imaginações. E creçeome de maneira esta inclinaçam: que escreui a meu pay no tempo da armada do Senhor Dom Duarte, ou quando El Rey Dom Sebastiam passou a primeira vez a Africa: que me quisesse leuar comsigo. O que elle disse a Manoel Coresmo, ou a Miguel de Moura, ou a ambos, como seus amigos, queixandose de mī, & tendome por descabeçado. E com muyto mayor razão do que se pode encareçer. Mas tragoho pera mostra da troca do amor das letras, no das armas.

Finalmente eu me parti, & me fuy ao Campo de Alcantara onde me perdi com a cabeça. E de tal modo se me pegou o partido da Patria: que determinei de morrer, & acabar nelle. E assi fuy duas vezes do Reyno a França, buscar o Senhor Dom Antonio, com muy grande zello da sua liberdade, & sem nenhũa cobiça: mas com ardentissimo desejo de fama. Conforme a isto não lhe pedi nunca merçe algũa, nem papel de lembrança, como quasi todos fizeram. Nem tiue em sua companhia tal desconto na vida: que por amor doutro tal, haja ninguem de dar hũ passo, nem terme algũa inueja, por mais que os do liuro diffamatorio, leuantes grande poeira.

Tudo o demais que me toca pera com o dito Senhor: tenho abreuiado no Epitome atras da sua vida, & em algũas das minhas Obras: por onde não tenho

que deter aquy. Todauia sejam aduertidos, que não poderei deixar em algũs lugares de repetir breuemente algũas cousas, ou por amor do fio da historia, ou por serem muyto necessarias; como tãbem por outro algũ bom respeyto.

Perdendo eu de todo o gosto de seruir o dito Senhor por seus indinos proçedimentos: cuydaua muytas vezes sobre o remedio; achandoho tam impossuiel, que me saltaua a fantasia noutra impossibilidade mayor, como era desejar que resusçitasse Deos a El Rey Dom Sebastiam. E dizia eu comigo: que se elle em minha mão me posera, poder resusçitar hũ morto: nenhũ outro resusçitara que o dito Rey. De que o mesmo Deos trago por testemunha, & de muito mais ainda.

Enfim desenganandome de todo em Inglaterra do q̃ podia esperar do Senhor Dom Antonio: lhe pedi liçença no Conselho pera me retirar do seu serutço. A qual dandoma logo, & ratificandoma ainda depois pera çerto tempo: quebroume de ambas as vezes sua palaura, & me reteue. Polla qual razam me parti pera França sem o elle saber, como conto açima, & no Discurso da Vinda do sempre bem Vindo, & apparecido Rey: & muito mais largo na Reposta ao Libello Diffamatorio ¹.

Fim
do cap. 7. do 5. liu.

¹ O *Discurso* foi dado à estampa em 1602, em Paris, a *Resposta* tem por título: *Tratado apologético contra a Resposta dos Tres Estados*, ficou por imprimir, e acha-se no tom. 15.º das suas *Obras*. Tambem no tom. 19.º, *Remonstrança aos ministros del Rey Christianissimo*, se encontram informações biográficas.

*Conta o Auctor o como deu na marauilha D'El Rey
Dom Sebastiam: fazendo iuntamente menção
de D. Antonio de Meneses, & de Santos Paez.*

Capitulo Oytauo

Posto em Paris com Dom Antonio de Meneses, Santos Paez, & Manuel Vaz de Vargas, no verão de oytenta & sete: determinei fazer hũ bom seruiço a Portugal, auendo quem o quisesse: Pera secreto effeito do qual, traçei comigo só, de fazer (vou entrando na Nossa materia Diuina, & Real) El Rey Dom Sebastiam viuo, com que encobrisse o que queria cometer.

Hũas das ajudas prinçipaes, de que me cuydei valer pera este fim: eram iuizos de Astrologos, & algũs ditados indifferentes, que eu pretendia troçer, prouando com elles ser El Rey D. Sebastiam viuo: & com a opinião, & apparencias que disse ouue des da batalha de Africa: com o que embaraçasse no prinçipio os iuizos dos homẽs, em quanto se leuedaua e fundamento secreto.

Ora Deos, como infinita Sapiençia, do fim que eu tinha pera enlear: tinha elle determinado de se seruir, pera meo de renouar a memoria, & verdade do dito Rey, & mostrar como era viuo, & que auia de appareçer. E assi o fez suauissimamente. Porque reuoluendo eu curiosidades pera o meu intento: elle executou o seu abrindome os olhos de maneira, que uehũa cousa me parecia mais clara, nem mais çerta, que ser El Rey Nosso Senhor viuo, & auer de appareçer. Isto, com tanta firmeza, & constançia, que em mĩ pos: que não ouue desde então ate agora, cousa, que me podesse abalar, nem fazer duuidar disso.

E he muyto de ponderar, que me não mudou o sogeyto do gosto, & zello, de seruir Portugal: mas por